



**Universidade de Brasília  
Instituto de Letras  
Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas  
Programa de Pós-Graduação em Linguística**

**GOIÁS NA PRIMEIRA PESSOA DO PLURAL**

**Shirley Eliany Rocha Mattos**

Brasília – DF  
Março de 2013



**Universidade de Brasília  
Instituto de Letras  
Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas  
Programa de Pós-Graduação em Linguística**

**Shirley Eliany Rocha Mattos**

**GOIÁS NA PRIMEIRA PESSOA DO PLURAL**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas do Instituto de Letras da Universidade de Brasília para a obtenção do título de Doutora em Linguística.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Marta Pereira Scherre

Brasília – DF  
Março de 2013

## **GOIÁS NA PRIMEIRA PESSOA DO PLURAL**

**Shirley Eliany Rocha Mattos**

### **BANCA EXAMINADORA**

#### **Membros titulares**

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Marta Pereira Scherre  
(Orientadora – UnB/UFES)

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Tânia Ferreira Rezende Santos  
(UFG – Goiânia)

Prof. Dr. Sebastião Carlos Leite Gonçalves  
(IBILCE/UNESP – São José do Rio Preto)

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Heloísa Maria Moreira Lima Salles  
(UnB – Brasília)

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Rozana Reigota Naves  
(UnB – Brasília)

#### **Membro Suplente**

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ulisdete Rodrigues de Souza Rodrigues  
(UnB – Brasília)

O goiano da gema vive na cidade com um carro-de-boi cantando na  
memória.

TELLES, José Mendonça. Ser goiano.

## AGRADECIMENTOS

Muitas pessoas contribuíram para esta pesquisa, mas agradeço algumas delas particularmente generosas:

A professora Dra. Marta Scherre, genuína orientadora, competente, incansável, admirável. A ela minha profunda gratidão!

A professora Dra. Heloísa Maria Moreira Lima de Almeida Salles, do LIP/UnB, pelo apoio certo e pelo exemplo de profissionalismo em todas as oportunidades.

A professora Dra. Tânia Ferreira Rezende, da UFG (Letras), pela confiança no valor deste trabalho e pelas sugestões valiosas por ocasião da qualificação da tese.

A Dra. Myriam Christina Rodrigues, pelo apoio profissional e pela companhia fraterna em momentos difíceis.

A amiga Almerinda Garibaldi, uma goiana orgulhosa de sua origem, pelo entusiasmo transmitido ao saber da pesquisa e pela ajuda com a amostra.

A Caroline Cardoso, pela disposição contínua de ajudar no que foi preciso.

Ao Raphael Augusto Oliveira Barbosa, Rosana Fonseca, Angélica A. Gomes Malta e Layssa Gabriela A. e Silva, por me ajudarem grandemente na montagem da amostra com entrevistas com o segmento etário mais jovem.

A Laudiceia Oliveira Rosa, a quem sou grata pelo auxílio grandioso com as entrevistas, as transcrições e os mapas.

A Geruza de Souza Graebin (UnB) e Laryssa da Silva Cardoso (UniEVANGÉLICA) pela cessão de algumas entrevistas para a composição da amostra de pesquisa.

A minha família e aos colegas de trabalho, pelo apoio inestimável durante esta jornada.

## RESUMO

Esta pesquisa trata da primeira pessoa do plural na fala goiana. Serviu-se do instrumental teórico e da metodologia da Sociolinguística Variacionista Laboviana, da leitura de registros históricos e de descrição etnográfica. Apresenta resultados estatísticos concernentes à alternância de uso das formas *nós* e *a gente* e à concordância verbal com cada uma delas. No total de 2412 dados de 55 pessoas com um mínimo de 10 anos de escolarização revelou-se, relativamente aos cálculos para alternância das formas, uma frequência de 77% de *a gente* e de 23% de *nós*, um perfil de uso semelhante ao que vigora no restante do país segundo pesquisas sociolinguísticas. Referentemente à não concordância verbal com as formas de 1pp, foi encontrado um percentual de 22% de singular verbal com *nós* e de 3% de plural verbal com *a gente*. A dimensão da não concordância verbal com *nós* na fala de pessoas com mais de 10 anos de escolarização caracteriza uma identidade linguística vinculada à matriz cultural de base rural, fortemente valorizada em Goiás. Em sua história, por um longo intervalo de tempo, os goianos mantiveram pouco intercâmbio socioeconômico com os centros dinâmicos do restante do país e seu processo de urbanização se deu mais acentuadamente somente a partir da segunda metade do século XX, em consonância com a criação de uma nova capital para o Estado, Goiânia, e uma nova capital para o país, Brasília, incrustada em seu território. Os resultados estatísticos realizados pelo programa Goldvarb X para não concordância verbal com *nós* apontaram a influência da variável *ritmo*, no sentido da esQUIVA ao vocábulo proparoxítono; e das variáveis sociais, *faixa etária*, *nível de escolarização* e *sexo/gênero do falante*, apontando os mais jovens, os falantes com até 10 anos de escolarização (Ensino Médio) e as mulheres como francos favorecedores do singular verbal com *nós*. Essa configuração faz supor uma mudança linguística em Goiás rumo a um aumento da não concordância com *nós* (*change from below*). Os resultados para não concordância verbal com *a gente* apontaram a influência das variáveis *tipo de sujeito*, com o tipo não expresso favorecendo o uso de *{-mos}*, uma eficiente estratégia de manutenção da referência; *ritmo*, com a tendência da conversão de um verbo oxítono em paroxítono, o padrão mais abrangente na língua; *tempo verbal*, com favorecimento de uso de *{-mos}* em casos de futuro do presente e de pretérito perfeito; *sintaxe da oração*, com destaque para os contextos de oração principal; e *faixa etária*, com os falantes mais velhos favorecendo o plural no verbo. Os resultados para a alternância de uso das formas, com o foco no *a gente*, apontaram *tempo verbal*, com o pretérito imperfeito favorecendo essa forma; *ritmo*, com a tendência da manutenção da paroxitonicidade; *expressão do sujeito*, com o tipo expresso favorecedor; *faixa etária*, com os mais jovens tendencialmente mais favoráveis; *nível de escolarização*, com o favorecimento de *a gente* na oralidade dos falantes com até ensino médio e *sexo/gênero do falante*, com as mulheres favorecedoras do *a gente*.

**Palavras-chave:** Sociolinguística Variacionista, primeira pessoa do plural, concordância verbal, alternância de uso, identidade linguística.

## ABSTRACT

This research focuses on the use of the first person plural in the speech of speakers from the state of Goiás, Brazil. The study is supported on the theoretical assumptions and methodology (Goldvarb X) of the Variationist Sociolinguistics of a Labovian base, as well as on the historical registries and ethnographic descriptions. This paper presents statistical results on the alternation of the pronoun 'nós' (we) and the pronoun form 'a gente' (we), and the subject-verb agreement for each of them. A total number of 2412 tokens derived from the speech of 55 people with at least 10 years of formal schooling revealed that related to the alternation of both pronouns there is 77% of 'a gente' and 23% of 'nós'. According to sociolinguistic studies, this configuration is similar to the ones in the rest of the country. Regarding the non subject-verb agreement, when using the first person plural forms, the results were: 22% singular verbal inflection with 'nós' (we), and 3% plural verbal inflection with 'a gente' (we). The dimension of non subject-verb agreement with 'nós' by the people who had more than 10 years of formal schooling characterizes a linguistic identity based on cultural country origins, which are highly praised in this State. In its history, for a long period of time, Goiás maintained a lack of social and economic exchanges with the dynamic centers throughout the country. As a matter of fact, its urbanization process had increased more emphatically during the second half of the 20<sup>th</sup> century while a new capital city for the State (Goiânia) and a new capital city for the country (Brasília which is located in the state's territory) were settled. The statistical results of Goldvarb X for non subject-verb agreement with 'nós' (we) indicated the variable *rhythm* which points to the avoidance of the proparoxitone term (a word with the accent on the antepenultimate syllable); as well as the social variables, *age group*, *schooling* and *gender* indicating the youngest, the speakers with up to 10 years of schooling and the women as the truly supporters of the singular verb with 'nós' (non-agreement). This arrangement presumes a linguistic change in Goiás increasing the non subject-verb agreement with 'nós' (change from below). The results for non subject-verb agreement with 'a gente' pointed out the linguistic variables *type of subject*, *rhythm*, *verb tense*, and *clause type*, likewise the social variable, *age group*. Concerning the alternation of first person plural forms by the native speakers of Goiás, focusing the *a gente*, the following linguistic variables stand out: *verb tense*, *rhythm*, and *type of subject*. Furthermore, the following social variables were emphasized: *age group*, *schooling*, and *gender*.

**Keywords:** Variationist Sociolinguistics, first person plural, subject-verb agreement, pronoun alternation, linguistic identity.

## LISTA DE ABREVIATURAS

1pp – Primeira pessoa do plural

CV – Concordância Verbal

PB – Português Brasileiro

PE – Português Europeu

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

RIDE – Região Integrada de Desenvolvimento

SEPIN - Superintendência de Estatísticas, Pesquisa e Informações Socioeconômicas

SEPLAN – Secretaria de Estado de Gestão e Planejamento

PIB – Produto Interno Bruto

ICMS – Imposto sobre Circulação de Mercadorias

DAIA – Distrito Agroindustrial de Anápolis

MEC – Ministério da Educação

UEG – Universidade Estadual de Goiás

UFG – Universidade Federal de Goiás

IFG – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

IBOPE – Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística

UBE –GO – União Brasileira de Escritores Seção Goiás

DM – Diário da Manhã



## LISTA DE FIGURAS e MAPAS

Figura 1: Construção do Palácio do Governo na nova capital (1937) .....	42
Figura 2: Fachada da Pousada <i>Nóis Hospeda</i> na cidade de Pirenópolis – GO .....	54
Mapa 1: Estado de Goiás: regiões de planejamento .....	22
Mapa 2: Região do Entorno de Brasília .....	23
Mapa 3: Estado de Goiás: Divisão Política .....	29
Mapa 4: Goiás em dois momentos da história do Brasil .....	36
Mapa 5: Percurso da Estrada de Ferro Goiás com base em Araguari (MG) .....	39

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Estratificação social da população pesquisada .....	21
Tabela 2: População de Goiás no século XIX por grupo étnico .....	34
Tabela 3: População goiana apurada no primeiro recenseamento oficial de Goiás em 1873..	57
Tabela 4: Percentuais de não concordância verbal com <i>nós</i> e com <i>a gente</i> em algumas pesquisas do PB .....	79
Tabela 5: Distribuição dos dados amostrais por tipo de sujeito e por desinência verbal na amostra goiana .....	81
Tabela 6: Percentuais de não CV com <i>nós</i> na fala goiana .....	82
Tabela 7: Efeito das variáveis selecionadas para não concordância verbal com <i>nós</i> na fala goiana .....	84
Tabela 8: Efeito da variável <i>ritmo</i> selecionada na rodada para não concordância verbal com <i>nós</i> na fala goiana .....	86
Tabela 09: Efeito da variável <i>ritmo</i> selecionada para análise da não concordância verbal com <i>nós</i> na fala de pessoas com mais de 11 anos de escolarização em Goiás .....	87
Tabela 10: Efeito das variáveis sociais selecionadas para análise da não concordância verbal com <i>nós</i> na fala goiana .....	89
Tabela 11: Efeito das variáveis sociais selecionadas para análise da não concordância verbal com <i>nós</i> na fala de pessoas com mais de 11 anos de escolarização em Goiás .....	90
Tabela 12: Cruzamento, em termos percentuais, das variáveis <i>faixa etária</i> e <i>nível de escolarização</i> para análise da não concordância verbal com <i>nós</i> na fala goiana .....	93
Tabela 13: Cruzamento, em termos percentuais, das variáveis <i>faixa etária</i> e <i>sexo/gênero do falante</i> para análise da não concordância verbal com <i>nós</i> na fala goiana .....	95
Tabela 14 - Efeito das variáveis sociais selecionadas em rodada sem dados de pretérito imperfeito e desconsiderando <i>ritmo</i> para análise da não concordância verbal com <i>nós</i> na fala goiana .....	99
Tabela 15: Distribuição dos dados de <i>a gente</i> por tipo de sujeito e por desinência verbal na amostra goiana .....	102
Tabela 16 - Efeito das variáveis selecionadas para não concordância verbal com <i>a gente</i> na fala goiana ( <i>a gente</i> + {-mos}) .....	104
Tabela 17: Efeito da variável <i>faixa etária</i> para não CV com <i>a gente</i> na fala goiana .....	107
Tabela 18: Percentuais de uso de <i>nós</i> e de <i>a gente</i> no PB .....	109
Tabela 19: Percentuais de uso de <i>nós</i> e de <i>a gente</i> entre pessoas com Ensino Superior no PB de diversas regiões brasileiras .....	110
Tabela 20: Efeitos das variáveis selecionadas para a forma <i>a gente</i> na análise da alternância <i>nós</i> vs. <i>a gente</i> em Goiás .....	111
Tabela 21 – Efeito da variável <i>ritmo</i> , em pesos relativos, para o contexto de desinência verbal zero (singular) com 1pp em Goiás .....	114

Tabela 22 – Efeito da variável <i>ritmo</i> , em pesos relativos, para o contexto de desinência verbal {-mos} (plural) com 1pp em Goiás .....	115
---	-----

## **LISTA DE QUADROS**

Quadro 1: Identificação social dos informantes da amostra de fala de Goiás .....	19
Quadro 2: Eventos anuais relacionados ao agronegócio em Goiás .....	45

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>14</b>
<b>CAPÍTULO I – OS DADOS LINGUÍSTICOS DE PESQUISA .....</b>	<b>18</b>
1.1. A Constituição Da Amostra E Sua Representatividade .....	18
1.2. A Seleção Dos Dados .....	25
<b>CAPÍTULO II – A COMUNIDADE DE FALA DE GOIÁS.....</b>	<b>28</b>
2.1. Informações Gerais .....	28
2.2. Aspectos Demográficos .....	32
2.3. Aspectos Históricos.....	35
2.4. Aspectos Da Evolução Econômica E Da Representação Da Modernidade .....	37
2.5. Cultura E Identidade .....	43
2.6. Língua Portuguesa Nativizada .....	52
2.7. O Desenvolvimento Da Educação Formal Em Goiás .....	56
<b>CAPÍTULO III – PRESSUPOSTOS TEÓRICOS E SUPORTE QUANTITATIVO.....</b>	<b>61</b>
3.1. O Variacionismo Laboviano .....	61
3.2. O Modelo Quantitativo .....	65
<b>CAPÍTULO IV – A PRIMEIRA PESSOA DO PLURAL EM GOIÁS.....</b>	<b>70</b>
4.1. As Hipóteses De Trabalho E As Variáveis Sociolinguísticas .....	70
4.2. A Análise Quantitativa Dos Dados .....	78
4.3. A Continuação Desta Pesquisa.....	118
<b>CONCLUSÕES.....</b>	<b>119</b>
<b>ANEXO A – Contextos da construção de Goiânia .....</b>	<b>131</b>
<b>ANEXO B – Crônica: Ser goiano.....</b>	<b>135</b>

## INTRODUÇÃO

Duas motivações mais destacáveis deram origem à nossa decisão de investigar a fala goiana: a peculiaridade de uso cotidiano de singular verbal com *nós* por parte de pessoas com alguma escolaridade ou mesmo com formação universitária e a escassez de estudos variacionistas sobre a primeira pessoa do plural em Goiás.

Cogitamos que aspectos da cultura goiana constituídos ao longo dos anos pudessem estar relacionados a peculiaridades linguísticas locais. Empreendemos então a leitura de obras sobre as origens do estado e sua evolução histórica, de obras de descrição linguística e sociológica e de obras da literatura goiana. Em paralelo, iniciamos a observação e descrição de aspectos materiais e imateriais da cultura local e a composição de uma amostra de fala a fim de investigar e compreender tanto o uso de *nós* com verbo no singular por parte de pessoas com nível de escolarização mínimo de 10 anos de estudos quanto outros aspectos relacionados à primeira pessoa do plural (doravante 1pp) na região, como a alternância *nós/a gente* e a concordância verbal com *a gente*.

Ao estudo sociolinguístico de base variacionista, como é nosso caso, não é estranho valer-se concomitantemente do qualitativo e do quantitativo, pois se a base quantitativa abstrai o fenômeno linguístico em termos numéricos, a base qualitativa tem a função de reinseri-lo na realidade a que pertence, compreendê-lo à luz de seu contexto, nos termos do que Sankoff (1988a) denomina abordagem interpretativo-descritiva.

O estudo sobre primeira pessoa do plural é um dos que apresentam evidências relevantes de diferenciação entre o português do Brasil (PB) e o português de Portugal (PE), tanto relativamente às frequências de uso do *nós* e do *a gente* quanto à concordância verbal com cada uma dessas formas.

No plano da alternância, pesquisas recentes como as de Vianna (2011) e de Rubio (2012) confirmam, para o PE, uso mais intensivo de *nós* que de *a gente*, com dinâmica sociolinguística de variação estável; para o PB, o uso majoritário de *a gente* tem sido referido nas mais diversas regiões do país, com dinâmica de mudança linguística na oralidade dada a intensificação de seu uso em área urbana ao longo do tempo, mormente dos anos 1960 em diante, como propõe, por exemplo, Omena (1998, p. 312 e 315) a propósito da fala carioca.

No plano da concordância verbal, não temos, para o PE, evidência de variação verbal com *nós*, nem mesmo na fala de analfabetos (cf. NARO & SCHERRE, 2007, p. 54); para o PB ela se manifesta em proporções diversas a depender das peculiaridades intrínsecas à

comunidade, faixa etária, sexo/gênero e grau de escolarização dos falantes. Com *a gente*, ocorre variação verbal tanto no PE quanto no PB, com índices de plural verbal no PE superiores àqueles encontrados no PB, como expõe Rubio (2012, p. 262) ao confrontar os 24,5% de uso de {-mos} com *a gente* no PE aos 6% desse uso no PB.

Nesse cenário, a oralidade goiana de pessoas com 10 anos ou mais de escolarização, ao fazer uso de singular verbal com *nós*, representa um caso de grande diferenciação entre PE e PB relativamente à primeira pessoa do plural, principalmente quando consideramos o estigma que acompanha o uso de *nós* com verbo no singular em área urbana brasileira e sua inexistência anunciada no PE.

Nosso trabalho, porém, não trata especificamente das diferenciações entre PE e PB, antes se valeu delas para contextualizar, por comparação, a fala goiana, cujas origens remontam ao movimento dos bandeirantes no desbravamento do interior do país no século XVII, ao contato com os povos indígenas nativos, e com os negros escravizados por ocasião do período de extração aurífera na região.

Supomos que as condições duradouras de isolamento relativo da região no período pós-mineração serviram à preservação da oralidade local, de cunho rural acentuado dadas as condições socioeconômicas e linguísticas já apresentadas em pesquisas diversas. Com o passar do tempo essa preservação adquiriu um caráter simbólico. Esse caráter se perpetuou na cultura urbana e o nível de singular verbal com *nós* captado em nossa pesquisa aponta ser a fala goiana um caso peculiar não só comparativamente ao PE, mas também no interior do próprio PB.

Em Goiás, casos de não concordância verbal com *nós* do tipo "*depois nois conversa*" não refletem desprestígio e são ouvidos nos mais variados ambientes e contextos sociais e ditos pelos mais variados níveis de escolarização na sociedade local, um comportamento linguístico também percebido e reportado por pessoas de outros estados da federação em visita a Goiás.

A língua portuguesa em Goiás tem instigado pesquisadores nos últimos anos e ao que tudo indica inicia-se um ciclo de profícuos estudos linguísticos do qual fazem parte os trabalhos, dentre outros, de Pádua (2002), Santos e Pádua (2004), Nascimento (2009), Rezende Santos (2008), Borges e Salles (2005) e Borges (2008). São estudos que abrangem principalmente aspectos fonético-fonológicos, sintáticos e socio-históricos da oralidade goiana e da escrita de documentos históricos.

Nesta pesquisa, de base variacionista, como já dissemos, temos o objetivo de caracterizar a expressão da primeira pessoa do plural na língua portuguesa falada em Goiás

por pessoas com mais de 10 anos de escolarização, tanto com relação a alternância de uso *nós/ a gente* quanto com relação às realizações verbais com cada uma dessas formas. E essa caracterização se fundamentará tanto na estatística emergente dos dados coletados em amostra de fala composta para esse fim, valendo-se do programa computacional GoldvarbX, quanto na análise de aspectos sócio-históricos e culturais desse Estado. Este estudo se beneficiará, portanto, da poderosa associação entre quantitativo e qualitativo para identificar um perfil do uso social de primeira pessoa do plural em Goiás.

Privilegiaremos a associação entre resultados estatísticos e sua interpretação conforme uma matriz cultural, descartando assim uma apresentação em duas frentes por meio da qual se pudesse instaurar, com base nos dados estatísticos, uma expectativa inicial e em seguida uma resolução interpretativa relativa a eles. No caso do uso de *nós* com verbo no singular, observado empiricamente, foi inevitável que voltássemos a atenção para as evidências da vivência cultural cotidiana e histórica. Desse modo, pretendemos que os frutos da descrição etnográfica e da pesquisa histórica, aliados à base estatística, iluminem-se mutuamente.

Nossa inserção no panorama da pesquisa sociolinguística brasileira se dará tanto por meio dos resultados sociais e linguísticos sobre alternância de uso *nós/ a gente* em Goiás quanto por meio daqueles relativos à concordância verbal (CV), sendo possível registrar características de matiz social e linguístico intrínsecas a essa comunidade de fala. Mas já planejamos a expansão dos estudos sobre 1pp na fala goiana em várias frentes de análise linguística e social considerando inclusive uma ampliação da análise sobre aspectos identitários na comunidade, concebendo que a Sociolinguística deve preocupar-se com a repercussão dos resultados de pesquisas no sentido de discutir publicamente sobre o preconceito linguístico (cf. SANKOFF, 1988a, p. 144).

Estruturalmente, este trabalho está ordenado em quatro seções fundamentais. No capítulo 1, apresentaremos os protocolos e características relevantes na formação da amostra e a seletividade dos dados a serem utilizados na pesquisa. No capítulo 2 estarão disponíveis informações sobre o Estado de Goiás, como a história de seu povoamento, seu desenvolvimento socioeconômico, sua valorização da vivência rural e a língua portuguesa efetivada em seu território. No capítulo 3 exporemos os pressupostos teóricos do variacionismo laboviano, seu instrumental metodológico e as formalidades do funcionamento do Goldvarb X. No capítulo 4 apresentaremos os resultados estatísticos alcançados e suas interpretações à luz da abordagem variacionista laboviana, considerando as peculiaridades do processo de desenvolvimento socio-histórico e econômico do Estado de Goiás, seguidos de uma breve seção relacionando novas etapas e planos para a expansão desta pesquisa.



Finalmente estarão expostas as conclusões de pesquisa, as referências utilizadas no trabalho e alguns anexos compostos por imagens e texto que supomos ilustrar e realçar a tese apresentada.

## CAPÍTULO I – OS DADOS LINGUÍSTICOS DE PESQUISA

Neste capítulo trataremos das decisões relativas à implementação da pesquisa, como a constituição de uma amostra representativa da fala da comunidade goiana e a seleção dos dados a serem considerados na análise da variação linguística e social.

### 1.1. A CONSTITUIÇÃO DA AMOSTRA E SUA REPRESENTATIVIDADE

Com o objetivo de analisar três fenômenos linguísticos relacionados à 1pp em Goiás, alternância de uso, concordância verbal com *nós* e concordância verbal com *a gente*, iniciamos em 2008 uma coleta específica de fala de goianos e goianas com formação escolar mínima de 10 anos de estudos regulares, referentes a ter concluído o Ensino Médio ou a estar cursando o segundo ano dessa etapa escolar. No extremo oposto dessa escala, sem que se tenha estabelecido limitação de nível educacional, há 5 goianos com pós-graduação, um deles com Mestrado *stricto sensu*.

Mas também constam do conjunto coletas de fala anteriores a essa data cedidas por outros pesquisadores, como, por exemplo, os 3 falantes originários da amostra de fala do município de Formosa (GO) cedidos pela pesquisadora Geruza de Souza Graebin, todas realizadas em áreas urbanas. E ainda uma entrevista, de 2006, coletada de um programa para a TV Anápolis, *Um Fato Em Questão*, sobre a história de Anápolis, por ocasião das comemorações do centenário da emancipação política da cidade ocorrido em 2007. O entrevistado nasceu em Minas Gerais, mas firmou moradia em Goiás e participou de sua história política por 69 anos.

São, no total, 55 falantes, 28 mulheres e 27 homens, com intervalo de idade entre 16 e 86 anos. Desse conjunto, 25 pessoas são de Anápolis, cidade a 60 quilômetros de Goiânia. Na amostra há duas pessoas naturais de outros estados, mas residentes há mais de 30 anos em Goiás; e duas pessoas nascidas na área do Distrito Federal, mas com família nativa de Goiás e eles mesmos residentes em território goiano. Em resumo, nossa amostra contém 51 falantes de 20 municípios goianos, dois falantes naturais do DF, mas com parentes e moradia em Goiás, e dois falantes naturais de outros estados, mas moradores de longa data em Goiás. Não tratamos da variação na fala do indivíduo. A fala do/a entrevistador(a) com a escolarização requerida também foi considerada quando apresentou forma referente a 1pp.

O **Quadro 1** a seguir contém informações dos falantes considerados na amostra de fala de Goiás.

**Quadro 1:** Identificação social dos informantes da amostra de fala de Goiás

<b>FALANTES GOIANOS</b>				
<b>CÓDIGO</b>	<b>SEXO</b>	<b>IDADE</b>	<b>ESCOLARIDADE</b>	<b>NATURALIDADE</b>
NTJ	H	16	E. Médio	ANÁPOLIS
WRS	H	16	E. Médio	ANÁPOLIS
DNE	H	19	E. Sup. Incomp.	ANÁPOLIS
WNG	H	19	E. Médio	ANÁPOLIS
LCA	H	19	E. Sup. Incomp.	GOIÂNIA
RCO	H	19	E. Sup. Incomp.	ANÁPOLIS
DMS	H	19	E. Médio	CROMÍNIA
TGO	H	22	E. Sup. Incomp.	BRASÍLIA
GCL	M	16	E. Médio Incomp.	ANÁPOLIS
MTL	M	17	E. Médio Incomp.	ANÁPOLIS
JLA	M	17	E. Médio	GOIANÉSIA
MRC	M	18	E. Sup. Incomp.	ANÁPOLIS
DNY	M	19	E. Sup. Incomp.	ANÁPOLIS
ANÔNIMO	M	17	E. Médio	ANÁPOLIS
RFE	M	20	E. Sup. Incomp.	ANÁPOLIS
SRK	M	20	E. Médio	ANÁPOLIS
KIL	M	22	E. Sup. Incompl.	FORMOSO
PYN	M	23	E. Médio	FORMOSA
ELD	M	24	E. Superior	ANÁPOLIS
ANÔNIMO	H	21-40	E. Superior	URUAÇU
CRM	H	25	Pós-grad.	GOIANÁPOLIS
WSN	H	31	E. Médio	ANÁPOLIS
RNE	H	33	E. Superior	FORMOSA
LDR	H	34	E. Médio	ANÁPOLIS
LRO	H	34	E. Médio	ANÁPOLIS
VNI	H	34	E. Médio	ANÁPOLIS
SDY	H	35	E. Médio	HIDROLINA
MIS	H	36	E. Superior	FORMOSA
JCG	H	38	Pós-grad.	GOIÂNIA
CRL	H	39	Pós-grad.	PIRACANJUBA
ANÔNIMO	H	40	E. Superior	ANÁPOLIS
QEZ	M	25	E. Superior	URUAÇU

<b>FALANTES GOIANOS</b>				
<b>CÓDIGO</b>	<b>SEXO</b>	<b>IDADE</b>	<b>ESCOLARIDADE</b>	<b>NATURALIDADE</b>
RSE	M	28	E. Superior	ANÁPOLIS
NDE	M	29	E. Superior	TAGUATINGA
LDC	M	30	E. Sup. Incomp.	CARMO DO RIO VERDE
CLA	M	37	E. Médio	CROMÍNIA
MNE	M	37	E. Médio	ABADIÂNIA
MRA	M	38	E. Superior	PIRENÓPOLIS
EVV	M	39	Pós-grad.	OURO VERDE
ANÔNIMA	M	21- 40	E. Superior	URUAÇU
MRC	H	41	Pós-grad.	ANÁPOLIS
DLR	H	44	E. Superior	HIDROLINA
DRC	H	45	E. Médio	SÃO FRANCISCO DE GOIÁS
JJO	H	47	E. Médio	GOIÂNIA
JSS	H	47	E. Médio	CORUMBÁ DE GOIÁS
FCL	H	48	E. Superior	+30 anos em GO
EDG	H	86	E. Superior	+60 anos em GO
MAL	M	42	E. Superior	ANÁPOLIS
EZB	M	43	E. Superior	CERES
SBT	M	44	E. Superior	SÃO JOÃO D' ALIANÇA
HLD	M	45	E. Médio	JARAGUÁ
MRL	M	50	E. Superior	ANÁPOLIS
MRN	M	54	E. Médio	NIQUELÂNDIA
LND	M	56	E. Médio	ANÁPOLIS
VST	M	63	E. Superior	ANÁPOLIS
<b>TOTAL</b>	<b>55 FALANTES</b>			

Fonte: Elaboração própria.

A amostra foi subdividida em três faixas etárias: dos 16 aos 24 anos, dos 25 aos 40 anos e dos 41 aos 86 anos de idade. A delimitação da primeira faixa, dos 16 aos 24 anos, tomou como base o critério do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) que categoriza como "jovem" os cidadãos entre 15 e 24 anos de idade porque "formam o conjunto de pessoas que, efetivamente, pressionam a economia para a criação de novos postos de

trabalho"<sup>1</sup>. Em nossa amostra, a pressão por um nível educacional mínimo de dois anos de Ensino Médio fez avançar o limite etário mínimo de jovem para 16 anos.

Na segunda faixa etária, dos 25 aos 40 anos, baseamo-nos em um perfil genérico de adulto maduro, aquele com independência familiar, responsabilidade social e econômica, profissionalização, matrimônio e paternidade. A terceira estratificação, dos 41 aos 86 anos, congregou as demais idades na sucessão.

Construímos a **Tabela 1** visando à apresentação da distribuição dos falantes por sexo/gênero, faixa etária e nível de escolarização.

**Tabela 1** - Estratificação social da população pesquisada

Faixa etária	Sexo/Gênero						Total	
	Homem			Mulher				
	16 - 24 anos	25 - 40 anos	41 - 86 anos	16 - 24 anos	25 - 40 anos	41 - 86 anos		
<b>Anos de Escolarização</b>	10 - 11 anos	4	5	3	6	2	3	23
	+ de 11 anos	4	7	4	5	7	5	32
<b>Total</b>		<b>27</b>			<b>28</b>			<b>55</b>

Fonte: Elaboração própria.

Os falantes com ensino médio completo ou incompleto foram computados na faixa de 10 a 11 anos de escolarização; aqueles com ensino superior e pós-graduação foram computados na categoria "mais de 11 anos" de escolarização.

A coleta de fala foi realizada no espaço que constitui o atual estado de Goiás, criado em ato da Constituição Federal de 1988, quando houve desmembramento da área para a formação do Estado do Tocantins e a denominação de Goiás passou a valer para a porção sul do território.

Apresentaremos a seguir dois mapas detalhados da região considerada nesta pesquisa. O **mapa 1** expõe a base da divisão para o planejamento administrativo utilizado pelo Estado do Goiás; o **mapa 2** delinea a região do Entorno de Brasília ou Entorno do Distrito Federal.

<sup>1</sup> Informações disponíveis em: [http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/populacao\\_jovem\\_brasil/comentario1.pdf](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/populacao_jovem_brasil/comentario1.pdf). Acesso em 23/02/2012.

**Mapa 1:** Estado de Goiás: regiões de planejamento<sup>2</sup>



Fonte: SEPLAN/GO

As cidades citadas no **Quadro 1** estão assim distribuídas no mapa por regiões de planejamento administrativo, exceto Brasília e Taguatinga, localizadas no Distrito Federal:

- a) *Norte Goiano*: Uruaçu, Formoso, Niquelândia;
- b) *Sul Goiano*: Cromínia, Piracanjuba;
- c) *Centro Goiano (Eixo BR 153)*: Anápolis, Ceres, São João d'Aliança, Carmo do Rio Verde, Goianésia, Hidrolina, Jaraguá, Ouro Verde, São Francisco de Goiás;
- d) *Região Metropolitana de Goiânia*: Goiânia, Goianápolis;
- e) *Entorno de Brasília*: Formosa, Abadiânia, Pirenópolis, Corumbá de Goiás.

A região do Entorno de Brasília ou Entorno do Distrito Federal encontra-se detalhada no **Mapa 2** a seguir. Segundo Queiroz (2007, p. 96) o objetivo maior dessa região é criar programas e projetos visando diminuir as desigualdades sociais entre o Distrito Federal e seu

<sup>2</sup> Disponível em: [http://www.seplan.go.gov.br/sepin/viewcad.asp?id\\_cad=5100](http://www.seplan.go.gov.br/sepin/viewcad.asp?id_cad=5100). Acesso em abr. 2011.

entorno, visto que essa área recebeu grande contingente populacional devido às oportunidades criadas com a construção de Brasília.

**Mapa 2:** Região do Entorno de Brasília



Fonte: SEPLAN-GO.<sup>3</sup>

No planejamento da pesquisa de campo, a previsão era de pouca dificuldade interacional com os entrevistados, sempre contando com a cordialidade dos goianos. Mas houve dificuldades. Uma delas relacionada à conjuntura do mundo atual, que exige das pessoas de áreas urbanas grande dedicação às atividades e aos relacionamentos profissionais diários, sendo qualquer fuga desse cotidiano interpretada como perda de tempo; ou ainda a opção das pessoas pela condição mais segura de não compromisso com estranhos, muito menos em situação de entrevista, em alguns casos interpretada como ameaçadora da privacidade.

Deparamos com pessoas que constantemente alegaram ou expressaram falta de tempo, timidez, desconfiança e desinteresse em participar. Em alguns casos, a fala do(a) entrevistado(a) foi breve, de pouco mais de 10 minutos de entrevista; em outros, a entrevista se estendeu por aproximadamente 60 minutos.

<sup>3</sup> Disponível em: <[http://www.seplan.go.gov.br/sepin/viewcad.asp?id\\_cad=5000&id\\_not=13](http://www.seplan.go.gov.br/sepin/viewcad.asp?id_cad=5000&id_not=13)>. Acesso em abr. 2011.

Nossa amostra com 55 falantes apresenta representatividade para análise da fala goiana. Segundo Labov (1972, p. 204) dados linguísticos são tendencialmente regulares em alto nível e a tal ponto que padrões, tanto linguísticos quanto sociais, podem emergir com amostras de até 25 falantes<sup>4</sup>. Em Naro & Scherre (2009, p. 1) temos também a argumentação de que "a relação entre o tamanho da amostra e o do universo é irrelevante. O que mais importa é o grau de variabilidade do fenômeno sob estudo". No caso do uso de singular verbal com *nós*, nosso foco maior de pesquisa, é da ordem de 25% entre os falantes goianos.

Outra característica da amostra foi ela não ter sido de todo aleatória, uma vez que foi a disposição para a entrevista que muitas vezes orientou a oportunidade da coleta. Nossa amostragem teve então componentes de aleatoriedade e de conveniência. Isso não é necessariamente um procedimento condenável. O próprio Labov (1972, p. 39) reconhece "que estamos frequentemente lidando com a política do possível e que muitos excelentes e importantes resultados provêm de uma metodologia truncada".<sup>5</sup> Ele cita, nessa oportunidade, o caso brasileiro da pesquisa de Oliveira (1983)<sup>6</sup>, em Belo Horizonte, realizada em um contexto de tolhimento das liberdades individuais durante o regime militar vigente no Brasil nos anos 1980 no qual a atividade de gravar era, em si mesma, suspeita.

De tal sorte que não invalidam esta pesquisa o nível de não aleatoriedade da amostra e as entrevistas mais breves. A propósito, pela observação simples, diríamos que a não CV com *nós* é ainda mais frequente no cotidiano de fala da sociedade goiana como um todo.

Quanto às formalidades éticas para pesquisa com seres humanos em vigor no país, foram distribuídos para todos os entrevistados os termos de consentimento (licença de uso dos dados) e de informações aos falantes como sujeitos da pesquisa.

---

<sup>4</sup> "[inherent variation within the speech community] it does not require the statistical analysis of hundreds of speakers records as linguists traditionally feared (Hockett, 1958: 444). On the contrary, we find that the basic patterns of class stratification, for example, emerge from samples as small as 25 speakers" (cf. LABOV, 1972, p. 204).

<sup>5</sup> "It should be recognized that we are often dealing with the politics of the possible, and that many excellent and important results have followed from a truncated methodology." (cf. LABOV, 1972, p. 39).

<sup>6</sup> OLIVEIRA, Marco Antônio de. *Phonological variation in Brazilian Portuguese*. Unpublished University of Pensilvania dissertation, 1983.



## 1.2. A SELEÇÃO DOS DADOS

Os encadeamentos de fala com Ipp cuidadosamente selecionados, codificados e contabilizados pelo programa de análise estatística específico da área, o Goldvarb X, estão representados nos 3 conjuntos de dados expostos de (1) a (13) a seguir, conforme os três fenômenos analisados.

### a) Concordância verbal variável com *nós*

(1) (***Nós* expresso/verbo no singular**) Minha mãe chegava, na época *nós* ERA pequeno, grávida, ela chegava a encerrar a casa das pessoas, fazer faxina na casa das pessoas com a barriga arrastando no chão, ela de oito meses de eu e do meu irmão gêmeo, pra fazer o enxoval nosso, porque meu pai naquela época não tava nem aí, só queria saber de beber. (Arquivo de Dados, dado 1776, p. 207).

(2) (***Nós* expresso/verbo no plural**) Ela repetiu e... eu alcancei ela, porque *nós* SOMOS um ano de diferença um ano e alguns meses, e eu alcancei ela e a gente entrou na faculdade juntas. (Arquivo de Dados, dado 564, p.44).

(3) (***Nós não* expresso/verbo singular**) Foi, em Anápolis porque aqui era tudo Anápolis, né? aí *nós* viemo pra cá, Ø num TINHA nada, num tinha casa pra morar, num tinha móveis, num tinha nada, num tinha carro, aí nós arranjamo um barraquim. Lá do outro lado da pista. Aí o João ficou trabalhando lá. (Arquivo de Dados, dado 491, p. 39).

(4) (***Nós não* expresso/verbo no plural**) Nós fizemos um contrato civil. Aí depois quando Ø TERMINAMOS, fomos no cartório e encerramos o contrato. (Arquivo de Dados, dado 2170, p. 260).

(5) (***Ipp não* pronominal/verbo no singular**) então, *eu e a minha irmã* VIVIA cheia de cicatriz e levando bronca porque moça não brincava disso, né? (Arquivo de Dados, dado 619, p. 50).

(6) (***Ipp não* pronominal/verbo no plural**) *eu e meus irmãos* NASCEMOS em Goiânia, moramos com a minha tia em Brasília pra gente estudar. (Arquivo de Dados, dado 545, p. 43).

### b) Concordância verbal variável com *a gente*:

(7) (***A gente* expresso/verbo no singular**) Eu, às vezes eu saio muito como a Regiane, porque *a gente* MORA perto, então a gente vem junto, vai junto, às

vezes final de semana se encontra pra fazer alguma coisa..., mas a maioria só dentro do trabalho mesmo. (Arquivo de Dados, dado 1616, p. 149).

(8) (**A gente expresso/ verbo no plural**) Hoje mesmo *a gente* VAMOS fazer uma experiência na aula de química, fazer é um hidratante.

(Arquivo de Dados, dado 469, p. 37).

(9) (**A gente não expresso/verbo no singular**) Até que nós decidimos “a gente vai ter que usar a lancha como salva-vidas né?”. Que aí a gente foi, Ø AMARROU uma corda na gente e a gente puxando a lancha, a gente tava puxando a lancha, mas na verdade não era pra levar, era para não deixar a gente afundar.

(Arquivo de Dados, dado 137, p. 08).

(10) (**A gente não expresso/verbo no plural**) A casa é cheia de amigos, então é assim, passa o dia ouvindo música, assistindo TV, outra hora *a gente* senta, faz uma rodinha quando tem mais gente, e VAMOS conversar.

(Arquivo de Dados, dado 2151, p. 258).

c) Alternância de uso *nós/a gente*:

(11) No primeiro mês, NÓS ficamos morando na casa de minha vó, porque meu pai comprou um lote e tinha que construir a nossa casa, então o primeiro mês A GENTE morou com a minha vó numa casa que ela tinha no fundo da casa dela e quando meu pai construiu a nossa casa, depois de um mês que NÓS nos mudamos pra alto da bela vista, lá a nossa casa era muito bonita lá, muito legal lá, eu gostava demais, aí no primeiro semestre como A GENTE já estudava lá no Waldir Cecílio, na SEBRASA, né?, a minha mãe achou melhor não tirar a gente de lá

(Arquivo de Dados, dado 230, p. 14)

(12) Então foi coisa extraordinária o apoio que minha família dava pra essa parte musical e dois dias antes NÓS ensaiamos e pegamos a música pra tocar lá, foi incrível porque o pessoal conhecia assim, só sabia que A GENTE tocava, nunca tinha visto assim, tinha gente que até duvidava, dizia que A GENTE conversava fiado e quando NÓS tocamos lá, quando eu dei o clique na baqueta assim e puxei a primeira musica

(Arquivo de Dados, dado 371, p. 25)

O estudo da alternância de uso das formas se baseou em somente dados com concordância verbal. Praticamente todos os dados de 1pp da amostra foram considerados,

tanto para a análise da alternância quanto para a análise das concordâncias verbais com *nós* e com *a gente*. Aproveitamos 3 dados com imperativo do tipo exposto em (13):

(13) Gente do céu, eu não me lembro. Para a gravação aí e VAMOS pensar.

(*Arquivo de Dados*, dado 725, p. 61)

pois a situação representada também poderia ter sido expressada por "... e *a gente* vai pensar". Não foram considerados, porém, casos de expressões cristalizadas do tipo "digamos", "digamos assim" ou "vamos dizer assim".

Após a seleção dos dados amostrais, obtivemos um total de 2412 dados provenientes, como já dissemos, de 27 homens e 28 mulheres. Foi desse conjunto que resultou a análise estatística realizada pelo *Goldvarb X*, de que falaremos oportunamente, e o entendimento do uso das formas de 1pp em Goiás e das possibilidades de CV com cada uma delas.

## CAPÍTULO II – A COMUNIDADE DE FALA DE GOIÁS

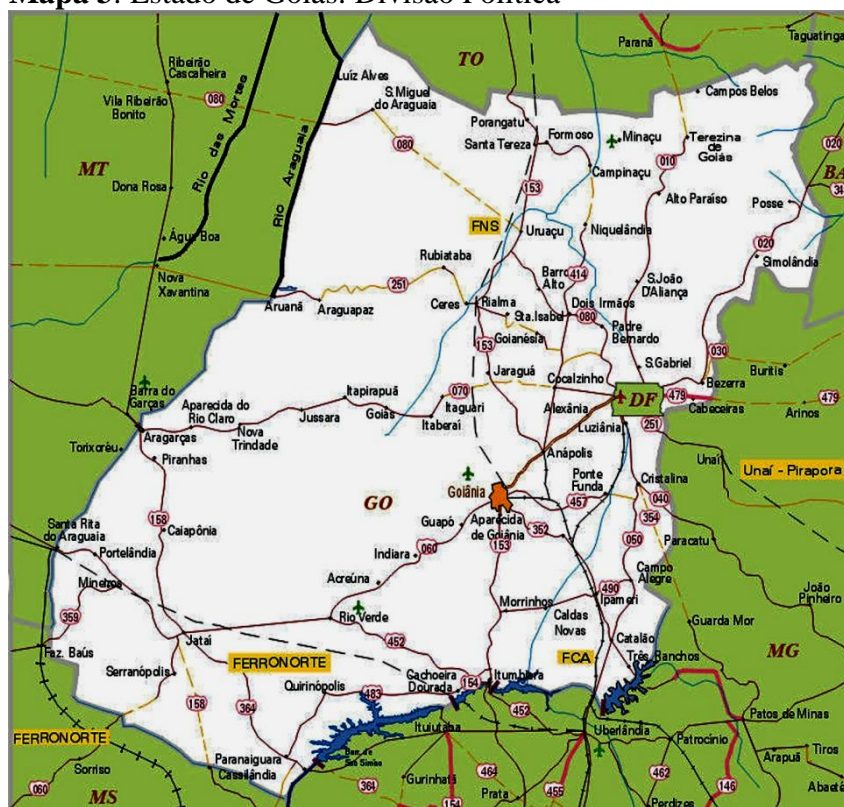
Este capítulo estrutura-se em sete seções e tem como objetivo apresentar a comunidade de fala de Goiás em suas características geográficas, demográficas, culturais, de evolução histórica, econômica e educacional e em sua tradição de uso da língua portuguesa. Do ponto de vista documental, por tradição de uso entendemos o que ficou reportado por estudiosos da fala goiana, como Teixeira (1944), por exemplo, e o que foi proposto por Amaral (1982), isto é, a fala goiana como tendo origem no denominado dialeto caipira.

### 2.1. INFORMAÇÕES GERAIS

O atual estado de Goiás é produto de uma divisão administrativa em seu antigo território, determinada pela Assembleia Nacional Constituinte de 1988, que estabeleceu no Artigo 13 do "Ato das Disposições Constitucionais Transitórias" as condições para a criação da nova Unidade Federativa do Tocantins, oficialmente instalado em 1º de janeiro de 1989.

O objetivo principal dessa divisão foi promover, em novas bases, o desenvolvimento da região norte e lidar com a ocorrência de intensos conflitos agrários pela posse de terras, provocados pela concentração de propriedade latifundiária na região denominada "Bico do Papagaio" (divisa com Pará e Maranhão). O **mapa 3** apresenta o Estado de Goiás considerado nesta pesquisa.

**Mapa 3:** Estado de Goiás: Divisão Política<sup>7</sup>



Fonte: <http://www.policiacientifica.go.gov.br>

Goiás hoje possui uma área de 340.086,698 km<sup>2</sup>, ocupada por 246 municípios, e população residente de 6.003.788 habitantes em 2010<sup>8</sup>. Sua capital é a cidade de Goiânia, com uma população estimada em 1.301.892 habitantes.

A Região Metropolitana de Goiânia, conhecida popularmente como Grande Goiânia, criada em 30 de dezembro de 1999, é uma conurbação de 19 municípios ao seu redor. É uma das duas áreas mais densamente povoadas do estado, com mais de 2 milhões de habitantes, seguida pela Região do Entorno de Brasília (1,1 milhão).

O denominado *Entorno de Brasília* tem 35.950,001Km<sup>2</sup> e corresponde a 10,57% da área do Estado (340.086,698Km<sup>2</sup>). Trata-se de uma RIDE (Região Integrada de Desenvolvimento) do Distrito Federal e Entorno, criada pela Lei Complementar n<sup>o</sup> 94, de 19 de fevereiro de 1998 e regulamentada pelo Decreto n<sup>o</sup> 7.469, de 4 de maio de 2011. Foi fruto da explosão urbana por ocasião da edificação de Brasília na década de 1960. É hoje

<sup>7</sup> Disponível em: <http://www.policiacientifica.go.gov.br>. Acesso em jan. 2012.

<sup>8</sup> Informações disponíveis nos sítios do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) e SEPIN (Superintendência de Estatísticas, Pesquisa e Informações Socioeconômicas), gerenciadas pela SEPLAN (Secretaria de Estado de Gestão e Planejamento) de Goiás.

constituída pelos Municípios de Abadiânia, Água Fria de Goiás, Vila Propício, Águas Lindas, Alexânia, Cabeceiras, Cidade Ocidental, Cocalzinho de Goiás, Corumbá de Goiás, Cristalina, Formosa, Luziânia, Mimoso de Goiás, Novo Gama, Padre Bernardo, Pirenópolis, Planaltina, Santo Antônio do Descoberto, Valparaíso e Vila Boa, no Estado de Goiás, e de Unaí e Buritis, no Estado de Minas Gerais<sup>9</sup>. A RIDE destina-se à articulação da ação administrativa da União, dos Estados de Goiás e de Minas Gerais e do Distrito Federal.

Segundo a SEPLAN (Secretaria de Planejamento de Goiás), o estado de Goiás é a nona economia brasileira com um PIB estimado em 86,4 bilhões (2010) e renda per capita de R\$ 12.879,00. De 2000 até 2010, a economia goiana deu um salto de 56,42%, superior, portanto à média brasileira de 42,85%. O expressivo resultado se deve à evolução do agronegócio goiano, ao comércio e também ao crescimento e diversificação do setor industrial. Dentre os grandes setores de atividades econômicas, o de Serviços (comércio, transportes, armazenamento, comunicações, finanças, seguros, serviços profissionais e governo) é o que predomina em Goiás, representando 60,95% da produção de riquezas. Neste setor se destacam os comércios varejista e atacadista, bastante dinâmicos, principalmente na capital, assim como as atividades imobiliárias. O setor industrial participa no PIB goiano com 26,21% e o agropecuário com 12,84%. Embora tenha participação inferior, o setor agropecuário é de grande importância para a economia goiana, pois dele deriva a agroindústria, uma das atividades mais pujantes do Estado, tanto na produção de carnes quanto na de derivados de leite, de soja, molhos de tomates e condimentos e na produção sucroalcooleira<sup>10</sup>.

O Estado de Goiás tem um Programa de Desenvolvimento Industrial (Produzir) criado para a expansão, modernização e diversificação do setor industrial de Goiás, estimulando a realização de investimentos, a renovação tecnológica e o aumento da competitividade estadual. Propicia a redução do custo de produção da empresa, através do financiamento de até 73% do ICMS devido pelo período de até 15 anos<sup>11</sup>.

Na estrutura industrial do Estado predominam os segmentos de alimentos e bebidas, beneficiamento de minérios e montagem de veículos e máquinas agrícolas, responsáveis por 67% da indústria de transformação goiana<sup>12</sup>. O Estado está na vanguarda da indústria nacional de alimentos, mineração (7 polos com produção de cobre, ouro, cobalto, níquel, nióbio,

---

<sup>9</sup> Informações disponíveis em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2011-2014/2011/Decreto/D7469.htm#art12](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2011/Decreto/D7469.htm#art12). Acesso em set. 2011.

<sup>10</sup> Informações disponíveis em: [http://www.seplan.go.gov.br/sepin/goias.asp?id\\_cad=6000](http://www.seplan.go.gov.br/sepin/goias.asp?id_cad=6000). Acesso em set. 2011.

<sup>11</sup> Informações disponíveis em: [http://www.seplan.go.gov.br/sepin/goias.asp?id\\_cad=6000](http://www.seplan.go.gov.br/sepin/goias.asp?id_cad=6000). Acesso em out. 2011.

<sup>12</sup> Informações disponíveis em: [http://www.seplan.go.gov.br/sepin/goias.asp?id\\_cad=6000](http://www.seplan.go.gov.br/sepin/goias.asp?id_cad=6000). Acesso em set. 2011.

fosfato e vermiculita), fármacos e fabricação de veículos (duas montadoras de automóveis e uma de máquinas agrícolas). A indústria automotiva goiana já participa em 6% da indústria automotiva brasileira. A produção de álcool em 2010 foi de 2,9 bilhões de litros em 36 usinas em atividade; há mais 22 usinas em processo de implantação em Goiás.

Na cidade de Anápolis, por exemplo, o DAIA – Distrito Agro-Industrial de Anápolis, inaugurado em setembro de 1976, abriga o maior polo farmoquímico da América Latina, além de indústrias alimentícias, têxtil, automobilística, de adubos, de materiais para construção, além de possuir um porto seco. Anápolis, com aproximadamente 720 indústrias, 62 de grande porte como Granol, Ambev, DHL Solutions, Roche, Hyundai, Tucson, Neo-Química, Teuto e Greenpharma,<sup>13</sup> tem anunciado megainvestimentos para curto e médio prazos na região, como são os casos da Ferrovia Norte Sul, das ampliações do DAIA, da Base Aérea e da implantação da Plataforma Multimodal e do Aeroporto de Cargas. Nesse contexto de desenvolvimento da cidade vigora um constante aumento no volume de cursos superiores e um afluxo intenso de estudantes de várias partes do Estado e do país.

Na capital, Goiânia, apesar da presença de grandes indústrias, o pilar econômico é o setor de serviços, segundo a SEPLAN. A cidade tem se destacado pelo alto desenvolvimento de sua área médica e pelo turismo de negócios e eventos.

Na área educacional, a Secretaria de Estado da Educação de Goiás apresentou os índices do IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica) do Estado relativos ao ano de 2009, nos níveis de Ensino Fundamental e Médio, assinalando que ultrapassaram as metas:

Nas séries iniciais do Ensino Fundamental, as escolas da rede estadual tiveram Ideb de 3.9 em 2005, 4.3 em 2007 e 4.9 em 2009, ultrapassando a meta de 4.3. Nas séries finais, a rede estadual de Goiás teve Ideb de 3.3 em 2005, 3.4 em 2007 e 3.6 em 2009, superando a meta de 3.5. No Ensino Médio, em que a avaliação do Ideb é feita por amostragem e por município, as escolas estaduais passaram de 2.9 em 2005 para 2.8 em 2007, retomando o crescimento do desempenho em 2009 com o Ideb de 3.1, também superando a meta de 3.0.<sup>14</sup>

Em 2012, o MEC (Ministério da Educação) anunciou o desempenho de Goiás no IDEB como o sétimo melhor na classificação geral dos últimos anos do ensino fundamental

---

<sup>13</sup> Informações disponíveis em: <http://www.seplan.go.gov.br/sepin/pub/rank/2007/anapolis.pdf>. Acesso em out. 2011.

<sup>14</sup> Informações disponíveis em: <http://www.see.go.gov.br/imprensa/?Noticia=2354>. Acesso em agosto de 2011.

no Brasil e como o quinto melhor na classificação do ensino médio<sup>15</sup>. São informações positivas, visto que o estado se encontra em franco período de desenvolvimento econômico.

De acordo com a SEPLAN, a rede atual de instituições públicas e privadas de ensino existente no Estado de Goiás oferece condições adequadas para a qualificação de mão-de-obra técnica, tanto de nível médio, quanto de nível superior, destacando-se a UFG (Universidade Federal de Goiás, fundada em 1959); a UEG (Universidade Estadual de Goiás, de 1999), o IFG (Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, criado em 2008) com 8 campi; 6 instituições municipais, distribuídas em várias regiões do Estado, além das instituições privadas de ensino superior com 70 estabelecimentos.

## 2.2. ASPECTOS DEMOGRÁFICOS

Dois aspectos da demografia goiana se destacam nesse esforço para a compreensão de aspectos linguísticos e sociais relacionados à lpp: as perspectivas quantitativas de migração e de distribuição étnica.

No que diz respeito à migração, a partir da década de 1970, com o processo de modernização agropecuária, Goiás vivenciou um intenso fluxo de pessoas saindo do meio rural em direção ao urbano. Na década de 1980, esse ritmo intensificou-se em todo o país, mas a redistribuição urbano/rural foi mais intensa em Goiás, segundo Estevam (2004), sobretudo em função da

adoção de formas capitalistas de produção na agricultura, da valorização das terras, da apropriação fundiária especulativa e ainda tendo em vista a legislação que instituiu direitos trabalhistas para os antigos colonos levando fazendeiros a preferir "expulsá-los" do que obedecer às normas legais. (ESTEVAM, 2004. p. 185).

Desse modo, não foi o desenvolvimento da cidade que atraiu os moradores para a zona urbana; foi a expulsão do campo que gerou um contingente populacional que foi procurar melhores condições na cidade. Ocorreu então, com o fluxo migratório, uma diversificação das atividades econômicas. "O grau de urbanização refletiu na composição de renda interna do Estado de Goiás. A agricultura perdeu peso a partir de 1960 e o setor industrial e o de serviços aumentaram sua participação relativa" (cf. ESTEVAM, 2005).

---

<sup>15</sup> Informações disponíveis em: <http://g1.globo.com/goias/noticia/2012/08/goias-fica-em-5-lugar-no-ideb-da-6-9-serie-do-ensino-fundamental.html>. Acesso em 13 set. 2012.



Especificamente entre os anos de 1980 e 2010, um arco de tempo de apenas 30 anos, Goiás vivenciou um aumento populacional de quase duplicação, passando dos pouco mais de 3 milhões em 1980 para cerca de 6 milhões em 2010<sup>16</sup>, com a densidade demográfica saltando de 9,14 km<sup>2</sup> para 17,65 e uma taxa de urbanização no Estado, isto é, uma concentração populacional em meio urbano, de 90,29%, o que realça a proporção da perda de moradores em área rural<sup>17</sup>. A quantificação do IBGE para o campo aponta que a diminuição foi da ordem de pouco mais de 1 milhão de habitantes recenseados em 1980 para 583.074 habitantes em 2010<sup>18</sup>. As regiões de maior absorção de migrantes foram a Grande Goiânia e o Entorno de Brasília.

Uma intensa absorção populacional de migrantes externos foi registrada pelo censo do IBGE entre os anos de 2000 e 2010, com pessoas oriundas principalmente dos estados de Tocantins, Maranhão, Pará, Piauí, Bahia, Minas Gerais e São Paulo, graças à expansão dos setores agropecuário e industrial. O saldo líquido migratório (número de imigrantes menos número de emigrantes) goiano entre 2004 e 2009, por exemplo, foi de 129 mil habitantes, o maior, no país, registrado pelo IBGE no período<sup>19</sup>.

Esse crescimento, no entanto, se deu de forma desordenada no território. Dos 246 municípios, 78 apresentaram média de crescimento anual negativa ou decréscimo populacional, compondo um quadro geral no qual quarenta por cento dos municípios respondem por apenas 5,43% da população total. Na capital, Goiânia, no entanto, o crescimento demográfico entre 1991 e 2010 foi de 41,39%.

Enfim, em termos demográficos, no período entre os anos de 2000 e 2010, a população residente de Goiás apresentou um crescimento de 20% comparativamente às outras unidades da federação brasileira, mas no Estado ainda predominam vazios demográficos<sup>20</sup>, dado haver áreas de alta concentração populacional.

Os maiores núcleos urbanos localizaram-se no centro-sul do Estado, devido principalmente à influência de Goiânia, Anápolis e do Entorno do Distrito Federal, e no

---

<sup>16</sup> Informações disponíveis em: <<http://www.goias.gov.br/index.php?caderno=2>>.

<sup>17</sup> A delimitação dos perímetros urbano e rural de cada cidade é feita por sua respectiva prefeitura.

<sup>18</sup> IBGE, 2010. Disponível em: [http://www.ibge.gov.br/estadosat/temas.php?sigla=go&tema=sinopse\\_censodemog2010](http://www.ibge.gov.br/estadosat/temas.php?sigla=go&tema=sinopse_censodemog2010). Acesso em set. 2011.

<sup>19</sup> ESTADO DE GOIÁS. SEPIN. *Dinâmica populacional de Goiás: análise de resultados do censo demográfico 2010* – IBGE. Dezembro de 2011. p. 8. Disponível em: [http://www.seplan.go.gov.br/sepim/down/dinamica\\_populacional\\_de\\_goias.pdf](http://www.seplan.go.gov.br/sepim/down/dinamica_populacional_de_goias.pdf). Acesso em mar. 2012.

<sup>20</sup> Informação disponível em: <<http://www.seplan.go.gov.br/sepim/pub/serieEB/Port/4trimestre/01-tab04.htm>>. Acesso em abril de 2011.

Sudoeste goiano (mais de 20% da área do estado), área esta economicamente privilegiada devido à proximidade e ao intercâmbio com o estado de São Paulo.

Os 6 milhões de habitantes do estado atualmente representam 43% do contingente demográfico do Centro-Oeste. Comparativamente aos resultados do Censo Demográfico de 1991, esse resultado sinaliza um salto de 49,62% da representatividade goiana no quantitativo do Centro-Oeste.

No que diz respeito às especificidades socioculturais e étnicas que compõem a sociedade goiana, o censo IBGE-2010 indica haver em Goiás 41% de brancos, 50% de pessoas de cor parda, 6,53% de pretos, 1,64% de amarelos e 0,14% de etnia indígena. Comparemos esses dados do IBGE com os de Palacín (1994), referidos em Rezende Santos (2008, p. 51), acerca das proporções dos tipos que compunham a sociedade goiana no século XIX. Não há referência à proporção de indígenas.

**Tabela 2:** População de Goiás no século XIX por grupo étnico

PERÍODO	TOTAL DE HABITANTES	BRANCOS	PARDOS	NEGROS
1804	50.465	6.988	15.645	27.832
	100%	14%	31%	55%
1832	68.497	11.761	34.397	21.345
	100%	17,2%	50,2%	31,2%

Fonte: PALACÍN (1994)

As diferenciações mais notáveis, comparando-se as três ordens de percentuais (anos de 1804, 1832 e 2010) são: a) a inversão na proporção entre pardos e pretos: em 1804 a proporção de pretos (55%) era maior que a de pardos (31%), em 1832, esse perfil se inverte, com os pardos (50%) passando a ter maior proporção frente aos pretos (31%); b) a diminuição dos pretos: nos índices de 2010 do IBGE os pardos permanecem nesse mesmo nível (50%), mas os pretos (6,5%) diminuiriam muito sua representatividade; e c) o aumento da proporção de brancos no estado: de 17,2% em 1832 para 41% em 2010.<sup>21</sup>

<sup>21</sup> As diferentes denominações (pretos e negros) utilizadas nesta seção da tese são originárias dos textos autorais. Palacín utiliza o termo "negro" e o IBGE refere o termo "preto" com base no critério de cor da pele.

Desconsiderando-se as modificações, ao longo da história, na decisão sobre a cor da pele para cada contagem, do século XIX ao XXI, Goiás registra aumento do número de brancos, constância na proporção de pardos e diminuição acentuada de pretos. Esse registro dos perfis populacionais ao longo do tempo teve caráter meramente informativo, pois não foi considerado nessa etapa de pesquisa.

### 2.3. ASPECTOS HISTÓRICOS

A colonização portuguesa no Brasil iniciou-se pelo litoral e persistiu nele até o século XVII. Grande parte do Brasil central e do território goiano em particular, pelo Tratado de Tordesilhas, pertenciam tanto à coroa portuguesa quanto à espanhola. Foram os tratados de fronteiras no século XVIII que definiram Goiás nos limites da América portuguesa.

A historiografia de Goiás tem registrado critérios diferentes, mas complementares, para instituir os primórdios do estado, com base no fato de que os descobridores de Goiás não teriam empreendido sua colonização: uma das vertentes focaliza o desbravamento do território goiano pelos fins do século XVI, como obra de exploração dos bandeirantes<sup>22</sup> que procuravam ouro no que hoje conhecemos como terras mineiras e circunvizinhança (cf. TEIXEIRA, 1944. p. 25); outra vertente, baseada na efetiva ocupação do território, vê o 'descobrimento' de Goiás como produto da expedição de Bartolomeu Bueno da Silva, o Anhanguera, no início do século XVIII. Não são pontos de vistas opostos, pois uma vertente fundamenta-se na evidência documental cartográfica, a outra, na evidência documental escrita. Fazem parte dessa segunda vertente dois professores da Universidade Federal de Goiás (UFG), um da Faculdade de Letras, Antón C. Quintela, interessado no estabelecimento de um início para a literatura goiana, e outro da Faculdade de História, Nasr Chaul. Ambos convergem nos seguintes termos: para Quintela (2004. p. 36), "a prosa colonial em torno a Goiás do início da década de 1720 apresenta-se como a "certidão de batismo" do Estado"; para Chaul (2002, p. 26),

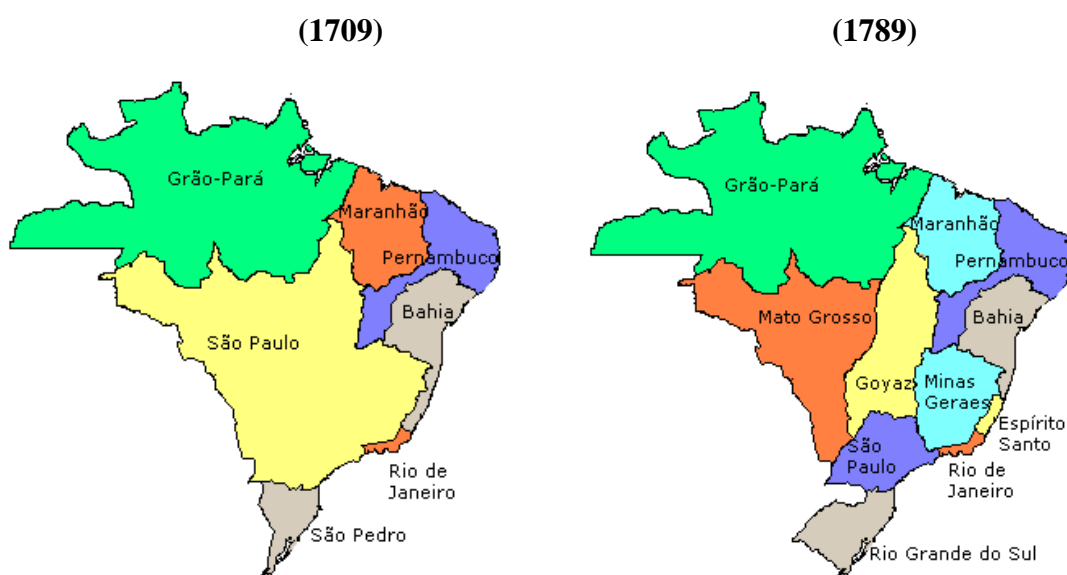
---

<sup>22</sup> Bandeiras foram expedições, particulares ou oficiais, de penetração no território brasileiro. Eram de três tipos, conforme seus objetivos: as de tipo apresador, interessadas na captura de índios, numa primeira etapa os isolados e numa segunda etapa aqueles catequizados e reunidos nas missões jesuíticas, para escravização; as de tipo prospector, voltadas para a busca de riquezas minerais; e as de sertanismo de contrato, dedicadas ao extermínio de quilombos (ASSIS, 2005, p. 19).

Historicamente tudo indica que nós nascemos de fato em 1722, para ficarmos órfãos de nós mesmos. Esse buraco negro de nosso passado pré-aurífero é apenas lembrado, tangenciado pela produção acadêmica, relegado ao rol do desinteresse. Tudo começa com o ouro. Pior: tudo acaba também com o ouro.

Importa ter em mente, nesse contexto, que não houve política de colonização imediata após o desbravamento da região no século XVI. A ocupação colonizadora de Goiás só se deu no século XVIII, quando começaram as explorações auríferas. Goiás era território pertencente à Capitania de São Paulo e abrangia os atuais territórios do Triângulo Mineiro, Tocantins, parte do Mato Grosso e Maranhão (cf. BARBO e SCHLEE, 2011, p. 2). Como capitania, Goiás foi instituído em 1748, por desmembramento da de São Paulo, e como província, a partir de 1824. O conjunto que forma o **mapa 4** a seguir ilustra parte da evolução da divisão política e territorial do Brasil.

**Mapa 4:** Goiás em dois momentos da história do Brasil



Fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Evolu%C3%A7%C3%A3o\\_territorial\\_do\\_Brasil](http://pt.wikipedia.org/wiki/Evolu%C3%A7%C3%A3o_territorial_do_Brasil).

A viabilidade econômica da exploração mineratória em Goiás durou menos de 3 décadas desde seu licenciamento em 1750, devido à extração do ouro ser de superfície, na denominada *garimpagem de faiscação*, com instrumentos rudimentares, em leitos de rios, em depósitos conhecidos como faisqueiras. Seu esgotamento foi mais rápido que em outras regiões auríferas (cf. MELO, 2008, p. 33). Não obstante essa brevidade, "descobertos os veios

auríferos, viveu-se uma época de brilho, em que muitos viram o fausto e o esplendor da Capitania" segundo Chaul (2002. p. 21-22).

Após o auge da exploração aurífera, as crônicas dos viajantes referem-se continuamente à situação de decadência da região, devida, principalmente, ao relativo isolamento<sup>23</sup> provocado pelas precárias condições de tráfego e carência de comunicação, consequência, por sua vez, da instrumentação do Estado para controlar estradas e evitar o frequente contrabando do ouro (cf. MELO, 2008. p. 32). Esse relativo isolamento socioeconômico e 'geográfico' se refletirá também na condição de intercâmbio de cunho intelectual da comunidade.

#### 2.4. ASPECTOS DA EVOLUÇÃO ECONÔMICA E DA REPRESENTAÇÃO DA MODERNIDADE

A dinâmica da economia goiana se impôs vagarosamente no panorama brasileiro. Goiás foi fruto inicialmente da corrida pelo ouro que já escasseava na região das Minas Gerais e da necessidade de buscar um caminho terrestre alternativo ao penoso caminho fluvial para Cuiabá, cujas minas foram descobertas em 1719 (cf. PALACIN, 1972, p. 15; 1994).

Finda a época de mineração aurífera em Goiás, um novo impulso colonizador na região se fez por meio de uma economia voltada para a agropecuária de subsistência motivada principalmente pela existência de vastas pastagens naturais e pela facilidade e baixo custo do transporte do gado. A população dispersou-se nos poucos núcleos urbanos em ruínas: "várias foram as vilas de Goiás que se tornaram carcaças, matos pelas ruas, casas abandonadas. São exemplo: - Ouro fino, Crixás, Palma, Cavalcante, Pilar, etc" (cf. PALACÍN e MORAES, 2008, p. 74).

Segundo o economista e historiador Paulo Bertran (2000. p. 64), a pecuária não surge após a mineração do ouro, antes a precede, sem, contudo, equivaler a uma condição econômica para o Estado: "De fato, quando, em 1722, Bartolomeu Bueno da Silva Filho adentrou a região já encontrou sinais de gado, sentindo-se de todo perdido".

Na dinâmica pós-mineração, a vida passou a acontecer, então, nas fazendas, que nem tinham limites definidos, muito menos títulos legais de posse. Como o gado não tinha qualidade econômica e as pastagens eram inferiores, a economia goiana ficou por longo tempo marginalizada no cenário econômico interno do país. A pecuária foi responsável mais

---

<sup>23</sup> O conceito de isolamento relativo foi construído no trabalho de Rezende Santos (2008).

pela fixação do homem no território do que por alguma dinâmica econômica destacável no panorama nacional.

Em 1918 o escritor Hugo de Carvalho Ramos veiculou pela mídia impressa um artigo denominado "O interior goiano". Nele, descreve com precisão uma variedade de tipos humanos que habitavam há muito o sertão goiano: o caipira, o roceiro e o sertanejo. O *caipira*, tipo com precárias condições, viveria do cultivo da terra ao pé das matas, sem método moderno de cultura, ainda nos "primitivos e bárbaros processos de derruba e queima" (cf. RAMOS, 1950, p. 3). Muitos deles habitavam a beira das estradas de trânsito obrigatório a fim de poderem contar com recursos fornecidos piedosamente pelos forasteiros; o *roceiro*, "tipo geral de matuto brasileiro", viveria em fazendas com ampla plantação, na "vizinhança das vilas e cidades", com fartura e bem-estar, podendo também contar com cuidados médicos e de agronomia; e o *sertanejo*, aquele com melhores condições de vida, maior mobilidade, devido à lida com o pastoreio das manadas de gado e cavalos ou com o transporte de burros a serem vendidos longe. Ele exercia os ofícios de tropeiro, carreiro ou boiadeiro, ofícios complexos, pois era necessário ter coragem para matar cobras e onças, ter conhecimentos de veterinária, uma vez que se via, às vezes, tendo de tratar de animais doentes e ter conhecimentos profundos do ambiente, pois era ele que deveria escolher pastos e saber os locais de água para os animais e ter destreza para cavalgar. Ele seria o tipo humano intrinsecamente ligado ao fator econômico *transporte*. Era preso à fazenda "pelo ajuste do patrão" e não por depender do cultivo do solo.

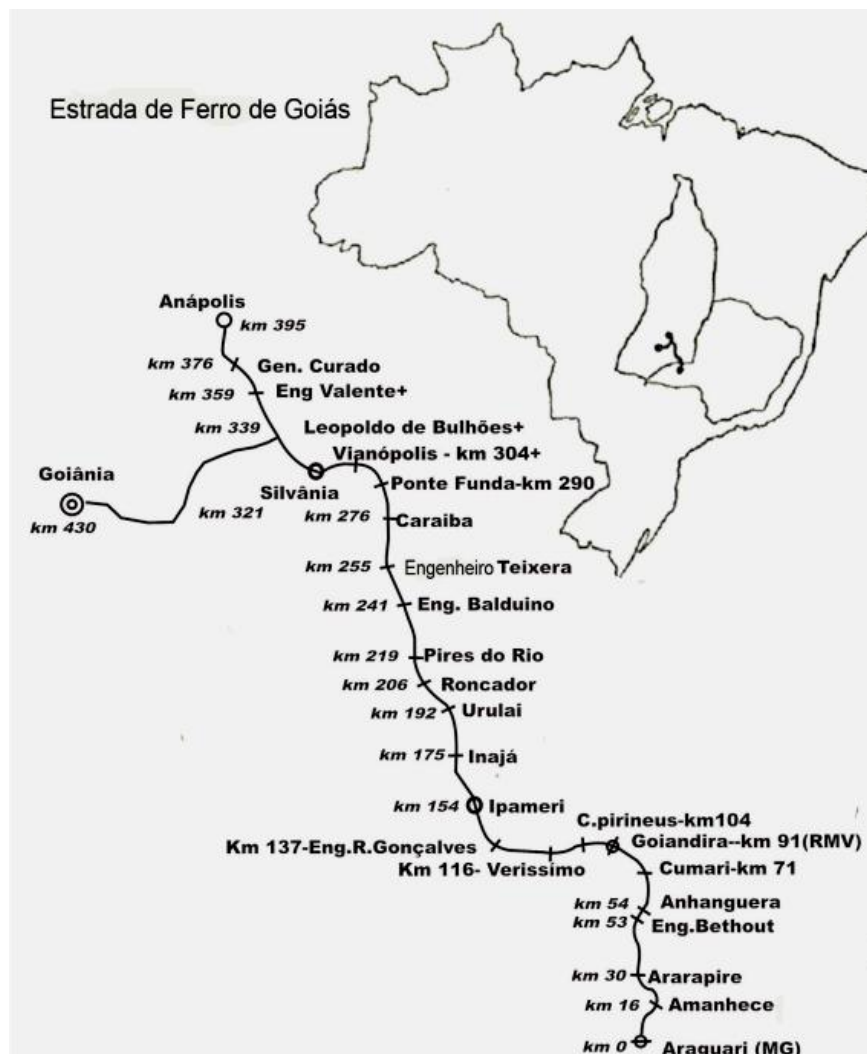
No século XIX aconteceram dois fluxos migratórios de povoamento no estado: um originário do Nordeste, ocupando o vale do Tocantins e outro do Sudeste, com mineiros e paulistas no sul da província. Mas isso não foi estímulo suficiente em um panorama de economia de excedente, baixa densidade demográfica, isolamento e falta generalizada de recursos.

Foi a chegada da estrada de ferro, como via de comunicação, que começou a alterar esse quadro. A dinâmica socioeconômica de Goiás no processo de formação do Brasil é vista como produto de sua articulação com o centro econômico paulista (cf. ESTEVAM, 2004). Num primeiro momento, foi a articulação inter-regional com a cafeicultura paulista que permitiu um surto de progresso na região.

O tempo das transformações se iniciou, indiretamente, com a fundação da Companhia Mogiana de Estradas de Ferro, em 18 de março de 1872 em São Paulo, para escoamento da produção de uma das regiões mais produtivas do estado, a região de Mogi-Mirim e Amparo. Essa estrada de ferro prosseguiu em território mineiro e chegou até a cidade de Araguari. Daí

em diante foi construída a *Estrada de Ferro Goiás*, com início em 27 de maio de 1911. Até o ano de 1952, a “Goiás” abrangia aproximadamente 480 quilômetros, chegando ao seu ponto mais distante, na época, Goiânia. O **mapa 5** apresenta o percurso da ferrovia entre Araguari (MG) e Goiânia (GO).

**Mapa 5:** Percurso da Estrada de Ferro Goiás com base em Araguari (MG)



Fonte: <http://vfco.brazilia.jor.br/mapas-ferroviarios/1954-EFG-Goiias.shtml>

O historiador Paulo Bertran (1978, p. 97) registra serem as terras goianas, em 1920, uma das mais desvalorizadas do país. Mas chegaram os trilhos, os imigrantes, a taxa de natalidade cresceu no estado e aumentaram as taxas de articulação com o triângulo mineiro, localidade essa já influenciada pela cafeicultura paulista.

Mesmo com a fundação da nova capital do estado, Goiânia, na década de 1930, o testemunho era de que tudo o que era necessário para a vida cotidiana, como os materiais de construção, os gêneros alimentícios, os tecidos e as ferramentas procediam de São Paulo<sup>24</sup>.

Em 1929 a população goiana ainda permanecia quase que inteiramente rural, com organização econômica tradicional (cf. ESTEVAM, 2004, p. 109). Onze anos depois, o censo do IBGE reafirmou a permanência dessa configuração quando apontou um índice de 18,5% da população do Estado como urbana e 81,5% como rural (662.018 habitantes: 122.400 em área urbana e 539.618 em área rural).<sup>25</sup>

No plano político, a representação da modernidade se efetivou pela administração do Estado, a partir de 1930, do médico e pecuarista Pedro Ludovico Teixeira, membro da Aliança Liberal<sup>26</sup>, articulado, portanto, ao projeto de nação de Getúlio Vargas e à Marcha para Oeste<sup>27</sup>. No final da década de 1920, a pecuária representava 32% da arrecadação do Estado (cf. CHAUL, 2002. p. 142) e os fazendeiros e pecuaristas reclamavam um poder político condizente com sua importância econômica no estado. Congregavam uma mentalidade urbana a uma realidade rural.

Ao longo dos anos 1930, a historiografia registra que políticos e intelectuais, liderados por Ludovico Teixeira, com bases estabelecidas no sudoeste do estado, irão construir a representação de modernidade em contraposição à situação do domínio das oligarquias rurais atuantes.

Nesse processo de modernização, num Goiás de núcleos urbanos acanhados e inexpressivos, não foi possível mobilizar uma presença marcante das camadas médias, que nas cidades de outras regiões brasileiras reclamavam seus interesses próprios.

Iniciava-se, então, um crescimento populacional nas cidades e uma lenta formação de profissionais liberais, "que passaram a nutrir o Estado de ideias e ideais reformadores e a desenvolver a necessidade de transformações na política e na economia" (cf. CHAUL, 2002. p. 142). Os grupos políticos em ascensão se valeram justamente dos argumentos de

---

<sup>24</sup> ESTEVAM (2004, p. 103).

<sup>25</sup> Disponível em: [http://www.ibge.gov.br/servidor\\_arquivos\\_est/busca\\_frame.php?palavra=1940](http://www.ibge.gov.br/servidor_arquivos_est/busca_frame.php?palavra=1940). Acesso em abril de 2011.

<sup>26</sup> Coligação oposicionista de âmbito nacional formada no início de agosto de 1929 por iniciativa de líderes políticos de Minas Gerais e Rio Grande do Sul com o objetivo de apoiar as candidaturas de Getúlio Vargas e João Pessoa respectivamente à presidência e vice-presidência da República nas eleições de 1º de março de 1930. Informações disponíveis em: <<http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos20/CrisePolitica/AliancaLiberal>>. Acesso em abr. 2011.

<sup>27</sup> Em 1940, Getúlio Vargas lançou a chamada "Marcha para o Oeste", como uma diretriz de integração territorial para o país. E o fez durante os festejos de inauguração da cidade de Goiânia. Informação disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/JK/artigos/Brasilia/ConquistaOeste>. Acesso em ago. 2011.



decadência e atraso para propor a modernidade em Goiás com a dinamização de sua economia, principalmente das regiões sul e sudeste do Estado, pois Ludovico Teixeira era representante dessas regiões.

Foi dele a ideia de transferência da capital do Estado, inserida no projeto de uma nova capital a ser erguida, nesse caso uma cidade sem antecedentes políticos. Essa promessa de campanha de Ludovico Teixeira teve pelo menos duas motivações imediatas segundo Polonial (2011. p. 26): retirar da cidade de Vila Boa, hoje cidade de Goiás, a capital do Estado, por ser ela a sede de seus inimigos políticos, os Caiado; e instalar a nova sede do governo próxima à estrada de ferro.

A construção de Goiânia dará início a "uma consolidação possível entre o urbano e o rural, capaz de absorver os elementos existentes e as ideias em trânsito, o velho e o novo, a oligarquia e a revolução, a agricultura e o comércio" (cf. CHAUL, 1999. p. 49).

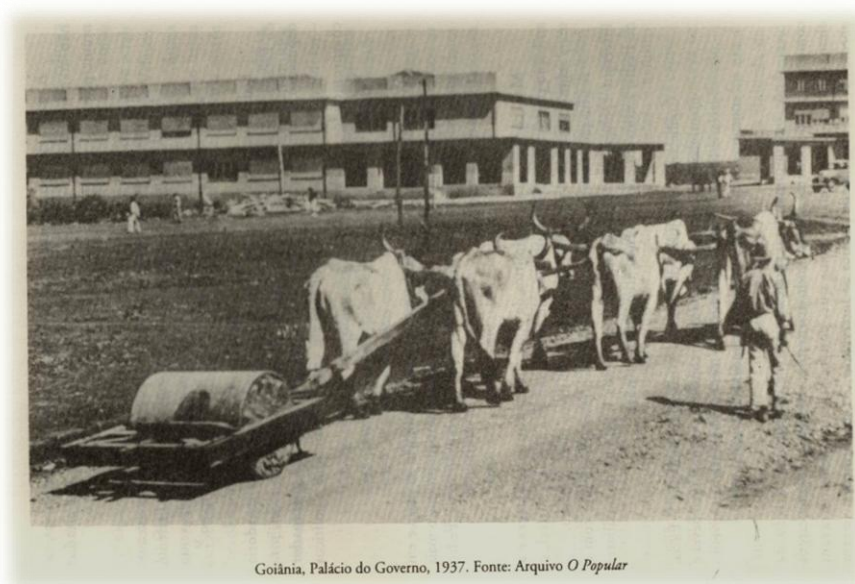
Em 1932 Pedro Ludovico Teixeira decretou a mudança da capital, em 1933 iniciou-se o processo de fundação da cidade, em 1935 foi criado o município de Goiânia, em 1937 deu-se o decreto de transferência da capital e em 1942 a capital é inaugurada. Acerca das condições em que se deu o processo de construção da nova capital, afirma Chaul (2009, p. 105):

A mão de obra básica teve de ser trazida do Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais e Bahia, para constituir um contingente operário que não havia se formado no Estado ao longo de seu processo histórico. Os quase quatro mil anônimos, a outra face dos construtores de Goiânia, viviam em condições subumanas de vida, e os salários, quando pagos, transformavam-se em vales, que, por sua vez, viravam dívidas nas mãos dos agiotas, e acabavam como o lucro das cantinas dos exploradores.

A edificação de Goiânia foi apontada como o marco da ruptura entre o passado (atraso) e o presente (modernidade), pois a nova capital "não nasceria em torno de uma capela, como a maioria das cidades goianas, mas à volta de um centro administrativo" (cf. CHAUL e DA SILVA, 2004. p. 151).

Essa modernidade, no entanto, dado que Goiás nessa época era essencialmente agrário, com uma população quase totalmente rural, aconteceu com uma nova capital sendo "palco da mesclagem campo e cidade, urbano e rural" (cf. CHAUL, 2002. p. 30). Esse amálgama está perfeitamente representado numa foto de Goiânia em 1937, a seguir. Em anexo encontram-se outras fotos (Anexo A).

**Figura 1:** Construção do Palácio do Governo na nova capital (1937) <sup>28</sup>



Goiânia, Palácio do Governo, 1937. Fonte: Arquivo *O Popular*

Fonte: CHAUL, 2004, p. 227.

Ao lado da moderna arquitetura da sede do governo, vemos paradas de bois servindo no nivelamento do solo da região, numa demonstração exemplar de que o novo foi erguido com o emprego de ferramentas tradicionais da época, as quais, por sua vez, colocavam em evidência justamente o caráter rural predominante na sociedade e na economia.

De fato, o fenômeno de urbanização inicial em Goiás não foi impulsionado pelo desenvolvimento econômico: No século XIX assistiu-se uma "civilização sertaneja em Goiás apartada das rápidas transformações capitalistas em curso no sudeste do país" (cf. ESTEVAM, 2004, p. 70); no século XX, entre 1940 e 1960, o processo de urbanização se acelera com uma taxa de não goianos no estado passando de 19,2% para 26,6%<sup>29</sup>. Mesmo assim, as cidades se expandiram mais à custa do êxodo rural em si do que à custa da criação de condições econômicas favoráveis à absorção de contingente populacional em área urbana. Chaul e Da Silva (2004) apresentam um panorama histórico da urbanização no estado:

O desenvolvimento urbano goiano pode ser esboçado da seguinte maneira: uma primeira fase, em que as cidades surgem casualmente dos sítios mineradores; segue-se o período das cidades-patrimônio (os povoados da pecuária/agricultura da cultura rústica) e um ciclo de planejamento urbano

<sup>28</sup> Goiânia, Palácio do Governo (1937). O concreto armado e a arquitetura moderna da época contrastavam com o meio de transporte rudimentar. Fonte: CHAUL, 2004, p. 227.

<sup>29</sup> ESTEVAM, 2004, p. 112.

com as cidades da estrada de ferro, da expansão dirigida por Goiânia e mais tarde por Brasília (CHAUL e DA SILVA, 2004, p. 12).

A construção de Brasília, a partir de 1960, e a implantação das rotas federais irão aumentar e fortalecer muito a articulação entre a região e o centro econômico dinâmico do país. A configuração de desenvolvimento econômico e afluxo de migrantes que a fundação de Brasília proporcionou ao Estado de Goiás foi importantíssima para impulsionar as inter-relações dessa região central com o restante do país.

## 2.5. CULTURA E IDENTIDADE

O tema da *identidade* é uma das grandes noções transversais da área das ciências humanas atualmente (cf. DUARTE e MEDEIROS, 2004, p. 14) e orienta grande parte dos estudos nesse âmbito. Assumiremos, em nossa pesquisa, a concepção da psicologia social, relativa a estados e processos mentais nas interações sociais, de que identidade

não é aquilo que se é, mas sim um conjunto de características que se sente ter, que se pensa ter, seja em comum com os membros de um grupo – e não de outro –, seja de forma individualmente diferenciada.

(DESCHAMPS e MOLINER, 2009, p. 9-10)

valendo-nos também da concepção do sociólogo austríaco Michael Pollack (1992, p. 5) de que identidade

é o sentido da imagem de si, para si e para os outros. Isto é, a imagem que uma pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria, a imagem que ela constrói e apresenta aos outros e a si própria, para acreditar na sua própria representação, mas também para ser percebida da maneira como quer ser percebida pelos outros.

Em essência *identidade* diz respeito ao que é vivenciado e compartilhado como próprio de uma percepção fundamental. Nesse sentido, entendemos a comunidade goiana como consciente e preservadora de suas raízes e tradições ligadas à ruralidade sem que se esgote nela. Não se trata de conceber uma comunidade estagnada no tempo, mas de uma comunidade que ao longo do tempo optou pela manutenção de um modo de ser fundamental.

Por mais de dois séculos as fazendas goianas sustentaram tudo. As cidades muitas vezes foram apêndices da aristocracia rural. Mesmo com o avanço da urbanização e das

transformações socioeconômicas nos anos 1970 em Goiás, perdurou seu caráter rural, como o salientam Braga e Almeida (2008):

Todas essas transformações [campo mecanizado, agroindústrias, redes de cidades, de transporte e de comunicação] refletem nas ações mais subjetivas do corpo social: nas suas ações, nas representações e nas formas de viver e conceber o mundo. Concebe-se que a nova realidade impulsiona mudanças graduais na composição cultural da sociedade goiana, referendada como sertaneja, desde a substituição da atividade mineradora pela agropecuária até a mecanização do campo. Durante esse período, foi esta identidade que afirmou, em Goiás, suas raízes, sua cultura. É nesse sentido que se pode propor uma significação para a cultura goiana tomando por base os códigos da sua singularidade associando-os, primeiramente, ao modo de vida rural (BRAGA e ALMEIDA, 2008, p. 9).

A fundação de Goiânia simbolizou a chegada da modernidade a partir das décadas de 1930-1940 sem, contudo, agregar rupturas no modo de vida tradicional e na visão de mundo. Chaul (2009) aponta a modernidade de Goiânia fundamentada em uma heterogeneidade cuja alma é rural:

Goiânia viva, country, countrypira, sertaneja, carnavalesca, nenhum rótulo é maior que sua dimensão histórica, permeada de heterogêneas faces de um mesmo rosto. Qualquer rótulo será mera expressão de um mero pedaço de seu todo, de suas mesclagens culturais, de suas simbioses geradoras de talentos de sua gente. Goiânia tem útero macunaímico, formação geral entre o urbano e o rural, *art déco*, berrante sampliado [sic] em múltiplos tons (Chaul, 2009, p. 110).

Mesmo tendo a maior parte de sua população morando em áreas urbanas atualmente, para o(a) goiano(a), o meio rural continua uma fonte primordial de significação e experiência, sua matriz cultural. Nesse sentido, Goiás é exemplo perfeito para entender a conceituação de cunho puramente administrativo de *área urbana* como aquela "caracterizada pela edificação contínua e a existência de equipamentos sociais destinados às funções urbanas básicas, como habitação, trabalho, recreação e circulação".<sup>30</sup> Isto é, nessa conceituação de área urbana o eixo é a figuração de instâncias físicas e não o caráter cultural que as atravessa. Goiás dá testemunho de que conservar a essencialidade do rural pioneiro não é incompatível com o

---

<sup>30</sup> Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Zona\\_urbana](http://pt.wikipedia.org/wiki/Zona_urbana). Acesso em set. 2011.

processo de urbanização e crescimento econômico. Em Goiás, é a índole rural que ressignifica muito da cultura urbana.

Goiás experimenta muitos exemplos dessa compatibilidade. Na cultura musical, por exemplo, o Estado deu origem a muitas duplas sertanejas atuantes e famosas, como Zezé Di Camargo e Luciano, Leandro e Leonardo, Bruno e Marrone, Felipe e Falcão, Cesar Menotti e Fabiano, Matogrosso e Mathias, Guilherme e Santiago, Chrystian e Ralf, André e Andrade, Di Paulo e Paulino, Jorge e Mateus. No universo das dez emissoras de rádio mais populares em Goiás, segundo pesquisa IBOPE<sup>31</sup>, três delas, Terra FM, Positiva FM e Sucesso FM, têm 60% da programação diária dedicada à música sertaneja.

O grande número de eventos ligados à agropecuária evidencia a força da tradição rural na vida socioeconômica e cultural do estado, como nas festas de peão de boiadeiro, vaquejadas, rodeios, cavalgadas e exposições de animais. O **Quadro 2** a seguir contém uma amostra dos numerosos eventos agropecuários anuais no estado<sup>32</sup>.

**Quadro 2:** Eventos anuais relacionados ao agronegócio em Goiás (2011)

MUNICÍPIO	DENOMINAÇÃO	PERÍODO
Rio Verde	Tecnoshow Comigo	31/03 a 04/04
Inaciolândia	3ª Cavalgada da Turma do Inácio e 3ª Queima do Alho do Sirin	26/04
Hidrolândia	13ª Festa do Peão da Igrejinha Mutirão das Fiandeiras	15 a 17/05 20/06
Nova Iguaçu de Goiás	Festa Ruralista	27 a 31/05
Uruana	17ª Festa do Peão	10 a 14/06
Iaciara	21ª Festa do Peão de Iaciara	11 a 14/06
Britânia	2ª Festa do Produtor Rural de Britânia e Aruanã	24 a 26/07
Trindade	Concurso de Carros de Bois e Festa do Divino Pai Eterno	27/06 a 05/07
Jataí	Jataimilho	03 a 05/07
Jataí	Rodeio Crioulo	24 a 26/07
Divinópolis de Goiás	25ª Vaquejada	24 a 26/07
Morro Agudo - GO	Festa do Peão	06 a 09/08

<sup>31</sup> Disponível em: <http://www.redecol.com.br/2009/07/audiencia-das-radio-fm-em-goiania-goias.html>. Acesso em abr. 2011.

<sup>32</sup> Disponível em: [http://www.agronegocio.goias.gov.br/index.php?pg=eventos\\_t](http://www.agronegocio.goias.gov.br/index.php?pg=eventos_t). Acesso em abr. 2011.

<b>MUNICÍPIO</b>	<b>DENOMINAÇÃO</b>	<b>PERÍODO</b>
São Patrício	5ª Festa do Peão	13 a 15/08
Morro Agudo de Goiás	Semana Ruralista com Cavalgada Ecológica	07 a 13/09
São Francisco de Goiás	3ª Festa do Peão de São Francisco de Goiás	08 a 13/09
Jataí	Jataí Pesque	19 e 20/09
Portelândia	1ª Feira Agropecuária e 4ª Semana Tecnológica	09 a 14/11
Minaçu	9ª Exposição Agropecuária	07 a 14/05
Goiânia	64ª Exp. Agrop. do Estado de Goiás	15 a 31/05
Jataí	37ª Expaja	31/05 a 14/06
Anápolis	54ª Exp. Agropecuária, 21ª Estadual, 37ª Regional e 6ª Ranking do Nelore - Expoana	01 a 07/06
São Luís M. Belos	33ª Expoagro São Luís Montes Belos - 18ª Ranking Nelore 6ª Ranking do Tabapuã	30/05 a 07/06
Inhumas	27ª Exposição Agropecuária de Inhumas	08 a 14/06
Paraúna	26ª Exposição Agropecuária e 39ª Festa da Produção de Paraúna	08 a 14/06
Bela Vista de Goiás	21ª Exposição Agropecuária de Bela Vista de Goiás	10 a 14/06

Fonte: [http://www.agronegocio.goias.gov.br/index.php?pg=eventos\\_t](http://www.agronegocio.goias.gov.br/index.php?pg=eventos_t). Acesso em abr. 2011

Frente a um movimento de urbanização crescente e um decréscimo da população nativa em zona rural seria razoável supor grandes transformações socioculturais na vivência dos goianos. No entanto, o forte vínculo com a terra, além de preservado, transformou-se também em produto para consumo externo no denominado turismo rural, cada vez mais ampliado e valorizado no Estado.

Muitas fazendas se destacam nesse ramo de entretenimento e refuncionalizam o campo pela venda de diversos tipos de alimentos como doces, vinhos e licores; de artesanatos e de produtos oriundos do aproveitamento da rica flora do Cerrado, utilizados localmente na medicina, na produção de cortiça, fibras, óleos e materiais decorativos.

A vivência do rural como opção identitária em Goiás é motivo de orgulho e de divulgação também por meio da literatura local, pela obra de escritores como Hugo de Carvalho Ramos, Eli Brasiliense, Bernardo Élis, Bariani Ortêncio, Cora Coralina. Dessa

poetisa goiana citamos um trecho de Rio Vermelho por meio do qual ela expressa seu orgulho de ser goiana:

Longe do Rio Vermelho  
 Fora da Serra Dourada.  
 Distante desta cidade,  
 Não sou nada, minha gente.  
 Sem rebuço, falo sim.  
 Publico para quem quiser.  
 Arrogante digo a todos.  
 Sou Paranaíba pra cá.  
 E isso chega pra mim.

(CORALINA, 1985, p. 91)

São comuns declarações de orgulho da identidade goiana, como no caso de escritores goianos, recolhidas na pesquisa de Da Costa (2007) sobre a identidade goiana a partir do olhar publicitário<sup>33</sup>.

a) "Nós somos goianos desde o dia 7 de novembro de 1749, antes aqui era Capitania de São Paulo. Antes quem nascia aqui era paulista. Daí pra cá é que quem nasceu aqui é goiano". p. 111. (Bariani Ortencio, escritor paulista radicado em Goiás desde 1938. UBE<sup>34</sup>-GO)

b) "Goiânia é ainda uma cidade provinciana. A gente não gosta que falem isso porque a gente adora a cidade, mas é provinciana sim e nós gostamos de manter isso, essa a verdade, a gente acha bom que a cidade seja assim". p. 137. (Maria Aparecida de C. Barbo, UBE-GO)

c) "Com Goiânia nós teríamos uma identidade mais atualizada, mais moderna, mais contemporânea, e aí sairíamos da *goianice* pejorativa para uma idéia de *goianidade* que aí vinha sendo construída e que aí vai ter sequência sob muitos aspectos a partir de uma nova capital, de um novo sopro de desenvolvimento". p. 102. [destaques nossos]. (Nasr Chaul, historiador goiano. UBE-GO)

d) "Goiânia é uma roça asfaltada, e foi falado isso em rede nacional. Já falaram que Goiânia é uma roça asfaltada". p. 135. (Eduardo Bueno de S. Maria. UBE-GO)

"Ser goiano é aquele que está em qualquer lugar do país e se sabe que é de Goiás quando cumprimenta alguém, seja numa praia, seja em algum lugar e a pessoa logo fala: Você é de Goiânia, você é de Goiás, não tem como negar. / Goianidade então é isso, é nós termos o orgulho de sermos o que somos. A gente comentou sobre modernização, que a cidade tem que ser moderna, mas ninguém consegue ir para o futuro esquecendo o seu passado. E o passado é

<sup>33</sup> As páginas indicadas são as do roteiro do documentário anexado à pesquisa do autor.

<sup>34</sup> UBE - GO: União Brasileira de Escritores, seção Goiás.

o que nos leva a querer alcançar o futuro". p. 139. (Eduardo Bueno de S. Maria. UBE-GO)

e) "Ser goiana para mim, por que eu não nasci em Goiânia, mas sou do Goiás, é ser típica, vamos dizer assim, daquele interior grande. Apesar de falar com o "R" puxado, meio da roça mesmo, sabe o que é cultura, sabe o que é se modificar, se modernizar e crescer junto com ela". p. 138. (Paula. Identificação não encontrada)

O editor Alexandre Petillo, do jornal diário goiano DM (*Diário da Manhã*), o segundo em tiragem no estado, em 05 de março de 2005 expressa sua opinião sobre a identidade da capital do Estado:

O que é ser goiano?

Muitos podem se zangar, mas o goiano é, sim, caipira. A influência do campo ainda é forte em Goiânia. A capital é nova, a música sertaneja e os usos e costumes rurais fazem parte do cotidiano de muita gente. Até poucos anos, boa parte do Estado era eminentemente sertão.

Apesar de ser uma das capitais que mais crescem no País, Goiânia resiste com manias que as grandes metrópoles brasileiras suprimiram em virtude da violência que veio com o crescimento demasiado. Em diversos bairros é possível observar pessoas conversando na calçada no começo da noite, prática não aconselhável, por exemplo, em São Paulo.

Os goianos também empreenderam um registro literário de caráter épico de sua história com o *Goyania*, um poema composto por Manuel Lopes de Carvalho Ramos, pai do escritor Hugo de Carvalho Ramos, em 1890, quando era juiz de Direito na cidade de Torres do Rio Bonito, atual Caiapônia, tendo sido publicado em 1896 na cidade do Porto, em Portugal, pela Tipografia a Vapor de Arthur J. de Sousa. Foi uma tentativa de compor um canto, uma mitologia sobre a conquista de Goiás. Escrito de improviso, "em um espaço de trinta e cinco dias" (cf. PAULA, 2007, p. 69), tem valor histórico. *Goyania* é um poema longo, com 20 cantos e 7.968 versos. Seu título é um vocábulo criado a partir do nome da tribo Goiá, com o significado de *poema* ou *canto* dos Goiazes.

É o primeiro livro literário cuja temática gira em torno de Goiás e o mais logrado projeto de elaboração de uma mitologia alicerçada no conflito imisericordioso desencadeado pelos bandeirantes ao tentarem arrebatam aos índios destes sertões o controle da região.

(cf. QUINTELA e CASTRO, 2007, p. 2)



Não é difícil, a quem chega a Goiás, perceber a força da identidade goiana modelada fortemente no rural. "O sertão é uma categoria importante para se pensar a formação socioespacial de Goiás e sua constituição cultural" (cf. BRAGA & ALMEIDA, 2008. p. 1). José Mendonça Telles, intelectual goiano, escreveu crônica sobre "Ser goiano" (ANEXO B), na qual afirma que "o goiano da gema vive na cidade com um carro de boi cantando na memória".

Essa identidade goiana, esse sentimento de pertença, não aceita que se conceba sua diferença com o sentido de atraso ou decadência. As expressões *goianice* e *goianidade* foram criadas, na historiografia goiana, para representar duas vertentes interpretativas: a *goianice* representa a noção de uma sociedade goiana decadente, atrasada; a *goianidade*, a noção de uma sociedade exclusiva, autêntica, não comparável a outras em sua evolução histórica, conforme apresentadas por Chaul (2011, p. 42):

A título de representação, a "goianice" nos remete à época em que a ideia de "decadência" serviu para rotular o contexto da história de Goiás após a crise da mineração, enquanto que o que chamamos de "goianidade" nos indica a construção da ideia de modernização através de uma de suas representações, o progresso, fruto dos projetos político-econômicos do pós-30 em Goiás. A "goianidade" abrange uma época em que se procura mesclar o "velho" e o "novo", fundir o "antigo" e o "moderno", envolver o rural e o urbano e confluir o "atraso" e o "progresso" pelos caminhos da história.

A identidade cultural sertaneja na contemporaneidade em Goiás continua vigorosa e abrangente. A pecuária e a agricultura delinearão o caráter da urbanização goiana e das relações entre cidade e campo. É o espaço sertanejo que ainda hoje ressignifica muito da cultura urbana.

Até mesmo as denominações, em Goiás, carregam o orgulho da identidade sertaneja e das coisas da terra: a banda de música da UFG, instituída como um projeto de extensão e cultura de sua Escola de Música, é conhecida como Banda Pequi<sup>35</sup>; grandes restaurantes de comida típica tem nomes peculiares como "Estação Pequi" "Chão Nativo", "Tacho de Cobre", "Aroeira" "Chão goiano" "Frutos da Terra", "Panela Goiana", "Pizzaria do Pequi" (Cidade de Goiás); as denominações dos parques de Goiânia também exprimem a valorização do telúrico: *Bosque dos Buritis, Parque Vaca Brava, Horto Florestal, Parque Areião*.<sup>36</sup>

<sup>35</sup> Informações disponíveis em: <http://www.blogdapequi.com/>. Acesso em set. 2011.

<sup>36</sup> Informação disponível em: <http://www.cidades.com.br/cidade/goiania/000961.html>. Acesso em abril de 2011.

Na alimentação, a goianidade se expressa no frango com guariroba, no empadão goiano, no peixe na telha, esses últimos criações de um escritor goiano segundo nos conta Alexandre Petillo<sup>37</sup>:

O escritor Bariani Ortêncio também é responsável por algumas marcas da goianidade. Ele inventou, junto com Aldair Aires, o prato peixe na telha, um dos maiores símbolos da culinária do Estado. Ao lado do pequi e da guariroba, são as comidas tipicamente goianas, que se comem com mais frequência por aqui do que em outros Estados. “Na Bahia, o pequi é usado para fazer sabão”, ensina Bariani. O escritor acrescenta que o empadão é outro prato goiano. Segundo ele, dizer “empadão goiano”, por exemplo, é redundância. A mistura de um monte de coisa dentro da empada é criação do povo de Goiás.

Há em Goiás instituições criadas com o fim de fomentar internamente a valorização da identidade goiana, como é o caso da *Comissão Goiana de Folclore*, criada pela iniciativa de intelectuais da terra em 1948:

Instituição da Sociedade Civil, sem fins lucrativos, cuja missão é identificar os vários sotaques da cultura popular em Goiás, promover a incorporação dos saberes, fazeres e falares ao conteúdo das escolas, para que o (a) estudante, conheça, aprenda a gostar e crie o sentimento de pertencimento dentro de uma Identidade Coletiva<sup>38</sup>.

Outra iniciativa é o Instituto Olhar Etnográfico, cujo programa de incentivo cultural denominado Goiás Festeiro realiza o *Encontro para Fortalecimento das Culturas Tradicionais do Estado de Goiás*. Esse programa tem como objetivo a documentação audiovisual de festejos tradicionais-religiosos do estado, com destaque para a Folia do Divino, Folias de Reis, Congadas e Romarias. Um jornal goiano<sup>39</sup>, por exemplo, contabiliza em Goiás 46 grupos de reizado, oriundos das mais variadas cidades, dentre os quais o Grupo de Folia de Reis São Judas Tadeu, de Goiânia; a Comunidade Santos Reis, de Anápolis; o Grupo de Folia de Reis do Brejo Grande, de Itaguari; Grupo de Folia de Reis de Silvânia; e o Grupo de Folia de Reis Os Mensageiros de Maria de Adelândia<sup>40</sup>.

Foi iniciativa do Instituto Olhar Etnográfico o lançamento da primeira carta de moção pela Valorização da Cultura Tradicional do Estado de Goiás. Dessa carta participaram

---

<sup>37</sup> Editor do jornal diário goiano DM (*Diário da Manhã*) em 05 mar. 2005.

<sup>38</sup> <http://comissaoegoianadefolclore.blogspot.com/>. Acesso em set. 2011.

<sup>39</sup> *Diário da Manhã*. 28 dez. de 2009.

<sup>40</sup> Informações disponíveis em <<http://www.santacruzdegoias.net>>. Acesso em fev. de 2010.

embaixadores de Folias de Reis, guias de Folia do Divino, capitães e generais da Congada, além de promotores de expressões culturais tradicionais, presidentes de associações, pesquisadores e colaboradores com a disposição de traçar estratégias conjuntas em prol da valorização da cultura tradicional do estado de Goiás.<sup>41</sup>

Enfim, Goiás vivencia, valoriza e divulga sua cultura de base rural. É o que se dá também no caso da cultura do country, com um dos rodeios mais importantes do Brasil, o *Cowboy do Asfalto*, realizado em Goiânia, desde 1988 por iniciativa do Agrobóys Club, com o objetivo de "agregar os jovens adeptos do country e promover bailes, shows, festivais de música country e encontros de cowboys" (cf. SILVA, 2001, p. 180).

E são os jovens que revelam uma forte tendência para assumir a identidade modelada na cultura de base rural. No plano linguístico, como veremos pelos resultados estatísticos apresentados no capítulo 4 desta tese, isso fica claro, pois são eles que apresentam maior nível de singular verbal com *nós* na oralidade.

---

<sup>41</sup> <http://www.olharetnografico.org.br/populacoes-tradicionais/forum-de-culturas-tradicionais-de-goias/carta-pela-valorizacao-da-cultura-tradicional-do-estado-de-goias/>. Acesso em abr. 2011.

## 2.6. LÍNGUA PORTUGUESA NATIVIZADA

Supõe-se que a língua portuguesa transplantada com os bandeirantes, em expedições compostas de homens brancos (os chefes), mestiços (mamelucos) e de indígenas (cf. ELIA, 2003, p. 95), tenha tido influência predominante do dialeto caipira, "uma dialeção portuguesa no território da província de São Paulo" (cf. AMARAL, 1982, p. 42), cujas origens encontram-se na língua geral de base tupi:

Aqui, segundo aquele escritor [Teodoro Sampaio], a gente do campo falava a língua geral até fins do século XVIII. Todos a sabiam, ou para se exprimir, ou para entender. Era a língua das bandeiras; era a de muitos dos próprios portugueses aqui domiciliados. (cf. AMARAL, 1982, p. 61)

Aryon Rodrigues (1994, p. 102) corrobora essa versão de que os bandeirantes, que no século XVII saíram de São Paulo para explorar, entre outras localidades, Goiás, eram falantes da língua geral paulista (LGP), originária das línguas dos índios tupis de São Vicente e do alto do rio Tietê. Em Goiás, essa língua geral teria entrado em contato com as línguas indígenas<sup>42</sup> nos aldeamentos, empreendimentos oficiais cujo objetivo era tentar resolver os problemas de enfrentamento com os índios e de escassez de mão de obra (cf. CHAIM, 1974, p. 103) que afligiam os colonizadores europeus.

A característica do dialeto caipira que privilegiaremos nesta pesquisa da fala goiana de pessoas escolarizadas é a simplificação da concordância verbal, principalmente o singular verbal com *nós* em contextos linguísticos de esquiva da forma verbal proparoxítona, já referida em 1920 por Amaral (1982 [1920], p. 72): "Quando esdrúxula, a forma se identifica com a do sing.: nois ia, fosse, andava, andasse, andaria, fazia, fizesse, fazeria". Em estudo específico sobre a língua goiana, na década de 1940, Teixeira (1944, p. 102) afirma que, nessa data, sua característica mais notável era "a uniformidade da flexão nas pessoas verbais", sua invariabilidade no singular, de que dá exemplo "Nois foi dá pastu u gadu" (cf. TEIXEIRA, 1944, p. 115).

Quando Ramos (1950, p. 3) descreve os tipos característicos no sertão goiano, refere-se apenas a algumas características linguísticas da fala do *roceiro*, mas esses deveriam ser traços gerais também dos outros tipos humanos nativos, o caipira e o sertanejo: "Boçal e rude,

---

<sup>42</sup> Sobre o contato de línguas no Centro-Oeste brasileiro remetemos aos trabalhos de BORGES (2008) e NASCIMENTO (2008).

emitindo por juízos curtos uma linguagem que de mui longe lembra o português antigo por um ou outro termo arcaico deturpado, desconhece em absoluto as concordâncias".

A propósito da denominação do habitante do meio rural genericamente denominado *caipira*, Rezende Santos (2008, p. 25), cuja pesquisa linguística abrange a ruralidade goiana, argumenta que essa é uma medida que desconsidera a diversidade étnica, sociocultural e linguística constitutiva das áreas rurais. Propõe as denominações *homem rural* e *fala rural*, sendo o caipira uma subespécie do rural. Salienta que o estigma de atraso, "a representação que se faz do caipira reflete a oposição histórica entre campo/cidade, antigo/moderno, atrasado/desenvolvido", sendo moldura insuficiente para valoração das comunidades rurais.

No plano educacional do início do século XX, a sociedade goiana, segundo Teixeira (1944, p. 08), contava com 4 tipos principais de níveis de instrução: uma "massa analfabeta", composta por peões, agregados, sitiantes e queijeiros; uma porção semialfabetizada, composta pela maior parte dos fazendeiros; uma porção alfabetizada, composta principalmente por artesãos, vendeiros, funcionários menos graduados e alguns fazendeiros (coronéis e majores); e finalmente, um reduzido número de "letrados", a cúpula da pirâmide social, composta por juízes, promotores, delegados, padres, escritvães, médicos, alguns farmacêuticos e dentistas (a maioria com formação prática), professores e alguns comerciantes.

Com base nessa prática de baixo patamar de concordância verbal na oralidade se desenvolveu e se sedimentou uma identidade linguística que atualiza a goianidade pelo uso de singular verbal com o sujeito *nós*. A amplitude dessa tendência se expressa, para além da instância da fala cotidiana, por exemplo, na denominação (razão social) de uma pousada da cidade histórica de Pirenópolis. Ao nosso ver, essa coragem repele duas possíveis argumentações: uma relativa a considerar essa prática linguística como um mero traço residual na história sociocultural e linguística do Estado e a outra relativa a conceber que se trata da fabricação do pitoresco para atrair turistas.

A pousada "Nóis Hospeda" (**Figura 2**), localizada no centro histórico da cidade turística de Pirenópolis, cidade com pouco mais de 20 mil habitantes, que dista 123Km de Goiânia, 150Km de Brasília e chega a receber de 15.000 a 20.000 visitantes nos feriados prolongados. Está incrustada na Serra dos Pireneus e foi tombada pelo Patrimônio Histórico e Artístico Nacional em 1989<sup>43</sup>.

---

<sup>43</sup> Informação disponível em: <http://www.hotelsite.com.br/cidades/PIRENOPOLIS.htm>. Acesso em 22/03/2010.

Conforme anúncio veiculado pela internet, a pousada "Nóis Hospeda"<sup>44</sup> apresenta as opções de um hotel urbano confortável com suítes com ar condicionado, frigobar, TV e ventilador de teto. Tem café da manhã, e à noite é oferecida uma mesa de chás aos hóspedes. Um endereço na internet informa que se trata de uma pousada “campo, cidade”<sup>45</sup>.

A opção por expor a variante não padrão na denominação da pousada revela, a nosso ver, desejo de manutenção de um jeito próprio de falar, pois Pirenópolis recebe, como cidade turística, pessoas das mais variadas regiões brasileiras e do Exterior.

**Figura 2:** Fachada da Pousada *Nóis Hospeda* na cidade de Pirenópolis - GO<sup>46</sup>



Fonte: <http://www.noishospeda.pirenopolis.tur.br/>. Acesso em abr. 2011

Pela internet, um curitibano interessado em apresentar características gerais dos vários locais brasileiros por onde passou, registrou um *Dicionário de Goianês* e um comentário de goiano:

FABRÍCIO 13/03/2008      Muita gente não entendeu o texto heim? Sou goiano e achei engraçadíssimo. =) Tenho muitos amigos, universitários, que utilizam essas mesmas expressões e do mesmo jeito. São pessoas que falam “errado” porque gostam. É uma forma de criar identidade. Agora duas ressalvas. Primeiro que falta falar sobre a queda do d no gerúndio. Afinal goiano nenhum fala “caçando”. “Nóis fala é caçano”. Segundo: Sandra, não

<sup>44</sup> Informação disponível em: <http://www.noishospeda.pirenopolis.tur.br/> . Acesso em 25 de março de 2010.

<sup>45</sup> Informação disponível em: < <http://www.turistanarede.com.br/produto.php?id=3906> >. Acesso em 25 de março de 2010.

<sup>46</sup> Disponível em: <http://www.noishospeda.pirenopolis.tur.br/>. Acesso em abr. 2011.

seja tão tosca. Existe uma grande diferença entre falar como caipira e ter sotaque de uma determinada região. =P

A língua portuguesa falada em Goiás apresenta o singular verbal com *nós* não como uma condição do passado, sinalizadora de atraso ou *goianice*, valendo-nos da nomenclatura de Chaul (2011, p. 42), mas como uma marca de autenticidade ou *goianidade*.

O trecho a seguir, constante da amostra de Geruza Graebin em pesquisa defendida em 2008 sobre a fala de Formosa-GO, apresenta a fala de um goiano de 33 anos, com ensino fundamental com consciência da existência de variação, ainda que ele a associe ao erro<sup>47</sup>.

Entrevistadora - **Você acha que o pessoal daqui fala mais parecido com quem, com mineiro, com baiano?**

Participante - Nós aqui goiano mesmo fala mais parecido é com nós mermo, com goiano mesmo. (risos)

Entrevistadora - **Não tem ninguém parecido?**

Participante - Isso aqui eu acho que é só tem uma mania de falar as coisa diferente um pouquinho, né? Errado, né, um pouco.

Entrevistadora - **Você acha que fala errado?**

Participante - Mas é o brasileiro todo, né, que fala errado, né.

Entrevistadora - **E o...se vier um goiânio, um goiano, mas de Goiânia, da capital, você acha que fala diferente daqui, do pessoal de Formosa?**

Participante - Acho pode falá diferente um pouquinho, assim, porque talvez depende onde eles são criado tem mais cultura que a gente, né. Mas, dependendo disso acho que deve falar mais ou menos.

Entrevistadora - **É parecido?**

Participante – É parecidamente igual. Que eles lá, às vez é família mais rica, né, teve escola melhor, né, igual, conversar com pedreiro aqui, né, agora se você for conversar com médico ou outro é totalmente diferente, né.

(GRAEBIN, 2008a, p. 32)

No percurso conceitual do entrevistado está clara a consciência de que fatores socioeconômicos são decisivos na avaliação da diferença linguística, mas também está expressa a convicção de que há uma fala goiana, uma fala que é "mais parecido é com nós mermo".

---

<sup>47</sup> O falante não foi considerado em nossa pesquisa por não satisfazer ao critério de nível mínimo de escolarização.

Quanto à percepção da noção de "erro" ligada à prática linguística goiana, um falante de nossa amostra, portanto uma pessoa com mais tempo de escolarização, vinculou essa peculiaridade à consciência de uma identidade: "Não, mas nois fala errado porque nois qué, porque, assim, nois é assim".<sup>48</sup> O goiano entende sua diversidade como uma distinção positiva que garante a autenticidade da fala como local.

## 2.7. O DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO FORMAL EM GOIÁS

A economia agrária predominantemente de subsistência e o longo período de grande isolamento do que ia acontecendo no restante do país refletiram-se no processo de desenvolvimento da educação escolar formal no Estado, especialmente do ensino de língua portuguesa.

Os primeiros núcleos populacionais efetivos de ocupação de Goiás aconteceram por ocasião da migração na época da mineração durante o século XVIII. Anteriormente a esse período não houve sistema escolar ou preocupação com o ensino por parte do poder público no Estado. Bretas (1991, p. 46/49) chega a afirmar que "nos primeiros 65 anos de sua existência, a Capitania de Goiás não viu escola" e destaca que a instrução pública em Goiás se iniciou com a Escola Régia, em 1787, fruto da reforma pombalina, indo até 1825.

No final do século XVIII, havia na capitania apenas 8 professores e praticamente nenhuma escola, considerando-se a população total de pouco mais de 50 mil habitantes (cf. PALACÍN e MORAES, 2008, p. 110), 40% deles escravos (cf. CANEZIN e LOUREIRO, 1994, p. 27). Os jesuítas, mentores da educação brasileira durante mais de 200 anos, não tiveram vez em Goiás, pois foram expulsos do país em 1759<sup>49</sup>, nos primórdios da ocupação de seu território. A catequese dos índios em Goiás ficou a cargo inicialmente de civis ou militares, posteriormente de religiosos missionários nos aldeamentos e nos estabelecimentos denominados presídios.

No século XIX, após o primeiro recenseamento em 1873, o perfil da população goiana revelava, na condição de escravos, 6,8% dos homens e 6,5% das mulheres, conforme apontado em Bretas (1991, p. 420):

---

<sup>48</sup> *Arquivo de dados*, Dado 287, p. 19.

<sup>49</sup> A disposição contra os jesuítas começou antes dessa data, à qual se refere a legislação.



**Tabela 3:** População goiana apurada no primeiro recenseamento oficial de Goiás em 1873

Categoria	Sexo/Gênero	
	Homem	Mulher
Livres	73.373	75.008
Escravos(as)	5.337	5.211
<b>Total de habitantes</b>	<b>158.929</b>	

Fonte: BRETAS, 1991, p. 420.

No entanto, a condição de analfabetismo não abrangia apenas essa parcela da população, alcançando 80% no total de habitantes.

Em 1835, sob a gestão do primeiro presidente efetivamente goiano na Província, foi regulamentado o ensino elementar, a ser realizado pelos pais. O ensino secundário e o superior inexistiam (cf. CANEZIN e LOUREIRO, 1994, p. 12). A escola pública secundária só surgiu com a criação do Liceu de Goiás em 1847, na antiga cidade de Goiás, então capital do Estado, por obra do paulista Joaquim Ignácio de Ramalho. O Liceu funcionou nessa cidade até 1937, quando foi transferido para a nova capital (Goiânia). Importante síntese dessa etapa se encontra em Canezin e Loureiro (1994, p. 15) no trecho a seguir:

Até meados do século XIX, em Goiás, parte da população era escrava e estava excluída de qualquer frequência à escola. Da população livre, somente os setores econômica e socialmente privilegiados recebiam instrução. Apesar das determinações da lei de 1827, a respeito da criação das escolas para meninas, a mulher era marginalizada na educação escolar. As mulheres das camadas populares não recebiam instrução e as dos setores dominantes eram educadas em casa. Além desses fatores, comuns a todas as províncias, em Goiás havia o de a população ser predominantemente rural, com um nível de urbanização reduzido; por isto, a educação não era percebida como necessidade social e econômica.

Sobressaíam, na composição do perfil da instrução pública, o despreparo para o magistério, a precariedade financeira do Estado, a dispersão populacional no território, a indisposição dos pais, a inexistência de um sistema de fiscalização das escolas, os salários inexistentes ou irrisórios para os professores e a baixíssima frequência de alunos. Não havia escolas particulares. As famílias mais ricas enviavam os filhos para estudarem fora, geralmente Direito em São Paulo, a fim de que, já com ensino superior, voltassem como candidatos naturais para o quadro da administração do Estado; o curso de Medicina era

buscado por poucos, havendo também a opção pela Escola Militar e pelo Seminário (cf. PALACÍN e MORAES, 2008, p. 111).

Compêndios escolares só apareceram em Goiás a partir de 1850, preparados e impressos no Rio de Janeiro (cf. BRETAS, 1991, p. 182). O ensino de língua portuguesa, em meados do século XIX, acontecia concomitantemente ao aprendizado da Gramática Latina, por comparação, mostrando-se as diferenças entre a língua mãe e a língua derivada quando da explicação das regras (cf. BRETAS, 1991, p. 184), isso quando o professor possuía livro e permitia a cópia manuscrita aos alunos.

A escola funcionava na morada do professor, quase sempre um casebre. Até 1870 "não pensou o governo em construir, comprar ou mesmo alugar casa para as escolas" (cf. BRETAS, 1991, p. 403). A cadeira de língua portuguesa só viria a ser criada em 1862 por ato do presidente da Província e o uso regular de livros didáticos 12 anos depois, como salienta Bretas (1991, p. 407):

O uso desses livros [didáticos] em Goiás começou em 1874, no governo de Antero Cícero de Assis, conterrâneo do Barão de Macaúbas, que lhe ofereceu e remeteu, sem ônus para os cofres da Província, 200 volumes dos seus livros de leitura (1º 2º e 3º) e 400 volumes de sua gramática elementar, para distribuição gratuita nas escolas goianas. Esta foi sem dúvida uma generosa e apreciável doação, consideradas as dificuldades da época.

Nesse contexto foi criada a Escola Normal em Goiás em resolução de julho de 1858, sem, contudo, ser efetivamente instalada. Somente em 1884 ela foi instalada, regulamentada e entrou em funcionamento, mas teve existência efêmera, pois deixou de existir em 1886. Voltou a funcionar de 1903 até 1929 como anexo ao Liceu goiano, diplomando turmas de no máximo cinco normalistas.

Ao final do Império, Goiás contava com pouco mais de 70 escolas primárias funcionando, incluindo-se 5 particulares. No período republicano, entre 1889 e 1930, a educação em Goiás continuará marcada por situações de precariedade, com leve melhora a partir de 1919 com a iniciativa de criação dos grupos escolares. Em 1929, o jogo de poder entre os constitucionalistas e a oligarquia goiana leva esta última a alavancar uma reforma educacional com o apoio presencial de uma Missão Pedagógica Paulista, ao longo de dez meses, para organizar o ensino da escola Normal e do primário. "O saldo foi positivo, prevalecendo a opinião de que valeu a pena, apesar dos gastos" (cf. BRETAS, 1991, p. 521).

Até 1935 o crescimento quantitativo da rede escolar, nos níveis primário e secundário, foi pouco expressivo: 37 estabelecimentos a mais (cf. BRETAS, 1991, p. 575-576). É

somente a partir de 1936, com a iniciativa de mudança oficial da capital do Estado e da construção de Goiânia, que o progresso se intensifica, mormente a partir de 1947 quando foi criado o Fundo Nacional do Ensino Primário, e posteriormente o Fundo Nacional do Ensino Médio, pela União.

Aos objetivos desta pesquisa é especialmente significativa a institucionalização do ensino elementar no seio da família no século XIX (1835), com vigência até pelo menos 1920 conforme descrição de Silva (1975, p. 49-50):

Duas modalidades de instrução elementar prevaleceram até os quatro primeiros lustros do século XX – a do lar e a da escola. O mecanismo operacional da primeira prendia-se à instrução dos filhos mais velhos pelo pai ou pela mãe, ou por ambos conjuntamente. Posteriormente, aqueles já alfabetizados e adiantados nas letras encarregavam-se do ensino aos irmãos menores.

[...]

Verdadeira instituição, o ensino em família, em Goiás, apareceria com maior frequência para o aprendizado das meninas que, de natural, nem sempre frequentavam escola. O lar foi-lhes frequentemente a única via de acesso ao mundo das letras.

[...]

Para o poder público a importância desta modalidade de ensino multiplicava-se desde que, impotente para acudir às necessidades da população, se apoiava no grupo doméstico.

O papel da família na herança linguística é inegável. Genericamente, família é um grupo de pessoas que compartilha, para além de uma ancestralidade comum, convicções que representam valores intrínsecos ao grupo. A missão ou responsabilização oficializada da família no processo de evolução educacional do Estado de Goiás, principalmente no contexto geral de baixos investimentos econômicos, foi certamente favorecedora da continuidade de práticas linguísticas em vigor ao longo do tempo, como supomos seja o caso do uso do *nós* com verbo no singular.

Mas repelimos a conjectura de que poderia ter sido o desenvolvimento irregular da educação escolar goiana a via responsável por um deficiente acesso à norma padrão da língua portuguesa mais amplamente na sociedade. Não se trata de deficiência de acesso. Nossos falantes amostrais (todos da atualidade) não tiveram deficiência de acesso ao padrão linguístico ensinado na escola e, no entanto, fazem uso do *nós* com verbo no singular em percentuais nada desprezíveis, da ordem de 25%.

Também não se trata de baixo nível de escolarização, como se dá no caso do Rio de Janeiro, onde Naro, Gorsky e Fernandes (1999, p. 201), para falantes com mais de 21 anos e

até 8 anos de escolarização, encontraram um percentual de 34% (315/924) de não concordância verbal com *nós*. A fala goiana de nossa amostra foi captada por pessoas com pelo menos 10 anos de estudos escolares.

O objetivo de expor esse panorama foi argumentar que a manutenção do singular verbal com *nós* pode ter se beneficiado tanto das condições economicamente desfavoráveis na evolução da educação formal em Goiás quanto do papel da família na educação das primeiras letras, mas não se resume a eles. É insuficiente considerar essa situação como um caso de deficiência no acesso ao padrão linguístico de prestígio, pois as evidências etnográficas e as declarações conscientes de uma diferença linguística na fala goiana são assertivamente convincentes.

## CAPÍTULO III – PRESSUPOSTOS TEÓRICOS E SUPORTE QUANTITATIVO

Neste capítulo apresentamos os pressupostos teóricos e o instrumental metodológico do Variacionismo Laboviano, que fundamentam as análises da alternância de uso e da variação verbal com primeira pessoa do plural na fala goiana.

### 3.1. O VARIACIONISMO LABOVIANO

O pressuposto fundamental da Teoria da Variação ou Sociolinguística Quantitativa é que fatos linguísticos e sociais estão intrinsecamente relacionados, pois a linguagem é uma forma de comportamento social (cf. LABOV, 1972, p. 183). Na medida em que a língua tem origem social, ela representa esse social e carrega suas características.

Por isso essa corrente teórica, também denominada Variacionismo Laboviano, indica a prioridade da investigação linguística não nos indivíduos, mas nas comunidades de fala, como salienta Labov (2010, p. 7) ao afirmar que o dogma central da Sociolinguística é que a comunidade tem primazia sobre o indivíduo, no sentido de que o comportamento linguístico do indivíduo é compreendido com base em sua matriz social. Os indivíduos não seriam as unidades de análise, mas os componentes utilizados para construir modelos de comunidades de fala (cf. LABOV, 2001, p. 34), compreendendo-se *comunidade de fala* como um grupo de pessoas que compartilham traços linguísticos comuns, nível quantitativo maior de comunicação endógena e normas e atitudes semelhantes frente aos usos de linguagem (cf. LABOV, 1972, p. 158, 179).<sup>50</sup>

Na composição de amostras representativas, o Variacionismo Laboviano propõe a coleta da oralidade de indivíduos em situação a mais espontânea possível na entrevista sociolinguística, a fim de que emergja o vernáculo, isto é, a fala mais essencial, mais informal, com um monitoramento linguístico mínimo (cf. LABOV, 1972, p. 208) e que essa naturalidade possibilite captar os elementos que genuinamente compõem o sistema linguístico-social de uma comunidade. A naturalidade desses dados tem muito a revelar acerca das inter-relações entre língua e sociedade e por isso

---

<sup>50</sup> Registramos, sem maiores detalhamentos, que a área dos estudos sociolinguísticos de base quantitativa desenvolve discussões acerca da variação na comunidade de fala e/ou no indivíduo, com repercussões sobre as noções de comunidade de fala e comunidade de prática. Citamos, a esse respeito, MEYERHOFF, Miriam. *Introducing sociolinguistics*, 2011.

É preferível, sem dúvida, que as conversações sejam entre dois falantes do mesmo vernáculo, ou que a gravação seja feita numa interação natural, em vez de uma entrevista, mas a exigência mínima é obter alguma amostra do discurso real do falante. (SANKOFF, 1988a, p. 146).<sup>51</sup>

Labov (1972, p. 209-216) indica, além da entrevista face a face, a situação de interação entre pessoas de um mesmo grupo social (*peer-group*), por exemplo, e de modo complementar, as entrevistas rápidas e anônimas com pessoas em trens, ônibus, lanchonetes, zoológicos, bilheterias, ou ainda os programas de entrevistas em eventos públicos ou em cenas de acidentes na TV.

Além da conversação espontânea, o variacionismo também se interessa pelas narrativas e gêneros escritos de um modo geral, como salienta David Sankoff, professor do departamento de matemática e estatística da Universidade de Ottawa, Canadá, e incrementador do programa *Goldvarb X*, largamente utilizado nessa área de estudos linguísticos. Ao variacionismo interessa, segundo Sankoff, a polivalência e a aparente instabilidade, no discurso, das relações de forma-função (cf. SANKOFF, 1988a, p. 141).

Considerar as oralidades pressupõe conceber a língua como um conjunto de possibilidades de ocorrência, cada uma delas autenticamente originária do sistema linguístico e social de uma comunidade. A esse estado, Weinreich, Labov e Herzog, pioneiros no estudo da variação e mudança linguística, denominaram heterogeneidade ordenada, isto é, a variação como um fator constitutivo de um sistema linguístico e social, descartando-se, por consequência, a uniformidade como característica única do jogo comunicativo na linguagem oral (cf. WEINREICH, LABOV e HERZOG, 1968, p.100; LABOV, 1972, p. 203).<sup>52</sup> E "o caráter heterogêneo dos sistemas linguísticos [...] é o produto de combinações, alternâncias ou mosaicos de subsistemas distintos, conjuntamente disponíveis" (cf. WEINREICH, LABOV e HERZOG, 1968, p. 103).

A partir das ideias de heterogeneidade constitutiva e de inter-relação entre língua e sociedade, isto é, de sistema linguístico e de sistema social, estabelecem-se os objetivos principais do Variacionismo: analisar e legitimar variantes linguísticas de uma comunidade de fala (cf. LABOV, 1972); entender a relação entre variação/ coocorrência de formas e mudança linguística/competição de formas (cf. LABOV, 1972, 1994; W., L. e H. , 1968); e explicar a

<sup>51</sup> Tradução livre de Marcos Bagno do original em inglês.

<sup>52</sup> "(...) it will be necessary to learn to see language – whether from a diachronic or a synchronic vantage – as an object possessing orderly heterogeneity". (W., L. & H., 1968, p. 100)  
 "(...) that heterogeneity is not only common, it is the natural result of basic linguistic factors." (LABOV, 1972, p. 203)

inserção ou encaixamento de uma variável no sistema de relações sociais e linguísticas de uma comunidade.

Em essência, interessa ao Variacionismo encontrar a correlação entre um fenômeno linguístico e seu contexto de prática, pois "os mecanismos que ligam o extralinguístico à diversidade linguística sistemática é que são os objetivos da compreensão sociolinguística" (cf. SANKOFF, 1988a, p. 157). A teoria da variação interessa-se por determinar as pressões linguísticas e extralinguísticas que se correlacionam às variantes de uma dada variável linguística.

A coexistência de variantes, de um ponto de vista sincrônico, pode indicar uma variação estável, uma mudança de longa duração, ou ainda um processo de mudança linguística em progresso, isto é, aquela que pode ser observada no curso de uma ou duas gerações (cf. W., L. & H., 1968, p. 103; LABOV, 1972, p. 160-163). Nestes dois últimos casos, estaremos diante de uma situação de competição entre as variantes. Ou seja, variação pode ou não indiciar mudança, mas não há mudança sem variação que a preceda (cf. W., L. & H., 1968, p.188).

Como fenômeno que resulta de práticas sociais e da interação entre grupos humanos, a variação ou a mudança linguística é passível de análise do ponto de vista de sua motivação, ou da pressão das forças sociais sobre as formas linguísticas, podendo realizar-se consciente ou inconscientemente, segundo Labov (1994), com características diferenciadas e específicas.

Segundo Labov (1972), a mudança consciente (*change from above*) diz respeito à incorporação linguística de aspecto ou traço externo à comunidade ligado ordinariamente a prestígio, comandada na maioria das vezes pelo grupo de maior status social; a mudança inconsciente (*change from below*) refere-se, opositivamente, a diferentes motivações e distribuição social, com a característica central de desenvolver-se a partir da própria comunidade de fala, geralmente como delineamento de identidade local, por meio da fala dos adolescentes e em grande parte das mulheres. As pressões sociais desse tipo seriam relativamente obscuras, mas amplamente atuantes em todos os sistemas linguísticos (cf. LABOV, 1972, p. 123).<sup>53</sup>

Visto que a motivação social é uma das vertentes na análise linguística, o paradigma adequado à área da sociolinguística não seria aquele que se baseia na intuição do falante,

---

<sup>53</sup> "pressures from below operate upon entire linguistic systems, in response to social motivations which are relatively obscure and yet have the greatest significance for the general evolution of language" (LABOV, 1972, p. 123).

como o paradigma utilizado pelo gerativismo; nem tampouco uma abordagem que se oriente mais para métodos eficientes de ensino de língua e de resolução de problemas de aprendizagem. A abordagem adequada aos estudos sociolinguísticos é a abordagem interpretativo-descritiva, que, além de se ocupar da sistematização da variação, se preocupa também com as repercussões sociais das análises devendo chegar ao debate público sobre o preconceito linguístico (cf. SANKOFF, 1988a, p. 144).

A variação linguística é captada por padrões quantitativos que sustentam e provocam hipóteses a respeito das relações complexas regulares não perceptíveis de forma consciente no comportamento linguístico cotidiano. A análise dessas formas pode, além de revelar uma regularidade sistemática, detectar a possibilidade de uma mudança linguística em curso.

Essa detecção pode ser realizada por meio de uma análise linguística em *tempo aparente*, isto é, considerando as faixas etárias e os usos das variantes em uma comunidade, ou por meio de uma análise em *tempo real*, isto é, considerando dois momentos distintos na história de uma comunidade (cf. LABOV, 1972, p. 163; LABOV, 2001). Essa última abordagem gera mais segurança a respeito de processos de mudança linguística, vez que a simples distribuição de variáveis por faixas etárias pode ser aparente e não representar reais mudanças na comunidade, mas constituir um padrão característico de gradação etária que se repetiria a cada geração.

Sem dúvida, a análise em *tempo aparente*, realizada por meio de coleta e análise de dados relativos a diversos extratos etários, como jovens, adultos e idosos, possibilita importantes correlações entre os fatores linguísticos internos às variantes do fator idade, e inferências possíveis quanto ao processo ou não de mudança linguística em curso. As conclusões a esse respeito se baseiam no pressuposto de que se jovens, representando o futuro da língua, utilizam mais intensamente a variante inovadora, comparativamente aos outros segmentos etários, então podemos estar diante de uma situação de mudança em progresso. Mas é quando são combinados os procedimentos de análises *em tempo aparente* e *em tempo real* que se alicerça o método mais seguro e fundamental numa análise da mudança em curso. Nossa pesquisa aqui apresentada se constitui como análise em tempo aparente.

Para a obtenção de dados em tempo real de curta duração, há duas abordagens básicas (cf. LABOV, 1994, p. 83): a) o recontato posterior dos mesmos falantes considerados (estudo em painel) ou b) a constituição de uma nova amostra representativa (estudo de tendências). O estudo em painel é mais apropriado ao estudo do indivíduo, pois o analisa em dois momentos distintos, aceitando-se que o indivíduo por si necessariamente não reflita a mudança na comunidade; o estudo de tendências, realizado por meio da comparação entre duas amostras



de dois períodos de tempo, com indivíduos distintos, possibilita detectar as tendências de comportamento linguístico da comunidade no tempo.

Todo esse aparato teórico compõe, juntamente com um instrumental de cálculo estatístico, o Goldvarb X, detalhado a seguir, o modelo de análise próprio da Teoria da Variação.

### 3.2. O MODELO QUANTITATIVO

O método para uma análise variacionista supõe um tratamento estatístico das configurações dos dados coletados, daí a área ser conhecida também como Sociolinguística Quantitativa. Esse tratamento baseia-se na teoria da probabilidade aplicada aos dados, a fim de extrair regularidades altamente ordenadas que governem a variação na comunidade (cf. LABOV, 1994, p. 25; SANKOFF, 1988a, p. 141).

O variacionismo é um modelo teórico-metodológico que intenta, já o dissemos, alcançar a organização dinâmica de competição ou coexistência entre as várias organizações linguísticas motivadas e funcionalmente úteis, visto que a língua de uma comunidade heterogênea é ela mesma também heterogênea (cf. W, L & H, 1968, p. 101; LABOV, 1972).

É pretensão da área projetar uma representação de fenômenos linguísticos, por meio de certo número de tendências de ocorrências, num modelo teórico que demonstre as possibilidades de relacionamento entre os elementos linguísticos estruturais a partir da correlação deles com os fatos empíricos (cf. LABOV, 1994, p. 4) e assim construir um conjunto mínimo de princípios gerais que configurem uma teoria da variação e/ou da mudança linguística.

Denomina-se *variável linguística* ao conjunto constituído por essas várias organizações linguísticas diferentes (cf. SANKOFF, 1988b, p. 985)<sup>54</sup> que realizam um mesmo significado referencial (cf. DA SILVA, 2003, p. 69), um mesmo valor de verdade e *variantes linguísticas* a cada uma das maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto com o mesmo valor de verdade (cf. LABOV, 1972, p. 188). É possível a variação sem que o conjunto linguístico se faça obscuro aos seus usuários. Mesmo que haja nuances semânticas envolvendo as variantes linguísticas, a análise variacionista pode incorporar esses matizes às variáveis independentes (cf. DA SILVA, 2003, p. 69).

---

<sup>54</sup> The set of possible choices [...] constitutes a variable (SANKOFF, 1988, p. 985).

Ao avaliar, em termos quantitativos, as variantes em curso, é possível conjecturar qual variante supostamente poderia vir a estabelecer-se com regularidade na língua e quais forças sociais poderiam estar no comando dessa mudança, os grupos socioeconômicos e a avaliação socialmente atribuída a cada uma das variantes em questão.

Dessa forma, não é possível que a metodologia quantitativa do variacionismo laboviano típico, por si só, indique sentido para os fenômenos. É o pesquisador, com base nos pressupostos do aporte teórico, que monta a hipótese explicativa a partir da qual interpretará os dados coletados e os índices estatísticos produzidos pelo programa computacional utilizado na área, o *Varbrul (Variable Rules)* (cf. PINTZUK, 1988; SANKOFF, 1988b) ou suas versões para plataformas Microsoft Windows, o *Goldvarb X* (cf. SANKOFF, TAGLIAMONTE e SMITH, 2005); e para plataforma Apple OS 10.7, o *Goldvarb Lion for Mac* (SANKOFF, TAGLIAMONTE, SMITH, 2012).

Uma análise quantitativa dos dados extraídos de amostra fornece tão somente um suporte estatístico auxiliar na investigação das influências dos fatores propostos pelo analista, evidenciando os contextos linguísticos e extralinguísticos que favorecem ou desfavorecem o uso de uma ou de outra variante em análise. Sem dúvida, apresenta a vantagem de não ter qualquer vínculo com a origem da variabilidade dos dados, e, portanto, de não gerar interferência de qualquer natureza na interpretação deles (cf. SANKOFF, 1988b, p. 984). A inferência estatística deixa mais claras tendências e regularidades que não se encontram prontamente acessíveis à percepção do analista.

Para operacionalizar as quantificações, são propostos grupos de fatores que o pesquisador supõe serem relevantes à investigação do fenômeno variável, para descrever os contextos selecionados da amostra. Esses fatores devem ser tanto de caráter interno ao sistema linguístico quanto de caráter externo ao sistema linguístico, pressupondo-se uma correlação entre o funcionamento do sistema linguístico e o comportamento socialmente construído.

Se, por um lado, não é possível a previsão absoluta da variante a ser implementada na comunidade, por outro, é possível sinalizar a tendência que a favorece, bem como a força que a desfavorece (cf. SANKOFF, 1988b, p. 985).

A realização dos cálculos pelo *Goldvarb X* afere a atuação específica dos diversos fatores propostos pelo analista por meio de um modelo matemático denominado logístico. Esses cálculos levam à detecção e ordenação dos fatores que tenham relevância no entendimento das tendências variáveis realizadas pelos falantes. Afinal a ideia básica é de que a variação é sensível ao contexto de produção dos enunciados. Por isso as frequências brutas não são suficientes para a análise de fenômenos linguísticos variáveis: elas não levam em

conta as inter-relações existentes entre as categorias que atuam conjuntamente na situação (cf. NARO, 1992, p. 20). Numa primeira fase, de uma série de cálculos, o *Goldvarb X* calcula porcentagens. Após a preparação das células com as respectivas frequências dos fatores das variáveis em análise, o programa executa nova etapa na qual avalia o efeito de cada variável e seus fatores em relação às demais (*peso relativo* ou frequência relativa corrigida), seleciona aquelas estatisticamente relevantes e descarta as irrelevantes para a análise. A denominação *peso relativo* indica que o peso é relativo ao nível geral de ocorrência da variante, o *input* (cf. GUY e ZILLES, 2007, p. 239). Quando, numa análise, o valor do *input* se distancia da média geral isso está sinalizando um desequilíbrio na distribuição dos dados em função dos vários fatores (cf. GUY e ZILLES, 2007, p. 238).

Os pesos relativos medem, por meio de escala com intervalo de zero a 1, a influência dos fatores numa variável. O programa apresenta resultados (seleção) com *convergência* quando for possível a ele chegar a um modelo que melhor se aproxime dos dados observados usando os parâmetros incorporados no programa (cf. GUY e ZILLES, 2007, p. 198). Resultados sem *convergência*, ao contrário, indicam a não possibilidade de chegada a um bom modelo (*best fit*).

Na leitura dos números, em uma análise binária com distribuição equilibrada de dados pelos fatores, interpreta-se que pesos relativos com valores acima de 0.50 indicam favorecimento à ocorrência da variante em foco; valores inferiores a 0.50 desfavorecem a ocorrência dela; e valores bem próximos a 0.50 indicam que os fatores em questão não favorecem nem desfavorecem a variante em análise. Mas Sankoff (1988b, p. 989) salienta que é igualmente fundamental observar a hierarquia nas diferenças de efeitos dos fatores. Essa ordenação é a chave da interpretação, uma vez que os valores absolutos, nos resultados, podem se alterar conforme o modelo matemático utilizado nos cálculos.

As medidas que ordenam os efeitos das variáveis selecionadas são os *ranges*, que, comparativamente, em cada etapa de análise, indicam as magnitudes dos efeitos dessas variáveis ou grupos de fatores. Esses índices são evidências numéricas que apontam, por comparação, as dimensões de força no conjunto das variáveis independentes selecionadas. São calculados pela subtração do peso do fator mais baixo do peso do fator mais elevado no

conjunto dos fatores de cada variável independente. *Ranges* mais altos identificam variáveis de maior força (cf. TAGLIAMONTE, 2006 p. 242)<sup>55</sup> dentro de cada rodada.

No processo da projeção dos pesos relativos pode acontecer de o programa selecionar e descartar em seguida uma mesma variável, ou ainda de não selecionar nem eliminar alguma delas; a interpretação nessa situação é que deve estar havendo alguma distorção quantitativa, a tal ponto que não é possível ao programa estabelecer, isoladamente, uma coerência interna no conjunto. Diz-se então que estatisticamente os resultados têm *status* não definido (cf. SANKOFF, 1988b, p. 991-992) para aquela variável. Nesse momento é necessário rever as motivações e critérios utilizados na codificação dos dados ou planejar uma ampliação da amostra.

Pode-se dar o caso, por exemplo, de haver uma mesma variável codificada duplamente, isto é, de forma sobreposta, uma variável sendo subcategoria de outra ou, no pior caso, a identidade completa entre dois grupos de fatores. Pode acontecer também de o sistema de cálculos não alcançar uma solução adequada porque as células enviadas ao cálculo estatístico apresentam grande desequilíbrio distribucional interno, o que gera desordem nos cálculos e posteriores resultados sem sentido ou pouco confiáveis (cf. GUY, 1998, p. 29).

A situação de incongruência interna dos dados deve ser eliminada sempre que possível. Mas há situações em que a atitude analítica adequada consiste em entender essa incongruência. Nos casos da classificação dos dados pelas categorias sociais propostas, podem ocorrer enviesamentos insolúveis como, por exemplo, no caso dos fatores relativos à faixa etária e anos de estudo. Não é possível ou pelo menos não usual encontrar jovens de até 16 anos com tempo de estudo de 11 anos.

Caso a origem do problema seja um contexto linguístico de uso categórico de uma das variantes analisadas, a atitude adequada deve ser a eliminação do contexto categórico para efeito do cálculo dos pesos relativos, seja simplesmente eliminando-o dos cálculos, seja realizando amálgamas que façam sentido do ponto de vista da teoria linguística empregada.

Isso se deve ao fato de os programas da série Varbrul/Goldvarb serem apropriados para análise de fenômenos variáveis. Contextos que não apresentem variação, mas categoricidade, não podem fazer parte do cálculo de variação (cf. SCHERRE e NARO, 2003, p. 152).

---

<sup>55</sup> Strength is measured by the `range`, which is then compared with the range of the other significant factor groups. The range is calculated by subtracting the lowest factor weight from the highest factor weight (TAGLIAMONTE, 2006, p. 242).

A variável que apresente efeito categórico, no entanto, é de fundamental importância no entendimento do fenômeno, pois também explicita um contexto de uso, e com poder explicativo de mesmo status linguístico que os outros contextos linguísticos. Além disso, é igualmente possível resolver o problema da categoricidade de determinada variável por meio de um amálgama junto a outra(s) variável(is) com efeitos similares se esse procedimento não invalidar a hipótese sugerida pelo analista.

Procedimentos estatísticos se fazem a partir de um nível de significância arbitrado. O nível de significância ou margem de erro (*threshold*) arbitrado para o *Goldvarb X* é de 5%. Isto implica dizer que se aceita o risco, à taxa de 5%, de que a variação analisada possa ser aleatória. Em outras palavras, corre-se o risco de 5% de não ser possível rejeitar a *hipótese nula*, a hipótese de que não há efeitos reais nos dados, embora ela de fato tivesse de ser rejeitada (cf. SCHERRE e NARO, 2003, p. 165).

A medida de adequação aos dados na análise quantitativa do *Goldvarb X* é o parâmetro *likelihood* ou teste de verossimilhança máxima, cuja medida é o *log likelihood* (cf. SANKOFF, 1988b, p. 990). Esse logaritmo de verossimilhança é um número calculado pelo programa para medir a qualidade da aproximação entre o modelo e os dados observados (cf. GUY e ZILLES, 2007, p. 239). Ele indica, a partir da margem de certeza pré-estabelecida, o grau de adequação entre os valores projetados e os valores observados. No decorrer dos cálculos, o aumento do *likelihood* é o indício do aumento de chance de se ter chegado ao conjunto de fatores adequados, ou seja, é o aumento da possibilidade de rejeição da hipótese nula que consiste, como já dissemos, em não considerar aleatória a variação existente nos dados.

A rotina do *Goldvarb X* se desenvolve em níveis diversos de análise. Primeiramente o programa projeta uma média global que recebe o nome de *input*. Essa média é interpretada como uma referência para efeito de cálculo da grandeza do desvio de cada fator, isto é, funciona como um ponto de referência para a medida do desvio de cada fator em relação a essa média (cf. SCHERRE e NARO, 2003, p. 165). Em seguida o programa, em etapa denominada *stepup*, calcula as probabilidades dos fatores de cada variável em relação à média ou *input* e seleciona a variável estatisticamente mais significativa para a explicação da variação em questão. A seleção de uma dada variável implica dizer que, do ponto de vista estatístico, ela dá conta de parte da variabilidade observada nos dados.

Na próxima etapa, a variável selecionada é sucessivamente comparada às demais variáveis duas a duas, até que, em nova rodada de cálculos, o programa encontre a segunda variável mais relevante. Depois, acontece a comparação três a três para a seleção da terceira

variável importante. E assim se faz até que todas as variáveis relevantes estatisticamente tenham sido identificadas. Vem então uma etapa denominada *stepdown*, que verifica, inversamente, se as variáveis não selecionadas são igualmente eliminadas, ou seja, o programa vai eliminando os grupos de fatores cuja perda não produz diminuição significativa no *log likelihood* (cf. SANKOFF, 1988b, p. 991).

Essa solução perfeita, porém, nem sempre acontece, como já dissemos, porque as duas análises (*stepup* e *stepdown*) podem não coincidir: grupos de fatores podem não ter sido selecionados ou eliminados, ou ainda podem ter sido selecionados e eliminados. Nesse caso, a interpretação do programa é de que temos grupos de fatores com *status* indefinido.

O *Goldvarb X* também possibilita fazer tabulações cruzadas de variáveis independentes, a fim de que se façam visíveis ao pesquisador possíveis distribuições não equilibradas dos dados (cf. SCHERRE e NARO, 2003, p. 159). Quando não ocorrem problemas de sobreposição na classificação de variáveis, os diversos níveis da análise quantitativa feitas pelo programa se mostram equilibrados quanto à verificação da interferência entre variáveis, e os pesos relativos demonstram essa adequação através da manutenção de sua própria identidade, sem alterações significativas no decorrer dos diversos níveis de cálculo.

Em resumo, o Variacionismo Laboviano empreende o dimensionamento dos contextos de variação em um dado fenômeno linguístico por meio de uma rotina de identificação e codificação de dados de uma amostra com posterior submissão desse conjunto a um tratamento estatístico baseado no programa *Goldvarb X*. Os resultados são interpretados à luz de uma hipótese ou orientação analítica inicial de responsabilidade do pesquisador, considerada desde a etapa de identificação do fenômeno linguístico variável, postulação das variáveis independentes até a codificação dos dados.

Esse conjunto de instruções compõe uma tarefa cujo propósito é rejeitar a aleatoriedade da variação na base de dados de pesquisa. Mas a rejeição da hipótese nula, que indica que a variação não é aleatória, se faz, como já dissemos, com um nível de significância inferior a 5% (0,05).

## CAPÍTULO IV – A PRIMEIRA PESSOA DO PLURAL EM GOIÁS

Neste capítulo se encontram as contribuições originais desta pesquisa sobre a 1pp na oralidade de pessoas com mais de 10 anos de escolaridade que vivem em áreas urbanas goianas. Inicialmente exporemos as hipóteses de trabalho relativas tanto aos aspectos socio-históricos da comunidade quanto aos fundamentos das variáveis sociais e linguísticas utilizadas na codificação dos dados. Em seguida apresentaremos os resultados das seleções realizadas pelo *Goldvarb X*, que projetam uma sistematicidade para os eventos de concordância verbal com as formas de 1pp e de sua alternância de uso. Em paralelo, dialogaremos com resultados de pesquisas sobre 1pp em várias regiões do Brasil.

### 4.1. AS HIPÓTESES DE TRABALHO E AS VARIÁVEIS SOCIOLINGUÍSTICAS

Cogita-se que no sistema de pronomes pessoais da língua portuguesa, a incorporação de *você* e de *a gente*, duas formas derivadas de expressão nominal e, portanto, supondo verbos na terceira pessoa, tenha levado a um rearranjo no cenário da oposição entre singular e plural na concordância verbal e favorecido a influência de uso da terceira pessoa no paradigma verbal.

No entanto, devido ao paradigma verbal de 1pp ser o mais marcado na língua, ainda vigora, para 1pp, certa riqueza de opções de flexão verbal, a saber, por exemplo utilizando-se o verbo *falar*, as possibilidades de flexões de pretérito perfeito seguintes: (*nós/a gente*) falamos, falamo, falemo, falou.

Na fala goiana não foram encontrados casos análogos aos de "falemo" nas áreas urbanas consideradas; e os casos foneticamente análogos aos de "falamo" foram considerados juntamente com "falamos", assim como os casos de "vamo/vamos" ou de "tá/está"<sup>56</sup>. Dessa maneira, os sistemas regentes do uso das formas e da concordância verbal serão explorados pela perspectiva de extremos opositivos entre singular e plural, como temos em (*nós/a gente*) falamo(s) vs. (*nós/a gente*) fala, no tempo presente, ou como vemos nos exemplos autenticamente goianos seguintes:

(14) Nós TEMO aqui na Avenida Tiradentes, TEMO no centro, na rua Leopoldo de Bulhões. (Arquivo de Dados, dado 21, p. 2)

---

<sup>56</sup> Esclarecemos também que não foram consideradas separadamente as atualizações fonéticas de "nós/nois".

(15) Só que agora a gente só TA ensaiando mais no Sábado, porque...é muito ruim, porque, tem a menina que ela é a mais nova e ela estuda a tarde e eu e duas estuda de manhã, aí fica ruim, né? *(Arquivo de Dados, dado 1197, p. 110)*

(16) Nós DEIXAMO umas coisa assim lá em casa, remédio, calçado... até ir levando tudo pra dentro, né? quando nós VOLTAMO pra pegar num tinha mais nada. *(Arquivo de Dados, dado 481, p. 38)*

Como já salientamos, nosso aparato de análise se baseia em dois tipos de abordagens: uma qualitativa, com apresentação de dados históricos e etnográficos (registro da cultura material) da sociedade goiana, e uma quantitativa, de base estatística com apresentação de correlação entre aspectos sociais (variáveis sociais) e linguísticos (variáveis linguísticas) propostos como fundamento da codificação de dados coletados em entrevistas orais.

O pano de fundo desta pesquisa é o caráter rural que fundamenta a cultura goiana. Desse prisma analisaremos as condições de uso da 1pp relativamente à alternância das formas e à concordância verbal com cada uma delas. Os resultados mais peculiares serão aqueles relativos à dimensão de uso do singular verbal (não concordância) com *nós*.

A apreensão dos aspectos qualitativos, da observação etnográfica, se associará aos resultados estatísticos iluminando-os e sendo iluminados por eles. Esse panorama goiano no entendimento da concordância verbal no PB certamente favorecerá a compreensão do observado por Naro e Scherre (2003, p. 57) de que nem sempre as características sociais (nível de escolarização, sexo/gênero do falante e faixa etária) são suficientes para "dar conta do entendimento da dimensão social que envolve a variação da concordância de número em português"<sup>57</sup>.

A colonização de Goiás, principalmente após o fenômeno efêmero da exploração de ouro no século XVIII, ocorreu em estado de relativo isolamento da dinâmica urbana brasileira por longo período de tempo, e seu posterior desenvolvimento conservou uma forte vinculação aos usos e costumes rurais de origem, dado o contexto de exploração de terras para a agricultura e a criação de gado, numa economia de subsistência, de início, e posteriormente numa agropecuária economicamente representativa.

Além disso, a urbanização em Goiás no século XX não se desenvolveu em paralelo ao processo de industrialização no Estado. As cidades goianas foram absorvendo contingentes de migrações internas e/ou externas incentivadas por propaganda oficial sem estarem preparadas

---

<sup>57</sup> Os autores referem-se à concordância nominal e à verbal de terceira pessoa.



para essa nova situação. Até a década de 1960 foi expressivo o contingente de lavradores sem terra atraídos pela promessa de possuírem um pedaço de chão em Goiás (cf. CARNEIRO, 1984, p. 24).

Essa simples transferência de gente do campo para os núcleos urbanos perpetuou o caráter rural nas cidades, onde a educação também não sofreu modificações por longo tempo. A educação formal foi inexpressiva em Goiás até o século XIX, com a cultura letrada sendo privilégio do clero (cf. PALACÍN e MORAES, 2008, p. 110). A ascensão da escola como instituição fundamental se realizou somente a partir de 1936, com a iniciativa de mudança oficial da capital do Estado e da construção de Goiânia.

Ao longo do tempo, o que era rural por contingência se transmutará em rural por opção. É nesse sentido que é dito que o rural ressignificou o urbano em Goiás. E a perpetuação da cultura rural em Goiás se reflete nos mais variados segmentos econômicos e culturais, como o turismo, a música e os numerosos eventos agropecuários ao longo do ano em seu território.

É essa identidade que se vê representada na língua, de forma particular na concordância verbal com *nós* realizada com verbo no singular por moradores de áreas urbanas com mais de 11 anos de frequência à escola. Goiás se ajusta à concepção de comunidade de fala de Labov (1972, p. 158): "uma comunidade de fala não pode ser concebida como um grupo de falantes que usem as mesmas formas; é melhor definida como um grupo que compartilha as mesmas normas em relação à linguagem"<sup>58</sup>. Esse compartilhamento de normas em Goiás diria respeito principalmente a um uso sem estigma do singular verbal com *nós* até mesmo pelo segmento social mais escolarizado.

Em conjunto com a descrição histórica e etnográfica realizamos cálculos estatísticos (Goldvarb X) dos dados coletados da amostra de fala. Abrangemos três momentos de análise, com as perspectivas de três variáveis dependentes relativas à alternância de uso das formas *nós* e *a gente*, à concordância verbal com *nós* e à concordância verbal com *a gente*. Nossa ordem de apresentação dos resultados estatísticos priorizará a análise da concordância verbal, primeiramente com o pronome *nós* e em seguida com *a gente*, e finalmente a análise da alternância de uso *nós/a gente*.

Para a análise da correlação estatística entre aspectos sociais e linguísticos com 1pp, tanto na alternância de uso quanto na concordância verbal em Goiás, utilizamos 8 variáveis

---

<sup>58</sup> A speech community cannot be conceived as a group of speakers who all use the same forms; it is best defined as a group who share the same norms in regard to language (LABOV, 1972, p. 158).

independentes: 5 relativas à caracterização linguística e 3 relativas à caracterização social dos entrevistados. As variáveis independentes linguísticas foram: *tipos de sujeito*, *tempo verbal*, roteiro rítmico na forma verbal (*ritmo*), *tipo de estrutura sintática* e *tipo da fala*; as variáveis independentes de caráter social foram: *sexo/gênero do falante*, *nível de escolarização* e *faixa etária*.

Falemos das variáveis linguísticas. Cinco fatores compuseram a variável **tipo de sujeito**: *nós* e *a gente* expressos e não expressos e primeira pessoa do plural não pronominal, esta posteriormente incorporada ao *nós* expresso. Cada um dos fatores foi analisado separadamente e em conjunto como uma categoria do tipo sujeitos expressos ou não expressos. Optamos por computar na análise da variação os dois tipos de sujeitos, embora haja controvérsias quando o tema é correferenciação do verbo a sujeito não expresso. Em nosso caso, os candidatos potenciais para uma vinculação são o *nós* ou o *a gente*.

Consideramos como ponto de partida da vinculação o contexto de sujeito expresso anterior imediato por entender que é um critério razoável. Assim, se o sujeito expresso anterior é *nós*, então o verbo do sujeito não expresso posterior, esteja no singular ou no plural, estará correferenciando sujeito *nós* até que um sujeito diferente se expresse; se o sujeito expresso anterior imediato é *a gente*, optamos por controlar o vínculo da seguinte forma: o primeiro verbo pluralizado (com {-mos}) de sujeito não expresso *a gente* posterior, e somente ele, foi correferenciado ao *a gente*.

Essa alternativa se baseou na concepção de *a gente* como uma expressão nominal (até o século XIX) que se gramaticalizou com uma interpretação semântica de coletivo (Lopes, 2002). Mattos (2003, 2010), em pesquisa sobre sujeitos coletivos, defende que a pluralização com coletivos, por acontecer em duas frentes, por meio do verbo e/ou por meio da referenciação pronominal, indica que se trata de uma estratégia altamente eficiente a evitar uma ambiguidade sintática. Nesse sentido, a correferenciação de plural verbal a anáfora zero de *a gente* foi feita estritamente no primeiro caso posterior ao *a gente* expresso. Essa forma de controle teve como objetivo não inflacionar a codificação de plural verbal com *a gente* não expresso, captando uma dimensão de plural verbal que não gerasse dúvida quanto a essa estratégia de plural no verbo.

Os **tempos verbais** compõem uma variável tradicional para análise variacionista em grande parte das pesquisas brasileiras. A suposição fundamental é de que o estudo de contextos linguísticos influentes em um fenômeno não deve dispensar uma análise da morfologia nas flexões verbais. Em termos de frequências, nossa amostra apresentou 41% de *presente*, 29% de *pretérito perfeito*, 22% de *imperfeito* e 8% de outros tempos verbais,

configuração genérica em entrevistas com breves relatos de experiências dos falantes. A categorização dos verbos foi feita considerando seu contexto de ocorrência e não sua morfologia estrita.

Para lidar com a morfofonêmica nas formas verbais inicialmente cogitamos trabalhar com os pressupostos de *saliência fônica* conforme proposta por Naro (1981, p. 97), isto é, concebendo graus de diferenciação do material fônico na oposição singular/plural como um mecanismo sistemática e universalmente atuante nas línguas naturais, e tendo em mente também a conclusão de Mattos (2003, p. 60; 2010, p. 80) com análise de sujeitos de noção coletiva, de que formas mais salientes, por provocarem maior grau de percepção, tendem a favorecer a ocorrência de plural no verbo, sem que essa ocorrência represente para todas as ocasiões concordância verbal.

No entanto, percebemos que resultou mais produtivo para nossa análise não agregar em uma mesma proposta de análise, como acontece no caso da variável *saliência fônica*, aspectos distintos como graus de diferenciação fônica, tonicidade e alterações fônicas específicas como vogal temática e diferenças no radical do vocábulo. A variável *ritmo* apresenta menor nível de complexidade, mas maior poder explanatório, pois fundamentalmente relacionada à flexão verbal com *{-mos}* está a possibilidade de integração de um novo ritmo de elocução da (nova) forma (p. ex. servisse/servíssemos, de paroxítona a proparoxítona).

Constatamos que grande parte dos casos de singular verbal com *nós* em Goiás acontece com o pretérito imperfeito, como disposto em (17) e (18), cuja oposição singular/plural leva à conversão rítmica de um vocábulo paroxítono (singular) em proparoxítono (plural) quando da incorporação da desinência número-pessoal *{-mos}* à forma singular, o que nos levou à decisão de priorizar o roteiro rítmico (**ritmo**) na forma verbal.

(17) A gente até viu cobra por ali, corria, mas não deixava de ir lá. Podia ver a cobra lá, no outro dia nós TAVA lá de novo.

(Arquivo de Dados, dado 1693, p. 172).

(18) Ela dormia com fome porque ela sabia que se ela comesse nós IA comer menos, sabe?

(Arquivo de Dados, dado 1782 p. 209).

Por **ritmo** entendemos, em linhas gerais, "uma maneira que a linguagem tem para organizar no tempo o que deve ser dito (em termos segmentais)" (cf. MASSINI-CAGLIARI, 1992, p. 11). A base do ritmo do PB é a sílaba proeminente (acentuada), cuja duração e

intensidade acarretam uma perturbação na quantidade silábica, levando ao abreviamento ou à queda de vogais átonas em muitas circunstâncias. No caso do pretérito imperfeito do indicativo (*falava/falávamos*) ou do subjuntivo (*falasse/falássemos*), por exemplo, ocorre uma queda integral de segmento silábico.

Massini-Cagliari (1999) refere nos verbos uma extrametricidade marcada no morfema de número/pessoa para as formas de 1pp dos tempos do Imperfeito do Indicativo e do Subjuntivo. A extrametricidade é definida (cf. BISOL, 2005, p. 138) como "um recurso para explicar por que em determinadas línguas o acento não cai na última sílaba, mas na penúltima ou na antepenúltima". A língua portuguesa tem a propriedade distributiva do acento nas três últimas sílabas; mesmo assim, a língua tem a maioria de suas palavras com acento na penúltima sílaba (paroxítonas). O grupo das proparoxítonas é o menor e foi constituído principalmente por empréstimos do latim e do grego por ocasião da Renascença, quando houve um "resurgimento do interesse, por parte de escritores, artistas e estudiosos em geral, pelo período clássico" (cf. BISOL, 2005, p. 143). O acento proparoxítono constitui-se, então, como uma condição marcada em português, menos usual, contrária à tendência geral do acento na penúltima sílaba da palavra (paroxitonicidade).

Desse modo, optamos pela variável **ritmo** por considerarmos altamente relevante o fato de a acoplagem do morfema {-mos} de número e pessoa possibilitar uma alteração na extensão e potencializar uma mudança de tonicidade e por consequência no ritmo do vocábulo. Salientando que essa variável será relevante também para entender a pluralização com *a gente* e a alternância de uso das formas de 1pp na fala goiana.

Outra variável independente da análise baseou-se no **tipo de estrutura sintática**, bastante frequente em estudos variacionistas. Supúnhamos que a arquitetura oracional dos contextos de ocorrência tanto para análise da concordância verbal com *nós* e com *a gente* quanto para a da alternância das formas de uso de 1pp tivesse uma influência relevante. Em termos gerais, na amostra, a distribuição dos dados se deu em 67% de orações coordenadas, 24% de subordinadas e 9% de contexto de oração principal. Mas os resultados estatísticos dessa variável nos levaram a planejar uma retomada analítica posteriormente, com desdobramentos de novos critérios para uma nova codificação.

A proposta da variável **tipo da fala**, sendo essa uma classificação genérica, ainda sujeita a refinamentos teóricos e categoriais, com os fatores *afirmação*, *negação* e *interrogação*, baseou-se em duas revelações: 1) a pesquisa de Mattos (2003, 2010), sobre sujeitos de tipo coletivo na oralidade de Fortaleza (CE) e do Rio de Janeiro (RJ), por meio da qual foi constatada alta frequência de plural verbal (não concordância) em contexto de

negação (23% ou 7/30) na fala fortalezense<sup>59</sup>; e 2) a pesquisa de Zilles (2005, p. 37) que refere a percepção de mais ocorrência de *a gente* com negação<sup>60</sup>.

Como variáveis de caráter social consideradas na correlação estatística pressuposta entre língua e sociedade em Goiás utilizamos aquelas já tradicionais na área: sexo/gênero do falante, faixa etária e nível de escolarização. Labov, ao longo de décadas de relevantes estudos sociolinguísticos, provou que o contexto sociocultural em que vivem e atuam os falantes é fundamental para a compreensão de como se estrutura o sistema linguístico das comunidades, quais usos são generalizados ou valorizados e quais usos não o são (cf. LABOV, 2001).

Para a variável **sexo/gênero do falante**, o pressuposto é de que o comportamento linguístico de homens e mulheres difere tanto no plano da expressão morfossintática quanto no plano das atitudes, conscientes ou não. Essa diferenciação gera, ao longo do tempo, consequências importantes e até mudança linguística. Nossa codificação foi baseada na diferenciação sexual (biológica), mas nossa interpretação se baseará no caráter social dessa diferenciação, nos termos de Labov (2001, p. 263) de que o que importa é a produção social dos papéis de gênero e não o sexo biológico<sup>61</sup>. Baseamo-nos então, na diferenciação que a fala de homens e mulheres apresenta comparativamente no cenário social.

Utilizando-nos das concepções labovianas de *change from bellow* e *change from above* (cf. LABOV, 2001, p. 272-284) discutiremos os fenômenos específicos do singular verbal com *nós* e de alternância de uso das formas de 1pp na fala goiana. Para Labov, numa avaliação de aspectos subjetivos da mudança linguística, é preciso considerar a distinção entre mudança com consciência social (*from above*) e mudança sem consciência social (*from bellow*).

Relativamente à comunidade linguística goiana, supomos que o jogo da oposição entre *from above* e *from bellow* se dê com base em dois fenômenos distintos: a incorporação do *a gente* em sua cultura urbana e o uso de singular verbal com *nós*, fatos esses que têm muito a revelar acerca das atitudes estigmatizantes no PB. Mas a categorização dessas vertentes de análise, em nosso caso, suscitará também uma discussão quanto às fronteiras conceptuais dos construtos labovianos.

---

<sup>59</sup> Essa variável não foi selecionada como relevante estatisticamente.

<sup>60</sup> I have observed that there is twice as much use of *a gente* with negation (ZILLES, 2005, p. 37).

<sup>61</sup> It is agreed that the causal factors involved are the social instantiation of gender roles, and not biological sex (LABOV, 2001, p. 263).

Para a variável **nível de escolarização**, a conjectura de base é de que há uma diferenciação no uso da língua conforme a frequência à instituição escolar ao longo dos anos. Em nossa pesquisa, essa variável está composta por dois fatores: falantes com nível médio de ensino, completo ou não, (10 - 11 anos de estudos) e falantes com maior nível educacional (mais de 11 anos de estudos), englobando pessoas com pós-graduação *latu sensu* e *stricto sensu*.

O pressuposto que fundamenta a variável **faixa etária** é que a fala do indivíduo muda ao longo de sua vida: pessoas de idades diferentes falam diferentemente. Mas há também o interesse pela perspectiva de ser possível inferir, dessa variação linguística em função da idade, um percurso da própria língua ao longo do tempo, perspectiva essa que se vale da instrumentação do construto do *tempo aparente* na análise da variação.

As variáveis *tipo de referência* e *paralelismo*, frequentes em pesquisas sociolinguísticas, não foram consideradas nessa etapa de pesquisa, por questões estritamente temporais, restando ambas para análise em uma etapa futura (ver seção 4.3 desta tese).

#### 4.2. A ANÁLISE QUANTITATIVA DOS DADOS

No Brasil, quando se trata de pesquisa sobre 1pp, a grande maioria focaliza, em áreas urbanas, prioritariamente a alternância de uso das formas, isto é, o dimensionamento da incorporação do *a gente* como 1pp na oralidade (ou na escrita) ficando a concordância verbal em segundo plano ou até mesmo sendo desconsiderada.

Para Goiás, ambos serão objetos de discussão. Inicialmente, dialogaremos com alguns dos resultados disponíveis para concordância verbal em áreas urbanas, conforme dados da **Tabela 4** a seguir. Nossos resultados com sujeitos expressos encontram-se no final dessa tabela para fins de comparação dimensional.

**Tabela 4:** Percentuais de não concordância verbal com *nós* e com *a gente* em algumas pesquisas do PB

REGIÕES BRASILEIRAS	PESQUISAS	NÓS	A GENTE
Sudeste	Naro, Gorsky e Fernandes, 1999 (Rio de Janeiro – RJ) (Amostra 1980. Escolaridade entre zero e 8 anos de estudos)	47%	13%
	Vianna, 2011 (N. Iguaçú, Copacabana – RJ) (Projeto Padrões de Concordância. Escolaridade entre ensino fundamental e ensino superior)	0%	1%
	Rubio, 2012 (São Paulo - SP) (Projeto IBORUNA. Escolaridade entre ensino fundamental e ensino superior)	14%	6%
Sul	Zilles, 2005 (Porto Alegre- RS) (Projetos VARSUL e NURC. Escolaridade entre o elementar e o pós-secundário <sup>62</sup> )	6%	0%
Nordeste	Fernandes, 1996 (João Pessoa – PB) (Projeto VALPB. Escolarização entre zero e mais de 11 anos)	1%	2%
Centro-Oeste	Mattos, 2013 (Goiás – GO) (Escolaridade acima de 10 anos de estudos)	25%	0,4%

Fonte: Elaboração própria.

De início é preciso enfatizar que das amostras do Sudeste, Sul e Nordeste do Brasil constam falantes com menos de 10 anos de escolaridade. Nesse panorama, os índices de não CV com *nós* ou com *a gente* são numericamente bem diversificados. A peculiaridade dos percentuais goianos é devida justamente ao critério de mais de 10 anos de escolaridade que

<sup>62</sup> Essa especificação relativa aos limites do nível de escolarização foi apresentada por ZILLES, 2005.

norteou a composição da amostra. No conjunto da população goiana, isto é, considerando todos os níveis de escolarização na sociedade, suspeitamos que o percentual de não CV com *nós* alcance valor numérico mais expressivo.

Pondo em contexto, temos, na região Sudeste do Brasil, Naro, Gorsky e Fernandes (1999) com amostra de fala de 64 pessoas, homens e mulheres, entre zero e oito anos de escolaridade, coletada na década de 1980; Vianna (2011) com falantes de ambos os sexos do Rio de Janeiro, mais especificamente Nova Iguaçu e Copacabana<sup>63</sup>, com idade mínima de 18 anos e com 3 níveis de escolarização: ensino fundamental, médio e superior; Rubio (2012) com amostra composta entre 2004 e 2007 de 64 falantes do noroeste do estado de São Paulo (Projeto Iboruna), com nível de escolarização entre primeiro ciclo do Ensino Fundamental e Ensino Superior. No sul do país temos Zilles (2005) com análise da fala de 39 pessoas da amostra VARSUL com escolaridade entre o elementar e o pós-secundário<sup>64</sup>. No Nordeste, temos Fernandes (1996) com 60 falantes de João Pessoa (Paraíba) da amostra VALPB com nível de escolarização desde analfabetos até mais de 11 anos de estudos.

Para a fala goiana temos a **Tabela 5** a seguir com os percentuais das desinências verbais por tipo de sujeito. Os resultados em negrito sinalizam a não concordância verbal.

---

<sup>63</sup> São participantes do Projeto "Estudo comparado dos padrões de concordância em variedades africanas, brasileiras e europeias" (Vianna, 2011, p. 70) cujo site é abrigado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

<sup>64</sup> A autora não especifica, em números, o tempo de frequência na escola.



**Tabela 5:** Distribuição dos dados amostrais por tipo de sujeito e por desinência verbal na amostra goiana

TIPO DE SUJEITO \ DESINÊNCIA VERBAL	DESINÊNCIA VERBAL		TOTAL POR TIPO DE SUJEITO
	SINGULAR	PLURAL	
<i>Nós</i> expresso	<b>23%</b> (98/423)	77% (325/423)	
<i>Nós</i> não expresso	<b>25%</b> (50/200)	75% (150/200)	27% (649/2412)
1pp não pronominal	<b>54%</b> (14/26)	46% (12/26)	
<i>A gente</i> expresso	99,6% (1395/1400)	<b>0,4%</b> (5/1400)	73% (1763/2412)
<i>A gente</i> não expresso	89% (323/363)	<b>11%</b> (40/363)	

Fonte: Elaboração própria.

Comparativamente, sobressai a dimensão da variação verbal com *nós*, com frequência de singular verbal da ordem de 23% com sujeito expresso, 54% com primeira pessoa não pronominal (p. ex. *eu e minha irmã*) e 25% com sujeito não expresso.

Também sobressai a baixa dimensão de plural verbal (não concordância) com *a gente*, da ordem de 0,4% com sujeito expresso e 11% com sujeito não expresso. Esses são os resultados quantitativos iniciais na amostra, anteriores às necessidades e aos procedimentos específicos para as várias rodadas de análise.

Como já anunciamos, em primeiro lugar, apresentaremos os resultados estatísticos e as análises para a concordância verbal com *nós* e em seguida com *a gente*. Por fim, trataremos da alternância de uso das formas de 1pp em Goiás. Ao longo da exposição dialogaremos com resultados de pesquisas referentes a outras localidades no país.

#### 4.2.1. Não Concordância Verbal com *nós*

Em 2412 dados, encontramos 423 casos de *nós expresso*, 200 de *nós não expresso* (anáfora pronominal zero) e 26 dados de *Ipp não pronominal*, cuja soma perfaz 27% (649/2412) dos dados amostrais. Nesse conjunto, as frequências de singular verbal variam, apresentando um limite mínimo de 23%. Destacam-se os 54% de singular verbal com sujeito não pronominal do tipo

(19) Aí **eu e minha amiga** que nem besta FICOU meia hora lá pulando no colchão, o trem não enchia, aí depois nós dormiu no trem vazio, o trem começou a falhar, aí nós virava de lado, uma caía, virava de outro caía a Priscila.

(Arquivo de Dados, dado 953, p. 88)

(20) Nós foi numa fazenda, na casa da minha tia, sabe, na verdade num é tia, ela é prima, mais é considerada tia porque **eu mais os meus primo** GOSTA tanto dela, chama ela de tia

(Arquivo de Dados, dado 1415, p. 128)

(21) Nós éramos assim muito unidos, né? que, por exemplo, **eu e minha esposa** IA pra um lugar, a gente levava as crianças junto.

(Arquivo de Dados, dado 2349, p. 280)

Esse tipo de sujeito acontece grandemente em contexto de *nós expresso*, na fala de diferentes pessoas, razão pela qual decidimos considerá-lo juntamente com os dados de *nós expresso*, o que fez subir em dois pontos percentuais a porcentagem de singular verbal com *nós expresso* indo esta para 25%.

A **Tabela 6** a seguir reapresenta esses resultados de amálgama de *nós* com *Ipp não pronominal*, relacionados aos cálculos para não concordância com *nós* em Goiás.

**Tabela 6:** Percentuais de não CV com *nós* na fala goiana

TIPO DE SUJEITO	DESINÊNCIA VERBAL	
		SINGULAR
<i>Nós expresso</i>		25% (112/449)
<i>Nós não expresso</i>		25% (50/200)
<b>TOTAL</b>		<b>25%</b> <b>(162/649)</b>

Fonte: Elaboração própria.

Observamos na **Tabela 6** uma mesma ordem de grandeza de singular verbal com sujeito expresso e não expresso. A condição de funcionamento linguístico com singular verbal teria origem na matriz cultural e linguística do Estado, com uso intensivo desse número no verbo, uso esse relatado de forma explícita por Teixeira (1944) e de forma implícita por Amaral (1982) considerando o 'dialeto caipira' como fundamento da fala na região<sup>65</sup>. Em (22) temos um trecho de oralidade goiana com exemplos de ocorrência de singular verbal tanto em contexto de anáfora zero de *nós* quanto de sujeito expresso.

(22) Aí no outro dia eu liguei pro (incompreensível), aí falei: Tia, nois tava em Goiânia, aí nois BATEU o carro, aí eu falei, nois bateu o carro e tals, øTEVE de pagá, o cara parou na frente, nois tava sãozim.

(Arquivo de Dados, dado 520, p. 41)

Para contexto de *nós*, temos a tendência de singular verbal atuante igualmente em caso de *nós* expresso e não expresso. A sistematicidade linguística e social de base estatística subjacente à variação verbal com *nós* foi calculada pelo Goldvarb X após a eliminação da categoricidade de plural dos 7 dados de futuro do pretérito e de 31 dados de infinitivos, dos tipos expostos em (23) e (24) adiante, estes últimos por apresentarem, de acordo com a gramática tradicional da língua portuguesa, a flexibilidade de ocorrer no singular ou no plural, sendo essa escolha "mais do terreno da estilística do que, propriamente, da gramática" (CUNHA, 1982, p. 461).

(23) Você acha que pra melhorar **nós** TERIAMOS que fazer uma, uma mudança radical? Por onde você acha que nós devíamos, eh, deveríamos começar a mudar?

(Arquivo de Dados, dado 1075, p. 102)

(24) Naquela época, por causa de **nós** não TRABALHAR e meu pai não tá dentro de casa, aí minha tia sempre falava: "Não, volta aqui, fiz um lanche pra vocês tudo aqui"

(Arquivo de Dados, dado 1649, p. 154).

Nos 611 dados restantes, o programa selecionou apenas uma variável de caráter linguístico (*ritmo*) e 3 de caráter social (*sexo/gênero do falante, faixa etária e nível de*

---

<sup>65</sup> Pretendemos realizar um estudo diacrônico do uso de 1pp em Goiás futuramente.

escolarização), apresentadas na **Tabela 7** a seguir com o ordenamento decrescente de grandeza dos *ranges*, conforme sugere Tagliamonte (2006, p. 242)<sup>66</sup>.

**Tabela 7:** Efeito das variáveis selecionadas para não concordância verbal com *nós* na fala goiana

VARIÁVEIS	PERCENTUAL DE SINGULAR	PESOS RELATIVOS
<b>FAIXA ETÁRIA</b>		
16 a 24 anos	58/146 = 40%	0,82
25 a 40 anos	54/272 = 20%	0,52
41 a 86 anos	23/193 = 12%	0,22
<i>Range</i>		60
<b>RITMO</b>		
Grupo 1: Paroxítona – proparoxítona (p. ex. falava/falávamos)	51/108 = 47%	0,88
Grupo 2: Paroxítona – paroxítona (p. ex. fala/ falamos)	28/108 = 26%	0,58
Grupo 3: Oxítona – paroxítona (p. ex. falou/falamos)	56/395 = 14%	0,35
<i>Range</i>		53
<b>NÍVEL DE ESCOLARIZAÇÃO</b>		
10 – 11 anos de estudos (Ensino Médio)	62/171 = 36%	0,80
Mais de 11 anos de estudos (E. Superior)	73/440 = 17%	0,37
<i>Range</i>		43
<b>SEXO/GÊNERO DO FALANTE</b>		
Feminino	71/273 = 26%	0,69
Masculino	64/338 = 19%	0,34
<i>Range</i>		35
<b>TOTAL</b>	<b>135/611 = 22%</b>	

*Input* inicial: 0,22

*Input* do nível de seleção das variáveis: 0,15

Significância para rejeitar a hipótese nula: 0,05

Significância da rodada: 0,000

Convergência na iteração: 11

Fonte: Elaboração própria.

<sup>66</sup> The highest number (i.e. range) identifies the strongest constraint. The lowest number identifies the weakest constraint, and so forth. The range (or magnitude of effect) enables you to situate factor groups with respect to each other.

#### 4.2.1.1. A variável linguística selecionada para não CV com *nós*

Na **Tabela 7** a variável *ritmo* apresenta o segundo maior range (53) e o maior peso relativo (0,88) da tabela para os casos de mudança de vocábulo paroxítono em proparoxítono. Trata-se do processo de incorporação da desinência {-mos}, uma configuração silábica plena em língua portuguesa, provocando uma instabilidade no sistema rítmico, predominantemente paroxítono na língua.

Essa situação de instabilidade rítmica se dá mais acentuadamente quando da incorporação de {-mos} à um vocábulo trissílabo paroxítono, por pressão de sua transformação em proparoxítono, como é o caso do pretérito imperfeito do indicativo (*falava/falávamos*), do futuro do presente do indicativo (*falaria/falaríamos*) e do pretérito imperfeito do subjuntivo (*falasse/falássemos*). O pretérito mais que perfeito (*falara/faláramos*), com semelhante possibilidade, não faz parte da fala espontânea goiana.

Seja em caso de verbos do paradigma regular, do tipo *fala/falamos*, *falou/falamos*, *falava/falávamos* ou *falaria/falaríamos*, seja com verbos irregulares como *dizer* (*diz/dizemos*, *disse/dissemos*, *dizia/dizíamos*, *diria/diríamos*) ou ainda com os anômalos *ser* (*era/éramos*, *seria/seríamos*) e *ir* (*ia/íamos*, *iria/iríamos*, *fosse/fôssemos*), consideramos ser *ritmo* uma variável linguística fundamental na compreensão do fenômeno de variação desinencial número-pessoal com *nós*.

Uma média de 47% de singular verbal no pretérito imperfeito é bastante expressiva do que se conhece como esquiva do ritmo proparoxítono. O processo de redução de proparoxítonas a paroxítonas é fato atestado desde a passagem do latim ao português como salientam Coutinho (1974), nos exemplos *oculus* > *oclus*; *altera* > *altra*; e *socerus* > *socrus*, e Câmara Junior (1976, p. 35) quando assegura serem "um tanto marginais" as proparoxítonas em língua portuguesa, incorporadas tardiamente e principalmente por via erudita. A tendência à paroxitonicidade, que Couto (2006, p. 86) enfatiza como uma "repugnância pela proparoxitonidade" [sic] em língua portuguesa, portanto, é um traço da deriva natural da língua amplamente ativo na fala popular.

Outra comprovação da importância da variável *ritmo* foi a variável *tempo verbal* não ter sido selecionada estatisticamente, apesar de os dados de imperfeito conterem uma frequência de 47% de singular. Em momento de contraprova, numa rodada sem os 108 dados de imperfeito, ao desconsiderar *tempo* e deixar *ritmo*, *ritmo* foi selecionado; ao desconsiderar *ritmo* e deixar *tempo verbal*, *tempo* não foi selecionado. Nessa última rodada, também

atestando o poder explicativo de *ritmo*, somente *variáveis sociais* foram correlacionadas ao singular verbal com *nós*. Esses resultados serão apresentados na seção relativa às variáveis sociais para não CV com *nós*.

A **Tabela 8** a seguir reapresenta o delineamento dos fatores da variável **ritmo** nos 611 dados de *nós*.

**Tabela 8:** Efeito da variável *ritmo* selecionada na rodada para não concordância verbal com *nós* na fala goiana

FATORES	VERBO NO SINGULAR	PESO RELATIVO
De ritmo paroxítono para proparoxítono (grupo 1)	47% (51/108)	0,88
De ritmo paroxítono para paroxítono (grupo 2)	26% (28/108)	0,58
De ritmo oxítono para paroxítono (grupo 3)	14% (56/395)	0,35
<b>TOTAL</b>	<b>22%</b> <b>(135/611)</b>	<b>----</b>

Fonte: Elaboração própria.

Do primeiro fator (grupo 1) da variável *ritmo* (paroxítona - proparoxítona) fazem parte os casos correspondentes ao pretérito imperfeito do indicativo e do subjuntivo; do segundo fator (grupo 2) (paroxítona – paroxítona), os casos correspondentes ao presente e pretérito perfeito do indicativo, do tipo de *fala/falamos* e *teve/tivemos*; e do terceiro fator (grupo 3) (oxítona - paroxítona), casos correspondentes ao presente, pretérito perfeito e futuro do indicativo, do tipo de *é/somos*, *vai/vamos* e *falou/falamos*. Como vemos, não há uma correspondência biunívoca entre *ritmo* e *tempo verbal*.

Os resultados apontam claramente a tendência sistemática de evitar a proparoxitonicidade como relevante no entendimento do singular verbal com *nós*, de que são exemplos os dados (25) e (26):

(25) E ele não ia embora não, né, o taxista. Aí nós pegamo e ficou lá parada, **nós** TAVA com medo das pessoas sair no Posto Dea e com medo do taxista, né? Aí por fim a minha amiga pegou, virou pra ele e falou assim: “Não, pode ir embora, nós tamo entrando já”, e não sei o que (Arquivo de Dados, dado 985, p. 92)

(26) Mas o king, nós não SABIA, senão **nós** tinha entregue ele pro sargento. (Arquivo de Dados, dado 204, p. 13)

Na rodada sem os 108 dados de pretérito imperfeito e considerando a variável *ritmo*, esta foi selecionada com somente dois fatores, o fator 2 (paroxítona – paroxítona) como favorecedor (0,69) e o fator 3 (oxítona – paroxítona) como desfavorecedor de singular verbal com *nós* (0,45).

Realizamos também uma rodada com dados somente dos falantes com mais de 11 anos de escolarização, retirados, por motivo de categoricidade, os casos de infinitivo e de futuro do pretérito. Mais uma vez houve seleção de *ritmo*, com os resultados de favorecimento ainda mais expressivo de singular verbal em contexto do grupo 1 (0,92) e de desfavorecimento em contexto do grupo 3 (0,35) de *ritmo*. Os contextos do grupo 2 apresentaram neutralidade estatística (0,50). Esses resultados estão expostos na **Tabela 9** a seguir.

**Tabela 09:** Efeito da variável *ritmo* selecionada para análise da não concordância verbal com *nós* na fala de pessoas com mais de 11 anos de escolarização em Goiás

VARIÁVEL	PERCENTUAL DE SINGULAR	PESOS RELATIVOS
<b>RITMO</b>		
Grupo 1: Paroxítona - proparoxítona	27/75 = 36%	0,92
Grupo 2: Paroxítona – paroxítona	14/75 = 19%	0,50
Grupo 3: Oxítona – paroxítona	32/290 = 11%	0,35
<i>Range</i>		57
<b>TOTAL</b>	<b>73/440 = 17%</b>	

*Input* inicial : 0,17

*Input* do nível de seleção das variáveis: 0,09

Significância para rejeitar a hipótese nula: 0,05

Significância da rodada: 0,000

Convergência na iteração: 11

Fonte: Elaboração própria.

Sem dúvida, a variável *ritmo* tem poder explanatório mais abrangente que *tempo verbal*, com a evidenciação estatística de que: a) é forte a tendência de uso de verbo no singular com *nós* em Goiás quando, em variante padrão (com {-mos}), surge um vocábulo proparoxítono (0,88); b) é leve (0,58) essa tendência quando ocorre uma manutenção de ritmo

por ocasião da incorporação do {-mos}, como temos em *gosta/gostamos* ou *pode/podemos* (paroxítona/paroxítona); e c) é desfavorecida (0,35) a tendência de singular verbal com *nós* quando a conversão rítmica se dá de vocábulo oxítono a paroxítono, como temos em *olhou/olhamos*. Esse desfavorecimento revela justamente a atuação da tendência de paroxitonicidade.

Pelo menos duas pesquisas que tratam de concordância verbal com 1pp no PB atestam o desfavorecimento de plural em caso de proparoxitonicidade com pretérito imperfeito. Rubio (2012, p. 281) apresenta o percentual de 32% (31/98) de não CV com *nós* em contexto de pretérito imperfeito do indicativo e do subjuntivo no PB, classificando-os como *saliência esdrúxula*<sup>67</sup>; e Zilles (2005, p. 36) apresenta a condição de proparoxitonicidade do imperfeito como uma das favorecedoras dos 6% (87/1395) de singular verbal com *nós* em sua amostra do VARSUL. Pesquisas sobre a alternância de uso *nós/a gente* também reportam o pretérito imperfeito como um fator importante, nesse caso de favorecimento ou desfavorecimento de uso de uma ou outra forma, mas expondo a oposição básica entre singular e plural.

Tratam do pretérito imperfeito como favorecedor do uso de *a gente*: Omena (2003, p. 69), por meio da variável *saliência fônica*, com o peso relativo de 0,72 na comunidade fluminense; Mendonça (2010, p. 85), por meio da variável *tempo verbal*, com o peso relativo de 0,64 na capital capixaba; e Fernandes (1996, p. 64), também por meio da variável *tempo verbal*, com o peso relativo de 0,62 na comunidade pessoense.

A amplitude da tendência de singular em contexto de pretérito imperfeito, medida por meio tanto do nível de uso de *a gente* (alternância) quanto do nível de ocorrência de singular verbal com *nós* (concordância verbal), indica o funcionamento sistemático da língua fortemente vinculado a ritmo, tendendo a evitar a proparoxitonicidade. E os resultados dessa sistemática linguística na fala goiana revelam sua conformidade aos efeitos de ritmo na língua em geral.

Outra tendência linguística indicada por meio dos resultados da variável *ritmo* em nossa amostra é ser o singular verbal em 1pp favorecido pelos grupos 1 (paro - propa) e 2 (paro-paro) e desfavorecido pelo grupo 3 (oxi-paro), considerando-se aqui os resultados para o uso do *a gente* (alternância) e os resultados para a não concordância verbal com *nós*.

#### 4.2.1.2. Variáveis sociais selecionadas para não CV com *nós*

<sup>67</sup> Como subfator da variável *saliência fônica verbal*, o autor criou categoria em separado para os casos de flexão verbal com formação de vocábulo proparoxítono, denominando-a *saliência esdrúxula* (RUBIO, 2012, p. 238).



Nas duas rodadas realizadas, uma com dois níveis de escolarização (ensino médio e superior), a outra com dados somente de pessoas com ensino superior (12 anos ou mais de estudos), foram selecionadas todas as variáveis de caráter social, com resultados que fortificam nossa vertente de compreensão da não CV baseada no caráter rural da cultura goiana. Os índices exclusivamente sociais estão repetidos na **Tabela 10**.

**Tabela 10:** Efeito das variáveis sociais selecionadas para análise da não concordância verbal com *nós* na fala goiana

VARIÁVEIS	PERCENTUAL DE SINGULAR	PESOS RELATIVOS
<b>FAIXA ETÁRIA</b>		
16 a 24 anos	58/146 = 40%	0,82
25 a 40 anos	54/272 = 20%	0,52
41 a 86 anos	23/193 = 12%	0,22
<i>Range</i>		60
<b>NÍVEL DE ESCOLARIZAÇÃO</b>		
10 – 11 anos (EM)	62/171 = 36%	0,80
Mais de 11 anos (ES)	73/440 = 17%	0,37
<i>Range</i>		43
<b>SEXO/GÊNERO DO FALANTE</b>		
Feminino	71/273 = 26%	0,69
Masculino	64/338 = 19%	0,34
<i>Range</i>		35
<b>TOTAL</b>	<b>135/611 = 22%</b>	
		<i>Input inicial : 0,22</i>
		<i>Input do nível de seleção das variáveis: 0,15</i>
		Significância para rejeitar a hipótese nula: 0,05
		Significância da rodada: 0,000
		Convergência na iteração: 11

Fonte: Elaboração própria.

Para a variável *faixa etária*, com a maior medida de *range*, temos os mais jovens (16-24 anos) favorecendo a realização de não CV (0,82) com *nós* e os mais velhos (41-86 anos), desfavorecendo-a (0,22). Em seguida temos a variável *nível de escolarização*, apontando que

peças com até 10-11 anos de escolarização (ensino médio) favorecem o uso de verbo no singular com *nós* (0,80), enquanto peças com mais anos de estudos (ensino superior) desfavorecem esse uso (0,37). E, por fim, temos a variável *sexo/gênero do falante* indicando que mulheres favorecem a não CV (0,69) e homens a desfavorecem (0,34), um resultado em aparente confronto com o princípio 2 de Labov (2001, p. 266), relativo ao nível de conformidade das mulheres, de que para variáveis sociolinguísticas estáveis, as mulheres apresentam menor uso de variantes estigmatizadas que os homens. Nesse caso, cabe perceber o quê internamente cada comunidade arbitra como valor para suas possibilidades de uso linguístico. Adiante aprofundaremos a análise dessa configuração específica.

Na rodada com dados somente de peças com mais de 11 anos de escolarização (nível superior), conservou-se a tendência de favorecimento de singular verbal entre os mais jovens (0,87) e entre as mulheres (0,71), apontando a amplitude desses resultados, conforme apontamos na **Tabela 11** a seguir.

**Tabela 11:** Efeito das variáveis sociais selecionadas para análise da não concordância verbal com *nós* na fala de peças com mais de 11 anos de escolarização em Goiás

VARIÁVEIS	PERCENTUAL DE SINGULAR	PESOS RELATIVOS
<b>FAIXA ETÁRIA</b>		
16 a 24 anos	38/107 = 35%	0,87
25 a 40 anos	28/210 = 13%	0,48
41 a 86 anos	7/123 = 6%	0,19
<i>Range</i>		68
<b>SEXO/GÊNERO DO FALANTE</b>		
Feminino	55/230 = 24%	0,71
Masculino	18/210 = 9%	0,28
<i>Range</i>		43
<b>TOTAL</b>	<b>73/440 = 17%</b>	
		<i>Input inicial</i> : 0,17
		<i>Input do nível de seleção das variáveis</i> : 0,09
		Significância para rejeitar a hipótese nula: 0,05
		Significância da rodada: 0,000
		Convergência na iteração: 11

Fonte: Elaboração própria.

Pareceria válido, segundo um raciocínio ligeiro, afirmar simplesmente que os falantes mais jovens apresentam maior nível de não CV com *nós* que os falantes mais velhos porque ainda não alcançaram a mesma carga de estudos. Mas esse argumento é desautorizado pela análise estatística do programa, pois tivemos a seleção simultânea das duas variáveis (*faixa etária* e *nível de escolarização*), atestando que ambas são importantes à sua maneira, em rodada com convergência e com resultados apontando uma hierarquização clara.

Esse esclarecimento referente à não CV com *nós* será igualmente válido para os resultados referentes ao uso do *a gente* (alternância das formas), a serem apresentados mais adiante. Ou seja, as duas variáveis apresentam efeitos distintos entre si nesses dois fenômenos (concordância e alternância) cujas rodadas apresentaram convergência e cujos resultados apontaram uma mesma ordem hierárquica (em primeiro lugar, a *faixa etária* e em segundo lugar, o *nível de escolarização*).

De volta aos resultados estatísticos com os dois níveis de escolarização, encontramos, no cruzamento das variáveis *faixa etária* e *nível de escolarização* (**Tabela 12**) resultados que, em tempo aparente, inspiram tanto uma projeção desde o passado quanto uma projeção para o futuro no que se refere à não CV com *nós* na fala goiana.

Por conexão com o passado entendemos a perspectiva laboviana (cf. LABOV, 1994, p. 21-23) de utilização do Princípio do Uniformitarismo, uma proposição originalmente instituída na Geologia no século XVIII, que, em linhas gerais, afirma que o conhecimento do passado pode ser feito por meio da observação do presente, pois forças que produziram mudanças no passado não seriam diferentes daquelas capazes de operar mudanças no presente e assim muito do passado persistiria entre nós (cf. LABOV, 1994, p. 27).<sup>68</sup>

A cultura de base rural em Goiás tem sido valorizada e vivenciada com vigor, transformando-se inclusive numa marca do Estado oferecida ao turista. Ademais, se considerarmos que um contexto mais acentuado de expansão urbana em Goiás, em termos quantitativos e qualitativos, aconteceu somente no início do século XX, por ocasião da mudança da capital para Goiânia na década de 1940, há cerca de 70 anos, podemos conceber o uso regular e persistente de singular verbal com *nós*, ao longo do tempo, um produto da valorização da cultura de base rural, valorização essa reatualizada na fala dos mais jovens.

Um exemplo do nível de não CV com *nós* próprio da ruralidade linguística goiana é encontrado na pesquisa de Muniz (2007, p. 8), com amostra de 1997 de 15 falantes com nível de escolarização entre zero e 10 anos, de área rural goiana, sem eletricidade e com pouco

---

<sup>68</sup> The close examination of the present shows that much of the past is still with us.

contato com a vida urbana, do município de Jaraguá, localizado a 120km de Goiânia e a 205 km de Brasília, na qual as taxas de concordância verbal padrão com *nós* foram da ordem de apenas 30% (36/118).

De Pádua (2002, p. 146-147) retiramos um exemplo de fala, coletada em 1998, da comunidade rural goiana de Acaba Vida, Município de Niquelândia, a 300 km de Goiânia, região alcançada pelo movimento bandeirante no século XVIII, mas efetivamente povoada por migrantes mineiros na década de 1970, originários principalmente da área rural de Governador Valadares, em Minas Gerais. O falante é do sexo masculino, tem 57 anos e nível de escolarização de 4 anos.

Entrevistadora: **Vocês já estudaram?**

Nóis ... no tempo nosso ... condo eu conseguí istudá ... eu já 'tava cum dizesseis ano ... nós era muito pobrim mes' ... Nóis tabaiava na inxada se quisesse cumê e vistí ãa chita ... né ... meu pai era pobrim ... intão ... é ... ele pois um professor/pagô um rapaiz pa insiná nós um poquim ... Qu'ele tinha ãa inteligência muito boa ... intão ... daqueles seis meis de iscola c'aquele rapaiz mim deu ... eu aprendí um poquim ... né ... e depois ... nós foi istudá na rua mai num aguentemo ... pu'que era longe ... e a pobreza ... sabe ... pobreza condo é muita ... os fil' num tem nem condição de istudá ... <sup>69</sup>

Manifesta-se no trecho tanto uma vernaculidade do *nós* quanto do verbo no singular própria de área rural.

Quanto a uma projeção para o futuro, cremos que, enquanto a prática sem estigma de não CV com *nós* representar um valor linguístico intrínseco da comunidade, isto é, possuir legitimidade no contexto, sua extinção não se resolverá como um caso de ajuste em direção à norma padrão a ser fomentada pela escola. À semelhança, talvez, do que Cunha (1986, p. 71) refere quando fala do Brasil Colônia, essencialmente rural, cujas cidades não conseguiam "exercer maior influência sobre a evolução da língua falada, que, sem nenhum controle normativo, por séculos 'voou com as suas próprias asas'".

Quanto ao caráter identitário, seria interessante se fazer, em Goiás, um experimento à semelhança do realizado por Bortoni-Ricardo (2008, p. 368) em Brasília. Esta autora, com dois grupos de falantes com diferentes níveis de escolarização (universitários vs. alunos de supletivo de primeiro grau – atual Ensino Fundamental, 1ª fase), avaliou o grau de percepção (exame de reações subjetivas) da não concordância verbal na terceira pessoa do plural no PB. A conclusão no experimento foi de que "a distinção entre os dialetos ocorre

<sup>69</sup> A transcrição foi realizada por Pádua (2009).

significativamente mais entre falantes universitários do que entre falantes de curso supletivo" (cf. BORTONI-RICARDO, 2008, p. 370), demonstrando assim que a estigmatização da concordância verbal não padrão ocorre entre os falantes que têm acesso a curso superior.

Para Goiás o objetivo do teste, a ser realizado com falantes com ensino médio e falantes com ensino superior, estaria relacionado ao dimensionamento da percepção linguística identitária, tanto com nativos quanto com imigrantes.

Um exemplo do nível de estigma para o uso de singular verbal com *nós* no país se deu em maio de 2011, por ocasião da divulgação do livro didático distribuído pelo MEC (Ministério da Educação) como parte do PNLD (Programa Nacional do Livro Didático) destinado à EJA (Educação de Jovens e Adultos) *Por uma vida melhor*, de múltiplos autores,<sup>70</sup> cujo capítulo "Escrever é diferente de falar" provocou enorme reação veiculada na mídia devido ao fato de ter sido explicitada no livro a possibilidade de realização de singular verbal com *nós* na oralidade de muitos brasileiros, como acontece em "Nós pega o peixe", exemplo citado no livro didático. A simples menção da existência da variação foi suficiente para essa menção ser infundadamente transformada em defesa de aprendizagem e de uso da língua não padrão no país.

Apresentamos a seguir a **Tabela 12** com os resultados do cruzamento de faixa etária com nível de escolarização nos dados de *nós*.

**Tabela 12:** Cruzamento, em termos percentuais, das variáveis *faixa etária* e *nível de escolarização* para análise da não concordância verbal com *nós* na fala goiana

FAIXA ETÁRIA	NÍVEL DE ESCOLARIZAÇÃO	
	10- 11 ANOS DE ESTUDOS (EM)	+ DE 11 ANOS DE ESTUDOS (ES)
16 a 24 anos	51% (20/39)	36% (38/107)
25 a 40 anos	42% (26/62)	13% (28/210)
41 a 86 anos	23% (16/70)	6% (7/123)
<b>TOTAL</b>	36% (62/171)	17% (73/440)
		22% (135/611)

Fonte: Elaboração própria.

<sup>70</sup> A fim de facilitar a busca pelo livro didático, em caso de interesse, optamos por expor sua referência também neste local: AGUIAR, C. A. de et alii. *Por uma vida melhor: educação de Jovens e Adultos: segundo segmento do ensino fundamental*. Vol. 2, 1.ed. São Paulo: Global/ Ação Educativa, 2009. Col. Viver, Aprender.

Devemos considerar, em primeiro lugar, a regularidade do efeito da faixa etária, isto é, uma ocorrência máxima de não CV, em relação à média, quanto menos idade tenha o falante, independentemente de seu nível de escolarização. Entre os falantes com mais de 11 anos de frequência escolar, a média é de 17% de não CV, mas atinge a maior porcentagem (36%) entre os mais jovens; entre os falantes com até 10-11 anos de escolarização, a média é de 36% de não CV, mas atinge a maior porcentagem (51%) também entre os mais jovens.

É inegável que mais anos de vida e de escolarização podem influir na redução da taxa de não CV, haja vista a média de não CV nos dados dos falantes com ensino superior ficar em 17% e na dos falantes com ensino médio ficar em 36%, para uma média geral de 22%. O admirável no caso goiano é a permanência do singular verbal com *nós* mesmo na fala dos mais escolarizados. A propósito da faixa etária, citamos um exemplo oral de entrevistado (jornalista) da faixa etária dos mais velhos na amostra:

(27) Nois FALAVA aqui, quando morria um sujeito, pode olhar que não é de Anápolis. (Arquivo de Dados, dado 216, p. 13)

Insistimos que em Goiás o entendimento do singular verbal com *nós* não deve se orientar pela consideração de que se trata de um vestígio da ruralidade a ser apagado com o aumento da escolarização. Destacamos pelo menos duas particularidades da realidade goiana que repelem essa análise: uma delas refere-se à própria oralidade dos falantes da amostra, apresentando uma constância dessa prática linguística entre os mais escolarizados; a outra refere-se à representação corajosa da fala local expressada na razão social de um estabelecimento comercial (*Pousada Nois Hospeda*, em Pirenópolis) com fluxo constante de turistas brasileiros e estrangeiros ao longo do ano. Trata-se, portanto, da declaração de uma identidade linguística.

Esse viés identitário é o cerne para a compreensão da amplitude de uso do singular verbal com *nós* na fala de pessoas com mais de 10 anos de escolarização ou até com nível de pós-graduação universitária. E se considerarmos que os goianos têm assistido um crescimento populacional contínuo no Estado, grandemente à custa de imigração, mais precisamente de mais de 49% desde o censo de 1991, essa prática linguística pode adquirir também o status de

uma afirmação da identidade linguística local ou da "força social imanente" (LABOV, 1972, p. 03).<sup>71</sup>

Analisemos agora um cruzamento das variáveis *sexo/gênero do falante* e *faixa etária*, cujos resultados estão expostos na **Tabela 13**, a seguir.

**Tabela 13:** Cruzamento, em termos percentuais, das variáveis *faixa etária* e *sexo/gênero do falante* para análise da não concordância verbal com *nós* na fala goiana

FAIXA ETÁRIA	SEXO/GÊNERO DO FALANTE	
	Feminino	Masculino
16 a 24 anos	59% (36/61)	26% (22/85)
25 a 40 anos	15% (20/130)	24% (34/142)
41 a 86 anos	18% (15/82)	7% (8/111)
<b>TOTAL</b>	26% (71/273)	19% (64/338)
	22% (135/611)	

Fonte: Elaboração própria.

Reiteramos aqui, a propósito da alegação de um provável enviesamento amostral entre mulheres e jovens, que o programa 'enxergou' motivações distintas para a seleção das variáveis *faixa etária* e *sexo/gênero do falante*, ambas selecionadas segundo uma coerência interna alcançada nos cálculos do Goldvarb X.

Observamos uma diferença relevante ao comparar o comportamento linguístico de homens e mulheres. Estas últimas evidenciam uma média de verbo no singular (26%) acima da média geral (22%), ajustada essa para cima justamente devido à prática linguística feminina, pois a média no conjunto dos homens fica em 19%. Em apenas uma das faixas etárias, entre 25 e 40 anos, aquela que corresponderia ao período de consolidação no mercado de trabalho, as mulheres não suplantam os homens em realização de não CV com *nós*.

Segundo Labov (2001, p. 262, 366), o comportamento linguístico feminino é desafiante, pois as mulheres tendem sempre, em comparação com os homens, a assumir a dianteira em processos de mudança, mesmo quando essa mudança se orienta para comportamentos linguísticos bem diferentes dos socialmente prestigiados.

<sup>71</sup> "[...] one cannot understand the development of a language change apart from the social life of the community in which it occurs. Or to put it another way, social pressures are continually operating upon language, not from some remote point in the past, but as an immanent social force in the living present" (LABOV, 1972, p. 03).

Inicialmente Labov (2001) propôs que, em um processo de mudança *from above* (com consciência social), as mulheres assumiriam mais cedo a forma de prestígio e assim adquiririam o status de "conservadoras" (cf. LABOV, 2001, p. 274; 366-367); em um processo *from below* (sem consciência social) elas implementariam mais cedo as formas inovadoras e assim adquiririam o status de "progressistas" (cf. LABOV, 2001, p. 292; 366-367).

Em seguida, Labov (2001, p. 367) passou a tratar de conformidade às normas sociais com o *Paradoxo da conformidade* nos seguintes termos: quando desvios linguísticos são abertamente condenados, mulheres realizam-nos menos que homens; quando os desvios não são condenados, mulheres realizam-nos mais que os homens.

Nesse ponto, incluímos a proposta de Scherre e Yacovenco (2011) como uma ampliação do horizonte do critério de prestígio, baseando-se ela no *Princípio da Marcação Linguística e Social* como exposto em Givón (1995), pois "prestígio" seria apenas um dos aspectos de marcação. Para Givón (1995, p. 25) a noção de marcação é um "imperativo cognitivo" no processamento da informação<sup>72</sup> e um conceito dependente de contexto, visto que uma construção linguística pode manifestar-se como marcada em um contexto e como não-marcada em outro<sup>73</sup>.

Scherre e Yacovenco (2011) analisaram fenômenos do PB, como o duplo comportamento do gênero feminino na alternância com pronomes de segunda pessoa (tu/você) no PB, a alternância no imperativo gramatical (modo indicativo ou subjuntivo) e a concordância verbal com terceira pessoa do plural, e concluíram que, a respeito do efeito do papel do gênero na variação e na mudança linguística, o princípio da marcação é uma ferramenta mais integralizadora e, portanto, mais eficiente:

Em configurações menos marcadas - e não necessariamente mais prestigiadas - as mulheres estão à frente na variação ou na mudança; em configurações mais marcadas - e não necessariamente menos prestigiadas - os homens estão à frente na variação ou na mudança.

Considerando-se que o uso de singular verbal com *nós* seja em Goiás uma configuração do tipo menos marcada, é possível compreender a força de afirmação identitária no comportamento linguístico feminino.

---

<sup>72</sup> The intuitive appeal of markedness is not only a methodological convenience for the linguist, but also a cognitive imperative for the information-processing organism (GIVON, 1995, p. 25).

<sup>73</sup> Markedness is a context-dependent phenomenon par excellence. The very same structure may be marked in one context and unmarked in another (GIVÓN, 1995, p. 27).



Nesse cenário, é pertinente discutir os fundamentos do conceito laboviano de mudança *from below*, cujas características mais salientes são uma motivação de ordem interna à comunidade e uma propagação de forma inconsciente (LABOV, 2001). Nosso ceticismo refere-se à possibilidade de propagação unicamente inconsciente.

Ao considerarmos o caráter desafiante da prática linguística consciente do *nós* com verbo no singular na fala urbana goiana, prática essa altamente estigmatizada em meio urbano de outras regiões do país, e sua ampliação de uso pelas mulheres e pelos mais jovens em um momento de forte movimento migratório para o Estado, deveremos refletir se essa situação não seria sugestiva de que não apenas a inconsciência, mas também a consciência poderia ser característica representativa desse tipo de mudança linguística, pois concebemos o fenômeno de não CV com *nós* em Goiás como uma mudança *from below*, com traço de identidade local, consciente, com vigor crescente na fala dos mais jovens e das mulheres.

Ainda tratando da perspectiva da opção linguística de homens e mulheres, relativamente à não CV com *nós*, citamos uma pesquisa de Bortoni-Ricardo (2011, p. 236) realizada na cidade de Brazlândia na década de 1980. Esta cidade, situada a 45km de Brasília, conhecida como Povoado da Chapadinha, foi fundada em 1932 em território do então Estado de Goiás. Após a inauguração de Brasília nos anos 1960, Brazlândia foi anexada à área do Distrito Federal como cidade-satélite de Brasília, daí Bortoni-Ricardo (2011) apontar sua pesquisa como de meio urbano. Ela considerou migrantes rurais com no máximo 11 anos de escolarização (Ensino Médio).

Uma das conclusões dessa pesquisa (BORTONI-RICARDO, 2011, p. 236) diz respeito à grande influência, na fala dos homens, do maior e mais frequente contato com o padrão urbano da língua, e por isso eles (66%) apresentaram maior tendência à concordância verbal com *nós* (uso de {-mos}) que as mulheres (42%). Aos homens, migrantes esforçando-se para a inserção no mercado de trabalho da futura capital da república, em área de controle federal, com maior padrão de exigência e concorrendo com migrantes das mais variadas regiões brasileiras, só teria mesmo restado a alternativa da adaptação às exigências do contexto. Para Bortoni-Ricardo (2011, p. 239), às mulheres de Brazlândia restou a prática linguística da convivência social mais próxima e desse modo "o traço [uso do {-mos}] não parece ter adquirido um valor sociossimbólico consistente como marcador de urbanização".

A dinâmica socioeconômica em Goiás não é análoga àquela que vigorou no contexto de Brazlândia. Bortoni-Ricardo (2011) expõe uma situação de rearranjo econômico e de confronto linguístico, com uma parcela da população masculina economicamente ativa de

Brazlândia, até então território goiano, tendo de se adaptar à realidade de um novo e exigente mercado de trabalho em Brasília, nova capital federal do país.

Opondo as condições de Goiás às de Braslândia, vemos que no desenvolvimento do estado não houve pressão para a alteração relevante dos valores linguísticos tradicionais. A inauguração de Goiânia, a nova capital, por si só, não impulsionou uma mudança relevante no perfil socioeconômico e cultural do estado, seja pela incorporação de migrantes e de culturas de variadas regiões do país, seja pela dimensão das alterações político-administrativas, como se deu com a inauguração de Brasília. Em Goiás, supomos que na maior parte do tempo, homens e mulheres competiram sem ajustes extremos em sua conduta linguística urbana e sempre tendo em conta uma cultura rural, que nunca foi motivo de vergonha ou menosprezo.

O resultado referente ao comportamento linguístico feminino em Brazlândia (cf. BORTONI-RICARDO, 2011), de menor tendência de CV com *nós* que o dos homens, evidencia que elas conservaram mais fortemente a prática linguística goiana tradicional do singular verbal com *nós*.

As pesquisas de Amadeu Amaral, da década de 1920, e de José A. Teixeira, da década de 1940, mencionam essa característica como própria das condições linguísticas goianas. Amaral (1982) refere os bandeirantes paulistas como os introdutores do dialeto caipira em Goiás, com a característica de destaque, em nosso caso, da simplificação da concordância verbal, ou o uso de singular verbal com *nós*. Teixeira (1944, p. 103) destaca em Goiás a invariabilidade do singular na flexão verbal, em estudo sobre a língua falada publicado na década da inauguração oficial de Goiânia.

Em nossa amostra, a fala das mulheres com mais de 11 anos de estudos escolares evidenciou que, mesmo em igualdade de condições de acesso ao ensino superior entre homens e mulheres, as mulheres ainda realizam em maior grau a variante simbólica do *nós* sem CV, o que hipotetizamos como uma resistência ao abandono de valores linguísticos da comunidade.

Mas a disposição feminina para o que aparenta ser paradoxal ganha corpo em Goiás, além disso, porque, como veremos, as goianas utilizam mais intensamente que os homens a forma inovadora *a gente*. Ou seja, as mulheres empreendem mais fortemente que os homens o uso do *a gente* ao mesmo tempo que conservam mais intensamente que os homens o uso do *nós* sem CV. Voltaremos ao assunto quando tratarmos do *a gente*.

Outra conclusão de interesse dessa pesquisa de Bortoni-Ricardo (2011) em Brazlândia refere-se à comparação entre jovens (15-25 anos), com maior oportunidade de frequência à escola, e adultos (acima de 25 anos). Os jovens apresentaram maior tendência à CV com *nós*

(82%) em comparação aos adultos (48%), exibindo claramente uma orientação de ajuste às condições urbanas de competição no mercado de trabalho.

Em Goiás, ao contrário, nossa amostra atual aponta maior ocorrência de não CV com *nós* na fala dos mais jovens (veja **Tabela 12**), para qualquer um dos níveis de escolarização. Os jovens, assim como as mulheres, estariam atualizando o valor de uma herança cultural difundida ao longo do tempo.

Essa tendência na fala jovem foi confirmada também por ocasião da rodada sem os 108 casos de verbo no pretérito imperfeito e desconsiderando a variável *ritmo*, momento em que somente variáveis sociais foram selecionadas, como novamente exposto na **Tabela 14**: favorecimento de singular verbal com *nós* entre os mais jovens (0,83), entre aqueles com Ensino Médio (0,82) e entre as mulheres (0,69), e desfavorecimento entre os mais velhos (0,19), entre aqueles com Ensino Superior (0,36) e entre os homens (0,32).

**Tabela 14** - Efeito das variáveis sociais selecionadas em rodada sem dados de pretérito imperfeito e desconsiderando *ritmo* para análise da não concordância verbal com *nós* na fala goiana

VARIÁVEIS	PERCENTUAL DE SINGULAR	PESOS RELATIVOS
<b>FAIXA ETÁRIA</b>		
16 a 24 anos	46/131 = 35%	0,83
25 a 40 anos	28/217 = 13%	0,52
41 a 86 anos	10/155 = 7%	0,19
<i>Range</i>		64
<b>NÍVEL DE ESCOLARIZAÇÃO</b>		
10 – 11 anos (EM)	38/138 = 28%	0,82
Mais de 11 anos (ES)	46/365 = 13%	0,36
<i>Range</i>		46
<b>SEXO/GÊNERO DO FALANTE</b>		
Feminino	49/240 = 20%	0,69
Masculino	35/263 = 13%	0,32
<i>Range</i>		37
<b>TOTAL</b>	<b>84/503 = 17%</b>	
		<i>Input inicial</i> : 0, 17
		<i>Input</i> do nível de seleção das variáveis: 0,10
		Significância para rejeitar a hipótese nula: 0,05
		Significância da rodada: 0,000
		Convergência na iteração: 13

Fonte: Elaboração própria.

Com o intuito de uma breve comparação, observamos ser bem diferente da realidade linguística goiana de 1pp a realidade linguística de 1pp em Portugal. Em primeiro lugar, porque lá predomina o uso de *nós* (58%), conforme resultados de Rubio (2012, p. 224) baseados em 133 amostras orais espontâneas de falantes com um mínimo de 1 ano até mais de

12 anos de escolarização. Em segundo lugar porque não há ocorrência registrada de singular verbal com *nós* em Portugal. Essa categoricidade de plural verbal com *nós* foi registrada por Naro & Scherre (2007, p. 54; 180) em *Origens do português brasileiro*, ao salientarem que, segundo pesquisas da dialetologia portuguesa, todos, inclusive os analfabetos portugueses, realizam concordância verbal com *nós*, restando a possibilidade de variação verbal apenas com o *a gente*. Voltaremos ao tema da variação com *a gente* oportunamente.

Nesta pesquisa com evidenciação do caráter identitário para a ocorrência de singular verbal com *nós*, não poderíamos deixar de mencionar o trabalho de Travis e Silveira (2009) a propósito do futuro do uso de {-mos} no PB. Esses pesquisadores, focalizando a alternância de uso entre *nós* e *a gente* (cf. TRAVIS e SILVEIRA, 2009, p. 347) numa amostra de fala culta da cidade de Fortaleza (CE), chegam à conclusão de que essa desinência, juntamente com o pronome *nós*, tende a desaparecer da língua, porque: 1) há expansão do domínio das marcas de terceira pessoa em contextos de primeira e segunda pessoa e 2) porque há alta frequência de *a gente* em paradigmas diversos (type frequency) e alta frequência de *nós* em itens específicos (token frequency). Enfatizam que construções do tipo *nós temos*, *digamos* e *vamos + infinitivo* permanecerão como vestígios do uso de *nós* no PB e que o *a gente* dominará como 1pp.

Acontece que os autores, por estarem tratando da alternância de uso, retiraram da análise (TRAVIS e SILVEIRA, 2009, p. 352) os casos de singular verbal com *nós* (0,6% ou 14/2283) e desse modo equipararam *nós* e {-mos}, vinculando, projetivamente o fim do uso de {-mos} ao fim do uso do *nós*. Ao eliminar a variação verbal com o pronome, não consideraram a possibilidade de continuação de seu uso com uma concordância alternativa.

Nesse sentido, nossa pesquisa em Goiás nos dá provas de que perder o {-mos} não significaria necessariamente e ao mesmo tempo perder o *nós*. Se a variação é atributo inerente à atividade social e linguística humana, desconsiderá-la não é uma opção coerente, sob pena de reduzir-se o humano ao cálculo matemático unilateralmente.

Nossa análise da não CV com *nós* tem demonstrado firmemente a inter-relação entre língua e sociedade, assim como a força das tendências inerentes ao sistema linguístico. A prática do singular verbal com *nós* em Goiás ancora-se tanto no vigor de ser a execução tradicional na sócio-história da comunidade quanto grandemente na tendência rítmica predominante no PB de evitar o vocábulo proparoxítono. Nesse sentido, de uso favorecido pela tradição linguística e pela sistemática própria da língua, e considerando-se que se manifesta entre os mais escolarizados, acreditamos que o singular verbal com *nós* teria, na comunidade em geral (não medida nesta pesquisa), uma grande amplitude de uso.

Nossa hipótese da vernaculidade do uso de *nós* com singular verbal na fala goiana se fortalece com Amaral (1982 [1920]), Teixeira (1944), Muniz (2007) e Bortoni-Ricardo (2011), pois suas pesquisas apontam, direta ou indiretamente, uma dimensão peculiar de uso do singular verbal nessa localidade. Salientamos, no entanto, que uma análise da diacronia de 1pp em Goiás faz parte do prosseguimento da pesquisa (ver seção 4.3).

Para Goiás não valer a hipótese de Zilles (2005, p. 50) de que, sincronicamente, dada a incorporação e a predominância de uso de *a gente*, teria acontecido uma contaminação da concordância com terceira pessoa do singular para a forma *nós*. O singular verbal com *nós* na fala goiana é de origem e, portanto, anterior à incorporação do *a gente*.

Falta-nos falar, nesta finalização da análise do *nós*, do sujeito de tipo não pronominal, exposto em (5) e (6), e aqui repetidos como (28) e (29):

(28) (**1pp não pronominal/verbo no singular**) então, *eu e a minha irmã VIVIA* cheia de cicatriz e levando bronca porque moça não brincava disso, né?  
(*Arquivo de Dados*, dado 619, p. 50).

(29) (**1pp não pronominal/verbo no plural**) *eu e meus irmãos NASCEMOS* em Goiânia, moramos com a minha tia em Brasília pra gente estudar.  
(*Arquivo de Dados*, dado 545, p. 43).

Como já dissemos, esse tipo de sujeito foi considerado em nossa pesquisa juntamente com o *nós* expresso, mas registramos que Rubio (2012, p. 311), ao contrário, considerou separadamente os 38 casos de sujeito expresso de tipo não pronominal, apontando que obteve, para 13 casos de realização de {-mos}, a indicação de um sistemático aumento de seu emprego em função da faixa etária e do nível de escolarização, isto é, pessoas mais velhas (100%) e mais escolarizadas (67%) empregam mais {-mos} com esse tipo de sujeito que pessoas mais jovens (27%) e menos escolarizadas (20%), uma tendência semelhante àquela que ocorre com o próprio *nós*. Para o futuro, planejamos um estudo específico com esse tipo de sujeito.

#### 4.2.2. Não Concordância Verbal com *a gente*

A fala goiana apresenta baixo nível de variação verbal com *a gente*: no total de 1631 dados, apenas 5 casos de plural verbal com sujeito expresso (0,4%) e 40 casos com sujeito

não expresso (13%), totalizando uma frequência média de 3%, conforme apresentado na **Tabela 15**.

**Tabela 15:** Distribuição dos dados de *a gente* por tipo de sujeito e por desinência verbal na amostra goiana

VARIÁVEIS	VERBO NO SINGULAR	VERBO NO PLURAL
<i>A gente</i> expresso	1322/1327 = 99,6%	<b>5/1327 = 0,4%</b>
<i>A gente</i> não expresso	264/304 = 87%	<b>40/304 = 13%</b>
<b>TOTAL</b>	1586/1631 = 97%	<b>45/1631 = 3%</b>

Fonte: Elaboração própria.

Relembramos que se trata de resultados obtidos em áreas urbanas goianas. Em área rural goiana, Muniz (2007, p. 10) afirma não ter encontrado variação verbal com *a gente*<sup>74</sup>.

Não é característica somente da fala goiana apresentar baixa pluralização verbal com *a gente*. De modo geral, as pesquisas brasileiras apontadas na **Tabela 4** apresentam uma predominância de baixas porcentagens de variação, excetuando-se a amostra do Rio de Janeiro analisada por Naro, Gorsky e Fernandes (1999, p. 201) com 13% (646/5057) de plural verbal com *a gente* (expresso), representando o limite máximo dentre as amostras expostas na tabela. Vianna (2011, p. 100) também analisando falantes do Rio de Janeiro, mais especificamente de Nova Iguaçu e Copacabana, encontra 1% (8/1054) de *a gente* acompanhado com desinência verbal {-mos}. Em São Paulo, Rubio (2012, p. 262) encontra 6% (98/1603) de plural verbal; em João Pessoa, Fernandes (1996, p. 43) aponta 2% (55/2739); e em Porto Alegre, Zilles (2005) relata não haver encontrado variação verbal com *a gente*. Porcentagens maiores de pluralização verbal com *a gente* são relatadas no PE, como o aponta Rubio (2012, p. 262): 24% (49/200). Reafirmamos que as informações referentes ao PE têm caráter meramente contrastivo nesse momento.

Em Goiás, o maior nível de realização de plural verbal com sujeito *a gente* se dá em contexto de sujeito não expresso (anáfora zero), 13%, expressando, como já salientamos, uma eficiente estratégia para assegurar uma referência livre de ambiguidade a um sujeito com noção de coletivo, conforme Mattos (2003, 2010).

Os cinco casos de *a gente* expresso com verbo no plural acontecem com 4 verbos distintos e em 4 diferentes tempos verbais: com os verbos *ter* no presente, *ir* no futuro

<sup>74</sup> all tokens of *a gente* were accompanied by 3rd person singular verbal morphology (*a gente fala*).

perifrástico, *ser* no presente e no pretérito imperfeito, e com o verbo *acabar* no pretérito perfeito. Eis os dados:

(30) Então a gente programou pra ir pra Caldas Novas, a gente foi ano passado no final do ano, ficamos apenas um dia, né?, vamos voltar pra ficar mais tempo. Então **a gente** ACABAMOS voltando, né?, vamos voltar agora nesse mês e passar alguns dias lá. (Arquivo de Dados, dado 1755, p. 197)

(31) É, na escola o meu primo não, porque a gente não estudou junto não, mas meu irmão, a gente bagunçava muito. A gente ia, **a gente** SOMOS gêmeos, né?, nós dois, às vezes eu ficava um dia, uma semana na escola, ele ficava outra semana e aí, e achava que era o mesmo, que os dois tava na escola, e só um tava indo. (Arquivo de Dados, dado 1891, p. 224)

(32) Na época quando a gente se conheceu **a gente** ÉRAMOS Católicos, hoje somos evangélicos. (Arquivo de Dados, dado 2042, p. 247)

(33) hoje mesmo **a gente** VAMOS fazer uma experiência na aula de química, é ... fazer é ... um hidratante. (Arquivo de Dados, dado 469, p. 37)

(34) eu vejo é o seguinte, que Deus, que Jesus falou que, **a gente** TEMOS que dar exemplos, né? pra eles, colegas meus crente também, eu já vi brigando na porta do colégio num vai dar um exemplo pra num brigar, eles que ajudam a brigar. (Arquivo de Dados, dado 467, p. 37)

A rodada com os dados de *a gente* foi realizada após a retirada dos casos de infinitivos (131) e de futuro do pretérito (1), todos categóricos no singular.

A rodada com convergência do modelo aos dados apresentou a seleção de 4 variáveis linguísticas, *expressão do sujeito*, *tempo verbal*, *sintaxe da oração e ritmo*, e 1 variável social, *faixa etária*. Esses resultados estão expostos na **Tabela 16** por hierarquia de magnitude dos *ranges*.

**Tabela 16** - Efeito das variáveis selecionadas para não concordância verbal com *a gente* na fala goiana (*a gente* + {-mos})

VARIÁVEIS	PERCENTUAL DE {-MOS}	PESOS RELATIVOS
<b>EXPRESSÃO DO SUJEITO</b>		
Não expresso	40/304 = 13%	0,97
Expresso	5/1327 = 0,4%	0,30
<i>Range</i>		67
<b>TEMPO VERBAL</b>		
Futuro do presente perifrástico	2/11 = 18%	0,98
Pretérito Perfeito	24/389 = 6%	0,74
Presente	15/807 = 2%	0,47
Pretérito Imperfeito	4/424 = 1%	0,31
<i>Range</i>		67
<b>SINTAXE</b>		
Or. Principal	4/153 = 3%	0,89
Or. Coordenada	40/1102 = 4%	0,53
Or. Subordinada	1/376 = 0,3%	0,23
<i>Range</i>		66
<b>FAIXA ETÁRIA</b>		
16 a 24 anos	10/612 = 2%	0,37
25 a 40 anos	20/735 = 3%	0,47
41 a 86 anos	15/284 = 5%	0,80
<i>Range</i>		43
<b>RITMO</b>		
Grupo 1: Paroxítona - proparoxítona	4/421 = 1%	0,48
Grupo 2: Paroxítona – paroxítona	5/517 = 1%	0,32
Grupo 3: Oxítona – paroxítona	36/693 = 5%	0,65
<i>Range</i>		33
<b>TOTAL</b>	<b>45/1631 = 3%</b>	

*Input* inicial : 0,028

*Input* do nível de seleção das variáveis: 0,002

Significância para rejeitar a hipótese nula: 0,05

Significância da rodada: 0,009

Convergência na iteração: 11

Fonte: Elaboração própria.



#### 4.2.2.1. Variáveis linguísticas selecionadas para não CV com *a gente*

A hierarquização por ordem decrescente dos *ranges* aponta relevância semelhante das variáveis *expressão do sujeito*, *tempo verbal* e *sintaxe*. Em contexto de *sujeito não expreso* (0,97) ocorre forte presença de plural verbal, um eficiente mecanismo de correferenciação a sujeito com semântica de plural, como já salientado por Mattos (2003, 2010).

Rubio (2012, p. 287) também aponta essa diretriz, pois apresenta o *a gente* expreso como favorecedor de CV (singular) no PB (0,75) e no PE (0,66), e o *a gente* não expreso como desfavorecedor de CV (plural) no PB (0,02) e no PE (0,13), o que equivale dizer que o *a gente* não expreso favoreceria o uso de {-mos}.

No trabalho de Naro, Gorsky e Fernandes (1999), com resultados de concordância verbal para *a gente*, os autores não trataram da 1pp por tipo de sujeito (expreso e não expreso), mas, de modo indireto, a variável *distância posicional* (cf. NARO, GORSKY e FERNANDES, 1999, p. 204) sugere a importância dos contextos de sujeito não expreso, pois essa variável (*distância posicional*) foi selecionada estatisticamente para não CV, indicando o fator "distante"<sup>75</sup> (cf. NARO, GORSKY e FERNANDES, 1999, p. 208) como favorecedor de uso de {-mos}, tanto na fala dos mais jovens (0,61) quanto na dos mais velhos (0,64).

Quanto a *tempo verbal*, os dados apontaram que as maiores influências para uso de plural verbal acontecem com futuro do presente perifrástico (0,98 ou 2/11 = 18%), e com pretérito perfeito (0,74 ou 24/389 = 6%). Os dois casos de futuro do presente estão em (30) e (33) renumerados como (35) e (36) a seguir, isto é, em locução verbal (verbo auxiliar + verbo principal).

(35) Então a gente programou pra ir pra Caldas Novas, a gente foi ano passado no final do ano, ficamos apenas um dia, né?, vamos voltar pra ficar mais tempo. Então **a gente** acabamos voltando, né?, **VAMOS VOLTAR** agora nesse mês e passar alguns dias lá. (Arquivo de Dados, dado 1755, p. 197)

(36) hoje mesmo **a gente** **VAMOS FAZER** uma experiência na aula de química, é ... fazer é ... um hidratante. (Arquivo de Dados, dado 469, p. 37)

---

<sup>75</sup> Pelo exposto em Naro, Gorsky e Fernandes (1999, p. 204), o sujeito não expreso corresponderia ao codificado como a uma distância acima de 5 sílabas.

De qualquer forma, o uso atual de {-mos} em Goiás revela sua consolidação tanto na expressão do pretérito perfeito com *a gente*, reafirmando o exposto em Naro, Gorsky e Fernandes (1999), quanto na do futuro do presente perifrástico.

Com pretérito perfeito os resultados remetem à hipótese de Naro, Gorsky e Fernandes (1999, p. 209), com dados de fala do Rio de Janeiro, de que estaria em progresso uma mudança no PB relacionada à morfologia verbal, com a desinência {-mos} provavelmente especializando-se como própria de tempo pretérito, tanto com *nós* quanto com *a gente*, mas mais avançada em contextos de *a gente* que de *nós* na época da pesquisa. Em Goiás, o peso relativo de 0,74 para pretérito perfeito atualiza essa orientação geral, embora comparativamente seja maior o vigor da tendência de plural com futuro do presente (0,98), essa baseada em poucos dados.

Quanto à variável *sintaxe*, esta apontou um peso relativo de 0,89 ( $4/153 = 3\%$ ), portanto de favorecimento de plural, em contexto de oração principal do tipo de (37) e (38) a seguir:

(37) E é isso que a gente colocou na nossa vida. Ø COMPRAMOS o que é necessário e não compramos além do que ganhamos. Então é isso que a gente tem que fazer. (Arquivo de Dados, dado 2320 , p. 277)

(38) A gente faz economia e aí quando chega o dia da gente ir pra Caldas Novas Ø ABRIMOS aquele, “aquele cofre”, né? “Ah! então agora já dá pra gente passear, então vamos”, então é assim. (Arquivo de Dados, dado 2330, p. 278)

Mais uma vez observamos a força da variável *tipo de sujeito*, pois nos quatro exemplos há dois casos de sujeitos expressos (32) e (33) e dois casos de sujeitos não expressos (37) e (38).

A baixa frequência de plural verbal com *a gente* entre pessoas com 10 anos ou mais de escolarização em Goiás mostrou-se uma característica local, mas uma ampliação da amostra, atentando para outros níveis de escolarização, seria necessária para confirmar esse padrão na comunidade em geral.

A variável *ritmo*, semelhantemente ao ocorrido para a não CV com *nós*, foi selecionada para a não CV com *a gente*, com magnitude de 33 de *range*. Os resultados de seus fatores indicam a situação de passagem de vocábulo oxítono a paroxítono (fator 3), exposta nas oposições entre, por exemplo, *é/somos* (31), *vai/vamos* (33) e *tem/temos* (34), como a favorecedora de pluralização no verbo, com o peso relativo de 0,65. Mais uma vez

percebemos a atuação de uma tendência geral no PB, aquele da convergência para a paroxitonicidade, nesse caso com a incorporação da desinência {-mos}.

#### 4.2.2.2. Variável social selecionada para não concordância verbal com *a gente*

Dentre as variáveis de cunho social consideradas na rodada com 1631 dados de *a gente* foi selecionada apenas a variável *faixa etária*, com os resultados apresentados separadamente na **Tabela 17**.

**Tabela 17:** Efeito da variável *Faixa Etária* para não CV com *a gente* na fala goiana

FAIXA ETÁRIA	PERCENTUAL DE {-MOS}	PESO RELATIVO
16 a 24 anos	10/612 = 2%	0,37
25 a 40 anos	20/735 = 3%	0,50
41 a 86 anos	15/284 = 5%	0,76
<b>TOTAL</b>	45/1631 = 3%	

Fonte: Elaboração própria.

Nesse conjunto, os mais velhos (41 a 86 anos) favorecem a tendência de pluralização no verbo (0,76), ao contrário dos mais jovens (falantes entre 16 e 24 anos) que desfavorecem essa tendência (0,37). Esses resultados para a variável *faixa etária* apontam tendência divergente daqueles citados por Naro, Gorsky e Fernandes (1999) e por Rubio (2012).

Resguardadas as diferenças das amostras por nível de escolarização<sup>76</sup>, Naro, Gorsky e Fernandes (1999, p. 207), apontam que pessoas acima dos 41 anos de idade utilizam menos (10%) que os mais jovens (16%) a desinência de plural com *a gente*. Em Rubio (2012, p. 303) temos, para o PB, cujo nível de uso de *a gente* é de 74%, os falantes entre 16 e 25 anos (0,61) e os acima de 55 anos (0,60) ambos como igualmente favoráveis à CV com *a gente*; e para o PE, cujo nível de uso de *a gente* é de 42%, os falantes acima de 55 anos como os mais favorecedores (0,60) de CV com essa forma. Essas pesquisas indicam uma correlação entre

<sup>76</sup> Na amostra de Naro, Gorsky e Fernandes (1999) o nível de escolarização varia entre 4 e 9 anos (e não 4 e 8 anos) considerando-se que na década de 1980 havia uma série inicial denominada pré-primário não contabilizada na ordenação escolar por anos.

mais idade e maior tendência de CV com *a gente*, considerando-se também o efeito presumido da escolaridade.

#### 4.2.3. A alternância de uso das formas de 1pp em Goiás

Inicialmente apresentaremos, para efeito de comparação, dados de Goiás e de outras localidades brasileiras. Em seguida, faremos a descrição e interpretação dos resultados estatísticos na amostra goiana, todos obtidos com convergência, isto é, apontando um ajuste entre o modelo matemático utilizado e os dados amostrais.

Relembramos que da fala de 55 pessoas foram coletados 2412 dados de 1pp cuja distribuição das formas apontou 22% de dados de *nós* e 78% de *a gente* em Goiás. Para a análise da alternância dessas formas de 1pp foram retirados da rodada os dados com variação verbal, restando um total de 2205 dados. Deste segundo total foram retirados os dados de infinitivo (131/135) e de futuro do pretérito (1/8) a fim de alcançar um range mais realístico, isto é evitando-se o enviesamento dos resultados para *a gente*, para a variável *tempo verbal* (nível de variação muito baixo ou poucos dados no conjunto), restando então a configuração de 77% de uso de *a gente* e de 23% de uso de *nós* em Goiás.

A força do uso de *a gente* nessa comunidade não difere grandemente daquela que vigora, em média, em áreas urbanas brasileiras, como visualizamos pela **Tabela 18**. O curioso é a evidência dessa força acontecendo num contexto que prestigia a tradição cultural do *nós*. Essa situação de predomínio do *a gente* em Goiás, no entanto, não invalida a hipótese principal, pois a tradição de uma forma não elimina a possibilidade da outra, elas têm efeitos independentes. Justificaríamos de forma ligeira, citando José M. Telles, que ser goiano "é amar o passado, a história, as tradições, sem desprezar o moderno" (ver ANEXO B).

**Tabela 18:** Percentuais de uso de *nós* e de *a gente* no PB

REGIÕES BRASILEIRAS	PESQUISAS	USO DE NÓS	USO DE A GENTE
SUDESTE	Naro, Gorsky e Fernandes, 1999 (Rio de Janeiro – RJ) Amostra 1980	27%	73%
	Mendonça, 2010 (Vitória - ES) PORTVIX	29%	71%
	Rubio, 2012 (São Paulo) IBORUNA	26%	74%
SUL	Zilles, 2005 (Porto Alegre- RS) VARISUL e NURC	31%	69%
NORDESTE	Fernandes, 1996 (João Pessoa - PB) VALPB	21%	79%
CENTRO-OESTE	Mattos, 2013 (Goiás)	23%	77%

Fonte: Elaboração própria.

Na **Tabela 18** apresentam-se algumas porcentagens de uso das formas de 1pp em várias regiões, tendo o Nordeste brasileiro, representado pelo estado da Paraíba, o maior índice de uso de *a gente*, 79%, e de menor índice de uso de *nós*, 21%. Fernandes (1996) serviu-se da fala de 60 pessoenses com escolaridade variando de analfabetos a pessoas com mais de 11 anos de frequência à escola.

Na região Sudeste do Brasil, Naro, Gorsky e Fernandes (1999), em coleta da década de 1980, encontraram 27% de uso de *nós* e 73% de uso de *a gente* no Rio de Janeiro. Mendonça (2010) analisou a fala capixaba coletada entre 2001 e 2003 e verificou 29% de uso de *nós* e 71% de uso de *a gente* na capital do Espírito Santo, Vitória. Rubio (2012, p. 223) valeu-se de coleta entre 2004 e 2007 de 64 falantes do noroeste do estado de São Paulo e encontrou 26% de uso de *nós* e 74% de *a gente*. No sul do país temos Zilles (2005) com análise da fala de 39 pessoas e as frequências de uso de 31% de *nós* e 69% de *a gente*.

As frequências médias atuais de uso de *nós* e *a gente* em área urbana de Goiás<sup>77</sup> se assemelham às médias de outras localidades brasileiras, apontando um uso crescente de *a gente*.

Por meio de uma comparação específica entre falantes com ensino superior (ver **Tabela 19** a seguir) considerando as amostras de Lopes (1998) e nossa própria amostra, verificamos que a porcentagem de uso de *a gente* em Goiás é mais elevada nesse nível de escolarização atualmente. Os resultados de Lopes (1998) estão baseados na oralidade de 18 pessoas com nível superior do projeto NURC de três regiões brasileiras, Nordeste (Salvador), Sudeste (Rio de Janeiro) e Sul (Porto Alegre).

**Tabela 19:** Percentuais de uso de *nós* e de *a gente* entre pessoas com Ensino Superior de diversas regiões brasileiras

REGIÕES BRASILEIRAS	PESQUISAS	USO DE <i>NÓS</i>	USO DE <i>A GENTE</i>
NORDESTE, SUDESTE E SUL	Lopes, 1998 (Salvador, Rio de Janeiro e Porto Alegre)	58%	42%
	NURC		
CENTRO-OESTE	Mattos, 2013 (Goiás)	23%	77%

Fonte: Elaboração própria.

As duas amostras estão separadas por um lapso temporal de aproximadamente duas décadas, pois as várias amostras do Projeto NURC utilizadas por Lopes (1998) datam da década de 1990. Grosso modo, poderíamos apontar, considerando apenas a diferenciação de uso de *nós* e *a gente* ao longo do tempo em áreas urbanas brasileiras, um decrescente efeito da orientação da instituição escolar visando ao uso de *nós* como única forma legítima. Em Goiás, particularmente, veremos que o uso crescente do *a gente* se deu em consonância com um processo de imigração progressiva e se desenvolveu como representante de uma modernidade urbana numa sociedade de cultura fundamentalmente rural.

<sup>77</sup> Em área rural goiana, Muniz (2007, p. 8) apresenta 43% de uso de *a gente* e 57% de *nós*.

#### 4.2.3.1. As variáveis selecionadas para alternância de uso das formas de 1pp

A rodada para análise da alternância de uso das formas na fala goiana, realizada com dados apenas de concordância verbal com cada forma, representa a oposição desinencial que ocorre entre formas que expressam 1pp, ou seja, {-mos} vs. {∅}.

Houve convergência na rodada para alternância de uso das formas de 1pp e nível máximo de significância (0,000). Das variáveis consideradas, apenas *tipo de estrutura sintática* e *tipo da fala* não foram correlacionadas estatisticamente às tendências de uso das formas. Optamos por focalizar os índices que se referem à tendência de uso do *a gente* por possibilitar uma comparação mais estreita com a maioria das pesquisas, pois estas privilegiam a dinâmica da incorporação do *a gente* como uma forma inovadora no quadro de 1pp no PB. Relembramos que, uma vez que o valor dos pesos relativos é calculado no intervalo entre zero e um (0 e 1), os resultados para o pronome *nós* são aqueles numericamente complementares aos apresentados para *a gente* até atingir o limite de um (1,00).

**Tabela 20:** Efeitos das variáveis selecionadas para a forma *a gente* na análise da alternância *nós* vs. *a gente* em Goiás

VARIÁVEIS	RESULTADOS PARA A FORMA A GENTE	
	PORCENTAGEM	PESO RELATIVO
<b>FAIXA ETÁRIA</b>		
16 a 24 anos	602/690 = 87%	0,70
25 a 40 anos	715/933 = 77%	0,49
41 a 86 anos	269/439 = 61%	0,23
<i>Range</i>		47
<b>TEMPO VERBAL</b>		
Imperfeito	420/477 = 88%	0,64
Presente	792/937 = 85%	0,58
Perfeito	365/631 = 58%	0,29
Futuro do presente perifrástico	9/17 = 53%	0,23
<i>Range</i>		41

Continua

VARIÁVEIS	RESULTADOS PARA A FORMA A GENTE	
	PORCENTAGEM	PESO RELATIVO
<b>NÍVEL DE ESCOLARIZAÇÃO</b>		
Ensino Médio (10 anos de estudos)	703/812 = 87%	0,69
Ensino Universitário (mais de 11 anos)	883/1250 = 71%	0,37
<i>Range</i>		32
<b>RITMO</b>		
Grupo 1: Paroxítone – proparoxítone	417/474 = 88%	0,54
Grupo 2: Paroxítone – paroxítone	512/592 = 87%	0,63
Grupo 3: Oxítone – paroxítone	657/996 = 66%	0,41
<i>Range</i>		22
<b>EXPRESSÃO DO SUJEITO</b>		
Expresso	1322/1651 = 80%	0,54
Não expresso	264/411 = 64%	0,34
<i>Range</i>		20
<b>SEXO/GÊNERO DO FALANTE</b>		
Feminino	782/984 = 80%	0,60
Masculino	804/1078 = 75%	0,41
<i>Range</i>		19
<b>TOTAL</b>	<b>1586/2062 = 77%</b>	
		<i>Input inicial: 0,77</i>
		<i>Input do nível de seleção das variáveis: 0,83</i>
		Significância para rejeitar a hipótese nula: 0,05
		Significância da rodada: 0,000
		Convergência na iteração: 8

Fonte: Elaboração própria.

No conjunto de variáveis selecionadas, *faixa etária* destaca-se como a de maior efeito (47 de *range*) na análise da alternância, e será apresentada em seção própria de análise das variáveis sociais. No conjunto das variáveis de cunho linguístico, destacam-se, pela ordem de grandeza dos ranges, *tempo verbal* (41), *ritmo* (22) e *expressão do sujeito* (20).



Para *tempo verbal*, segundo os cálculos estatísticos do Goldvarb X, temos que a tendência de uso do *a gente* na fala goiana é favorecida em contexto de pretérito imperfeito (0,64) e de presente (0,58) e desfavorecida em contexto de pretérito perfeito (0,29) e de futuro do presente perifrástico (0,23). A expectativa de que o contexto de pretérito imperfeito seria o mais favorável ao *a gente* se confirmou na análise da alternância das formas em Goiás. Esse tempo verbal, uma vez que sua característica rítmica fundamental de proparoxitonicidade vai contra a tendência rítmica majoritária na língua, sofre ajustes no sentido do singular verbal, seja referentemente à não CV com *nós* seja quanto ao favorecimento de uso do *a gente* na alternância.

Semelhantemente, temos Omena (2003, p. 69), Lopes (1998, p. 412), Mendonça (2010, p. 85) e Fernandes (1996, p. 58) referindo o imperfeito como favorecedor de *a gente*, com os resultados de 0,72, 0,62, 0,64 e 0,62 respectivamente<sup>78</sup>. Naro, Gorsky e Fernandes (1999, p. 204) não se utilizaram dos dados de pretérito imperfeito alegando apresentarem baixa frequência na amostra (3,8%) e não apresentarem a oposição fundamental entre tempo presente e pretérito, foco de sua análise.<sup>79</sup>

Por cálculo complementar, temos que a tendência de uso do pronome *nós* na fala goiana é favorecida em contexto de pretérito perfeito (0,71) e de futuro do presente perifrástico (0,77) e desfavorecida nos demais contextos. Fernandes (1996), Omena (2003) e Lopes (1998), entre outros pesquisadores, também referem a correlação entre pretérito perfeito e futuro do presente e o uso de *nós*. Fernandes (1996), na fala de pessoenses, assinala o pretérito perfeito (0,67) e o futuro do indicativo (0,78) como favorecedores de *nós*; Omena (2003, p. 70), em análise de amostra do projeto CENSO<sup>80</sup>, assinala que formas e tempos verbais mais marcados como passado e futuro tendem a favorecer o uso de *nós*; Lopes (1998, p. 414), para falantes do NURC, encontra pretérito perfeito do indicativo (0,90) e futuro do subjuntivo (0,84) favorecendo o *nós*.

<sup>78</sup> Com exceção de Mendonça (2010), os demais resultados correspondem à codificação do imperfeito na variável saliência fônica.

<sup>79</sup> "In the quantitative analysis of the *-mos/0* alternation in our corpus, we did not include level 1 [of phonic salience] in the data because *-mos* had a very low frequency of occurrence, both for *nós* and for *a gente*, on this level. In our entire sample, the frequency of occurrence of *-mos* reached only about 3.8% on this level. Given this situation, we decided to eliminate level 1 from our quantitative analysis since our primary interest was to examine the interplay between present and preterit forms, which did not occur on this level". (NARO, GORSKY e FERNANDES, 1999, p. 204).

<sup>80</sup> O Projeto Censo de Variação Linguística do Estado do Rio de Janeiro, mais conhecido hoje como PEUL (Programa de Estudos sobre o Uso da Língua), foi iniciativa de um grupo de pesquisadores da UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro) na década de 1980.

Outra variável de cunho linguístico selecionada para a compreensão dos contextos de *a gente* em Goiás foi *ritmo*, com a indicação de que a não alteração da paroxitonicidade, característica do grupo 2 (paroxítona - paroxítona) é favorecedora de *a gente* (0,63); de que o grupo 1 (paroxítona – proparoxítona) tem efeito favorecedor menos acentuado (0,54) e de que o grupo 3 (oxítona – paroxítona) desfavorece o uso de *a gente* em Goiás (0,41).

O alcance da variável *ritmo* para a compreensão da engrenagem desinencial com 1pp no PB pode ser avaliado por meio da leitura desses resultados da alternância para *a gente* (sem {-mos}) em conjunto com aqueles referentes à não concordância com *nós* (sem {-mos}), e nos faz supor que o singular verbal com 1pp, relativamente a *ritmo*, é regido de alguma forma pela expectativa de paroxitonicidade, como observamos nos resultados expostos na **Tabela 21**.

**Tabela 21** – Efeito da variável *ritmo*, em pesos relativos, para o contexto de desinência verbal zero (singular) com 1pp em Goiás

<b>Desinência Zero com Primeira Pessoa do Plural (<i>nós</i> e <i>a gente</i>)</b>			
<b>Variável Ritmo</b>	<b>Favorecimento de <i>a gente</i> (Alternância das formas)</b>	<b>Singular verbal com <i>a gente</i> (Concordância verbal)<sup>81</sup></b>	<b>Singular verbal com <i>nós</i> (Não Concordância verbal)</b>
Grupo 1 (paro - propa)	0,54	0,52	<b>0,88</b>
Grupo 2 (paro – paro)	<b>0,63</b>	<b>0,68</b>	<b>0,58</b>
Grupo 3 (oxi – paro)	0,41	0,35	0,35

Fonte: Elaboração própria.

Pelos resultados expostos na **Tabela 21** visualizamos a tendência de favorecimento da ocorrência de singular verbal com 1pp a partir da esquiva do ritmo proparoxítono em direção ao paroxítono e da conservação desse ritmo. Comparando esse panorama ao panorama dos resultados estatísticos para o favorecimento da emergência do plural (desinência {-mos}), observamos mais claramente uma orientação para a paroxitonicidade. Vejamos a **Tabela 22**.

<sup>81</sup> Os resultados referentes à concordância verbal foram obtidos por cálculo complementar a partir dos resultados da variável *ritmo* na tabela 16.

**Tabela 22** – Efeito da variável *ritmo*, em pesos relativos, para o contexto de desinência verbal {-mos} (plural) com 1pp em Goiás

Desinência {-mos} com Primeira Pessoa do Plural ( <i>nós</i> e <i>a gente</i> )			
Variável Ritmo	Favorecimento de <i>nós</i> (Alternância das formas)	Plural verbal com <i>nós</i> (Concordância verbal)	Plural verbal com <i>a gente</i> (Não Concordância verbal)
Grupo 1 (paro - propa)	0,46	0,12	0,48
Grupo 2 (paro – paro)	0,37	0,42	0,32
Grupo 3 (oxi – paro)	<b>0,59</b>	<b>0,65</b>	<b>0,65</b>

Fonte: Elaboração própria.

Os contextos rítmicos de favorecimento do {-mos} em todas as frentes de análise da 1pp confirmam a tendência para a paroxitonicidade como um aspecto relevante, nesse caso, com a passagem de vocábulo oxítono a paroxítono.

Enfim, ritmo nos parece uma ferramenta poderosa para compreensão da engrenagem desinencial com 1pp no PB, extrapolando os limites da análise da fala goiana: um maior favorecimento de plural verbal {-mos} acontece na diretriz da oxitonicidade para a paroxitonicidade; um maior favorecimento de singular verbal { $\emptyset$ } acontece na diretriz da proparoxitonicidade para a paroxitonicidade e na conservação desse ritmo.

Voltando à análise das variáveis de caráter linguístico selecionadas para a alternância *nós/a gente* em Goiás, temos ainda a variável *expressão do sujeito*, com a forma expressa favorecendo levemente o uso do *a gente* (0,54) e a forma não expressa desfavorecendo-o (0,34). Por cálculo complementar, contextos de anáfora zero (sujeito não expresso) favorecem a emergência do *nós* (0,66).

Outras pesquisas, como as de Vianna (2011) e Mendonça (2010) também apontam a expressão como favorecedora de *a gente*. Vianna (2011, p. 108) afirma essa característica tanto no PB (0,77) quanto no PE (0,90); Mendonça (2010, p. 76) refere 0,62 para *a gente* expresso na fala de Vitória (ES).

Em resumo, os resultados estatísticos concernentes às variáveis linguísticas para análise da alternância das formas de 1pp em nossa amostra indicam que são semelhantes os contextos que governam a alternância *nós/a gente* na fala goiana e em outras localidades brasileiras.

#### 4.2.3.2. As variáveis sociais selecionadas para alternância de uso das formas de 1pp

Como evidenciado na **Tabela 20**, as variáveis de caráter social empregadas na codificação foram todas selecionadas para a alternância *nós/ a gente*, com a seguinte hierarquia de ranges: *faixa etária* (47), *nível educacional* (32) e *sexo/gênero do falante* (19).

Para todas essas variáveis, a fala goiana acompanha as tendências vigorantes no Brasil relativamente ao favorecimento do uso de *a gente*: com relação à *faixa etária*, temos, para Goiás, que pessoas mais jovens, isto é, os falantes entre 16 e 24 anos, favorecem esse uso (0,70) em oposição ao seu desfavorecimento entre os mais velhos, aqueles entre 41 e 86 anos (0,23). Os adultos entre 25 e 40 anos estatisticamente não favorecem nem desfavorecem esse uso (0,49); com relação a *nível de escolarização*, temos pessoas com 10-11 anos de estudos regulares favorecendo (0,69) o uso de *a gente* em oposição às pessoas com mais de 11 anos de estudos, as quais desfavorecem esse uso (0,37); com relação a *sexo/gênero dos falantes*, temos mulheres favorecendo o *a gente* em Goiás (0,60) e homens desfavorecendo esse uso (0,41).

Outras pesquisas que apontam a influência da variável *faixa etária* no favorecimento de *a gente* entre os mais jovens no PB são: Omena (2003, p. 66), em estudo de tendência com amostras de 1980 e 2000 para a fala carioca, que aponta pessoas entre 7 a 14 anos (0,79 e 0,84) e entre 15 e 25 anos (0,70 e 0,84); Rubio (2012, p. 255), para a fala paulista, com a faixa etária entre 16 e 25 anos (0,60); e Mendonça (2010, p. 75), na fala de Vitória (Espírito Santo), para a faixa etária dos falantes entre 7 e 14 anos (0,76) e daqueles entre 15 e 25 anos (0,70).

Para *nível de escolarização*, Fernandes (1996, p. 81) encontra, entre falantes da Paraíba, favorecimento de uso de *a gente* entre os sem escolarização (0,67); e Rubio (2012, p. 252) encontra, entre falantes do interior de São Paulo, pessoas com 12 anos ou mais de escolarização como desfavorecedoras do uso de *a gente* (0,40). Além de vigorante no Brasil, essa tendência também é encontrada no PE: Vianna (2011, p. 128) assinala que quanto mais anos de estudos, menor é a tendência de uso de *a gente*, chegando o uso de *nós* a manifestar-se em 90% dos dados de pessoas com ensino superior; e Rubio (2012, p. 252) cita o favorecimento (0,80) de uso do *a gente* entre falantes com 1 a 4 anos de escolarização no PE.

Para *sexo/gênero do falante*, temos a afirmação de Omena (1986, p. 106, *apud* Lopes, 2003, p. 146) acerca da existência de indícios de que uma substituição de *nós* por *a gente* na década de 1960 "tenha se iniciado pelas mulheres"; Lopes (2003, p. 119) semelhantemente aponta que as mulheres "deram o primeiro passo na introdução dessa nova forma".

Enfim, em Goiás, como de resto nas localidades brasileiras já descritas em pesquisas variacionistas, predomina o uso de *a gente*. A ampliação desse uso tem ocorrido em paralelo ao processo de urbanização crescente no estado. A conjuntura de desenvolvimento urbano e econômico com a migração externa mais qualificada crescente a partir dos anos 1970, sugere que essa amplitude de uso do *a gente* seja uma mudança do tipo *from above* nos moldes de Labov (1972, 2001), a indicar o uso crescente de uma forma linguística de uso externo à comunidade, no caso de Goiás representativa do valor positivo da modernidade.

Ou seja, em uma comunidade com tradição fortemente ligada ao rural, a ampliação do crescimento econômico via industrialização e com ele o aumento da urbanização e do número de imigrantes, mormente a partir da década de 1970, desencadeou um uso crescente do *a gente*, incorporado como uma representação desse movimento de modernização estadual. Seu uso mais intenso está grandemente vinculado à faixa etária mais jovem em nossa amostra.

Conjecturamos que, no plano do imaginário popular, o *a gente* encontrou em Goiás condições muito propícias porque, naquele contexto de modernização e emparelhamento de Goiás com o resto do país, essa forma agregava ainda a vantagem de diminuir o peso da adjetivação de decadente para qualificar as condições socioeconômicas do Estado, que, por um longo período de tempo, fez parte do repertório da corrente majoritária da historiografia goiana.

Foi o fluxo de gente e de costumes de várias localidades brasileiras para Goiás, por ocasião da expansão econômica, que favoreceu a incorporação do *a gente* como prática linguística, vinculada que ela era à cultura urbana em ascensão no restante do país.

Certamente foi a partir do processo de desenvolvimento industrial no Estado na década de 1970 que o uso de *a gente* se firmou na fala goiana. De modo geral, esse uso por todas as classes sociais no Brasil foi incrementado nas décadas de 1960 e 1970, época de grandes transformações demográficas e socioeconômicas como industrialização, migração de áreas rurais para urbanas, desenvolvimento tecnológico das comunicações, emergência de uma classe trabalhadora urbana e um aumento no registro de frequência escolar pública (ZILLES, 2005, p. 30).

Em Goiás, em 1973 é implementada a lei n. 7.700/73 que previa, para as indústrias compromissadas em permanecer em Goiás por mais de 5 anos, a criação de infraestrutura e a isenção de impostos além da concessão de outros benefícios. Esse esforço pela industrialização no Estado levou inclusive, no final da década de 1970, a um polêmico anúncio do governo do Estado de Goiás veiculado em jornais de circulação nacional no qual, abaixo de uma foto em preto e branco em que sobressaiam duas chaminés enfumaçando o

céu, o convite: “Traga a sua poluição para Goiás”<sup>82</sup>. A diligência para aumento do parque industrial se refletiu em aumento da imigração no Estado.

Enfim, a peculiaridade da fala goiana, no que diz respeito ao uso de 1pp, não se encontra no nível de uso de cada uma das formas, mas na dimensão de uso do singular verbal com *nós*, cuja prática referenda um valor simbólico relacionado ao contexto sociocultural predominantemente rural vigente em seu território desde o século XVIII. E dizer rural não indica depreciação ou inferiorização, significa sim apontar uma matriz riquíssima de valores ligados à vivência do campo.

#### 4.3. A CONTINUAÇÃO DESTA PESQUISA

Temos a pretensão de expandir essa pesquisa a fim de alcançar uma análise mais abrangente da fala goiana e para tanto deveremos realizar: a) um aumento da amostra a fim de incorporar outras faixas etárias e níveis de escolarização; b) agregar mais falantes de Goiânia<sup>83</sup> a fim de possibilitar uma comparação entre falantes da capital e falantes do interior do Estado; c) empreender um teste de atitude linguística à semelhança do efetuado por Bortoni-Ricardo (2008, p. 85); d) ampliar o estudo da 1pp pela vertente de análise de documentos históricos e da literatura de ficção representativa do Estado numa investigação de cunho diacrônico; e) ampliar a análise do *nós* com verbo no singular pela vertente de estudos de identidade; e f) empreender um estudo comparativo de 1pp considerando áreas urbanas e rurais de Goiás valendo-se de amostras de área rural já montadas.

O sucesso dessas etapas certamente também tornará possível: a) uma análise do sujeito não pronominal (Eu e minha irmã) baseada em mais dados; b) a verificação do comportamento linguístico variável na comunidade como um todo, nos termos de Labov (1994, p. 85-86) de que a evidência de estabilidade de variáveis sociolinguísticas será mais confiável se conseguida por evidência positiva que por inferência (evidência negativa); e c) uma avaliação dos níveis de diferenciação entre PB e PE com base em mais dados referentes a áreas urbanas.

---

<sup>82</sup> O fato é conhecido, mas a informação foi colhida no site <http://blogdosakamoto.blogosfera.uol.com.br>

/2009/10/14/traga-sua-poluicao-para-o-brasil-diz-bndes/?replyto=17059. Acesso em mar 2012.

<sup>83</sup> Nossa amostra atual só conta com 3 falantes de Goiânia.

Também estão previstas, como continuação de pesquisa, duas novas codificações de dados, valendo-se então das variáveis *paralelismo formal* e *referência do sujeito*, se genérica ou específica.

## CONCLUSÕES

Este estudo sobre a primeira pessoa do plural em Goiás, baseado em amostra de fala de 55 pessoas, 27 homens e 28 mulheres, investigou, a partir das bases teóricas e metodológicas do variacionismo laboviano, contextos linguísticos e sociais fundamentais na compreensão da alternância de uso de *nós* e *a gente* e da concordância verbal com cada forma.

Aspectos da história social e linguística de Goiás foram indispensáveis para compor uma perspectiva ampla dos fenômenos, principalmente da ocorrência de singular verbal com *nós*. A base da comunicação no território goiano inicialmente explorado pelos bandeirantes, sem desconsiderar os contatos de língua na região, se deu no dialeto caipira, cuja simplificação do paradigma verbal indicava uso do singular verbal. Após um breve período de exploração mineral, essa terra foi convertida em área de agropecuária de subsistência e como tal permaneceu por longo tempo e em estado de relativo isolamento da dinâmica econômica e urbana das regiões mais progressistas do país. Essa estagnação econômica se refletiu em uma educação precária, de baixa qualidade para uma população com minoria de brancos e de nenhuma educação para uma maioria de mestiços. Em termos linguísticos, esse multiculturalismo, com pouca ou nenhuma escolaridade, pode ter contribuído para a conservação de características linguísticas que ao longo do tempo adquiriram caráter identitário.

Não há dúvida de que o caráter rural moldou a cultura e a língua falada em Goiás. E um dos traços dessa ruralidade na fala se conserva ainda hoje no uso do *nós* com singular verbal. Mesmo o êxodo do campo para a cidade, no século XX, não alterou esse uso, pois o meio urbano não apresentava diferença qualitativa relevante para impulsionar qualquer alteração. A prática de uso de verbo no singular com *nós*, presente na fala de pessoas com mais de 10 anos de escolarização de nossa amostra, é parte dessa herança e se constitui como traço identitário. O panorama dos resultados quantitativos atuais sugere um aumento da não concordância desse tipo. Nos moldes de Labov (1972) trata-se de uma mudança *from below*, ao nosso ver com a peculiaridade de constituir-se como um fenômeno consciente. O uso mais intenso de *a gente* teria se dado a partir da década de 1970 concomitantemente aos processos

de industrialização, crescimento urbano e de ampliação da imigração no estado, como uma mudança *from above* (LABOV, 1972).

Os resultados estatísticos baseados em 2412 dados de fala, todos com convergência, apontam que as dinâmicas linguísticas e sociais subjacentes aos fenômenos investigados apresentam semelhança com aquelas atuantes em outras regiões brasileiras, exceto o nível de ocorrência de singular verbal com *nós* no segmento social mais escolarizado de área urbana. O entendimento desse uso linguístico se faz a partir da matriz cultural do Estado.

Nossa amostra apresentou um percentual de 25% de uso de *nós* sem CV, em cuja rodada específica tivemos, para o plano da análise linguística, a influência da variável *ritmo*, com a indicação de que o singular verbal é altamente favorecido (0,88 de peso relativo) em contexto de esquiva da formação de vocábulos proparoxítonos como se dá no caso da incorporação das desinências de pretérito imperfeito do indicativo e do subjuntivo e do futuro do pretérito do indicativo; e em caso de manutenção da paroxitonicidade após a incorporação de {-mos}, como se dá no tempo presente (0,58 de peso relativo) em *fala/falamos* ou *pode/podemos*, sinalizando que a incorporação de {-mos} têm sempre um "custo" para um sistema linguístico, o PB, cujo valor padrão (*default*) é a paroxitonicidade. Outro indício importante é ser o singular verbal com *nós* desfavorecido (0,35) em caso de ritmo do grupo 3 (oxítone/paroxítone), do tipo *tem/temos*.

A tendência de uso de *nós* + {-mos} em Goiás parece ser recente, devida certamente à força de atuação da escola, pois na década de 1940 Teixeira (1944, p. 97) cita, para a fala goiana, a "simplificação das desinências verbais, que ordinariamente se estandardizam na forma da 3ª pessoa do singular", e apontando o *nós* como geralmente expresso, acrescentando que a presença das formas pronominais teria a função de distinguir as pessoas gramaticais (cf. TEIXEIRA, 1944, p. 103), pois a desinência verbal de terceira pessoa não o faz. Consideramos essa afirmação de Teixeira (1944, p. 103) um apontamento favorável ao argumento de que o uso vernáculo do *nós* em Goiás se fazia prioritariamente com verbo no singular.

No plano da análise de cunho social para o uso de singular verbal com *nós*, a seleção estatística apontou 3 variáveis: *nível de escolarização*, *faixa etária* e *sexo/gênero do falante*. Pessoas com um mínimo de 10 anos de frequência escolar favorecem a tendência de uso de singular verbal com *nós* (0,80) ao passo que pessoas com mais anos de estudos desfavorecem essa tendência (0,37). É certo que a pressão escolar funciona no sentido de transpor para a fala cotidiana o padrão normativo que ela divulga, mas em Goiás verificamos que a prática identitária do *nós* sem CV acontece sempre, independentemente do nível de escolarização.



A variável *faixa etária* apresenta os mais jovens (16 a 24 anos) como favorecedores (0,82) do singular verbal em oposição aos mais velhos (41 a 86 anos) que o desfavorecem (0,22).

Para a variável *sexo/gênero do falante*, a seleção apontou mulheres favorecendo (0,69) a não CV com *nós* e homens desfavorecendo-a (0,34). Compreendemos esse comportamento feminino à luz do princípio de análise laboviano, reajustado por Scherre e Yacovenco (2011) com base em marcação, de que mulheres estão à frente na variação ou na mudança quando se trata de configurações linguísticas menos marcadas, mas não necessariamente mais prestigiadas, como é o caso do uso, da tradição linguística goiana, do singular verbal com *nós*. Temos, então, para o fenômeno do *nós* com singular verbal, dada a amplitude de influência das variáveis sociais, a evidência de que se trata de um fenômeno de forte cunho social e de que se faz necessária uma revisão do conceito de prestígio, a ser realizada considerando novas bases.

A não CV com *a gente*, manifesta no uso do plural verbal, apresenta média de 3% de ocorrência na fala goiana, baixíssima porcentagem como sujeito exposto (0,4%) e porcentagem de 13% como sujeito não exposto, dimensão essa que atribuímos, como Mattos, (2003, 2010), à eficiência do plural na referenciação livre de ambiguidade ao *a gente*, um sujeito com noção de coletivo. Em 1631 dados de *a gente* a seleção estatística do Goldvarb X apontou 4 variáveis de caráter linguístico e uma de caráter social: *expressão do sujeito, tempo verbal, sintaxe da oração, ritmo e faixa etária*.

Para caracterização linguística, a variável *expressão do sujeito* apontou a condição de sujeito não exposto como favorecedora (0,97) do plural verbal e de sujeito exposto como desfavorecedora (0,30). Com *tempo verbal*, verificamos o favorecimento de plural verbal em contexto de pretérito perfeito (0,74) e futuro do presente perifrástico (0,98) e desfavorecimento em caso de pretérito imperfeito (0,31) e presente do indicativo (0,47). Para a variável *sintaxe*, verificamos favorecimento de plural verbal com *a gente* para contextos de oração principal (0,89), desfavorecimento em caso de orações subordinadas (0,23) e leve tendência de favorecimento em caso de coordenação (0,53). Para *ritmo*, verificamos favorecimento de plural no verbo (incorporação de {-mos}) quando se trata do grupo 3, oxítone/paroxítone, (0,65), nesse caso um movimento do sistema rítmico orientado para a paroxitonicidade. Finalmente, a seleção da variável *faixa etária* apontou que as pessoas mais velhas (41 a 86 anos) favorecem (0,80) o plural verbal, ao passo que as demais faixas etárias desfavorecem: 0,47 para os falantes entre 25 e 40 anos e 0,37 para os mais jovens.

Nos 2205 dados considerados na análise estatística para a alternância entre *nós* e *a gente* na fala goiana, a seleção, centrada no *a gente*, apontou 3 variáveis linguísticas, *tempo verbal*, *ritmo* e *expressão do sujeito*, e as 3 variáveis sociais, *faixa etária*, *nível de escolarização* e *sexo/gênero do falante*. No conjunto das variáveis linguísticas temos, para *tempo verbal*, pretérito imperfeito (0,64) e presente (0,58) favorecendo *a gente*; e pretérito perfeito (0,29) e futuro do presente perifrástico (0,23) desfavorecendo; para *ritmo*, grupo 2 (0,63) e grupo 1 (0,54) favorecendo o uso de *a gente*, em oposição ao grupo 3 (0,41) que o desfavorece; para *expressão do sujeito*, sujeito expreso favorecendo (0,54) e não expreso desfavorecendo (0,34) a emergência do *a gente*. No conjunto das variáveis de cunho social temos, para *faixa etária*, os mais jovens (16 a 24 anos) favorecendo (0,70) o *a gente* e os demais segmentos etários desfavorecendo: falantes entre 25 e 40 anos (0,49) e falantes entre 41 e 86 anos (0,23); para *nível de escolarização*, falantes com 10-11 anos de estudos formais favorecendo *a gente* (0,69) e falantes acima desse patamar de estudos desfavorecendo (0,37); para *sexo/gênero do falante*, temos mulheres favorecendo (0,60) e homens desfavorecendo o uso do *a gente* (0,41).

Ao final, em se tratando dos fenômenos de 1pp analisados na fala goiana, tudo converge para o entendimento de que, do ponto de vista linguístico, o controle da paroxitonicidade é fundamental, pois a variável *ritmo* foi selecionada para a análise de todos os fenômenos linguísticos considerados nesta pesquisa: para o favorecimento do uso do *a gente* (alternância), o sistema rítmico apontou o sentido de conservação da paroxitonicidade; o favorecimento de singular verbal com *nós* acontece como uma fuga do ritmo proparoxítono em direção ao paroxítono; e o favorecimento de plural verbal com *a gente* acontece como um ajuste do ritmo oxítono em direção ao paroxítono. O alcance dos resultados referentes a *ritmo* certamente não se restringem à fala goiana uma vez que a tendência à paroxitonicidade é um atributo da língua.

Registramos uma sistemática de base rítmica regulando a dinâmica da incorporação/desincorporação da desinênciã {-mos} em função de uma tendência à tonicidade paroxítônica no PB. No caso da não CV com *nós*, a paroxitonicidade é alcançada pela desincorporação do {-mos} e consequente esquiva da proparoxitonicidade (peso relativo de 0,88); no caso da não CV com *a gente*, a paroxitonicidade é alcançada pela incorporação do {-mos} a um vocábulo oxítono (peso relativo de 0,65); e no caso da alternância de uso, o favorecimento de *a gente* (sem {-mos}) acontece em contexto de manutenção da paroxitonicidade (peso relativo de 0,63).

A maior parte das tendências, de cunho linguístico ou social apontadas estatisticamente, não são privilégio da fala goiana, pois se manifestam na fala de outras comunidades brasileiras, conforme pesquisas variacionistas diversas referidas no corpo de nosso trabalho. A grande diferença da fala goiana, relativamente à 1<sup>pp</sup> é o uso do singular verbal com *nós*, que remete às raízes rurais da cultura e que os goianos praticam sem estigmatização. Essa identidade cultural e linguística de base rural estaria sendo atualizada particularmente na fala dos mais jovens, na contramão do crescente efeito da escolarização para o aumento do nível da concordância verbal, apontado em pesquisa de Naro e Scherre (2003, p. 54), baseada em tempo real, sobre terceira pessoa do plural<sup>84</sup>.

Não sabemos a dimensão desse uso na sociedade goiana como um todo, mas suspeitamos que sua amplitude seja considerável quanto mais nos aproximarmos dos falantes mais ajustados às práticas linguísticas da tradição e com menor nível de escolarização que os de nossa amostra.

A valorização constante ao longo do tempo de um uso linguístico da cultura original (*nós* + singular verbal), na contramão do desenvolvimento urbano e suas consequências, e levando em conta o uso crescente de *a gente* no Brasil em geral, faz de Goiás um exemplo de comunidade que legitima e preserva sua memória, reconhecendo esse uso como um elemento do patrimônio cultural e linguístico.

Mencionamos, finalmente, a afirmação de Teyssier (1997, p. 79), a respeito de as diferenças dialetais no Brasil serem mais de ordem sociocultural que geográfica. No caso goiano, suas singularidades geográfica e sociocultural coincidentemente atuaram juntas, pois se os obstáculos referentes a sua localização geográfica, comparativamente às facilidades do Brasil litorâneo, acarretaram uma demora nos empreendimentos de povoamento e de investimento econômico, a posterior dinâmica sociocultural em seu território considerou a mesclagem sem desfazer-se de sua identidade linguística.

---

<sup>84</sup> Todos os falantes que aumentaram os anos de escolarização aumentaram também de forma significativa os níveis de concordância (NARO e SCHERRE, 2003, p. 54).

## REFERÊNCIAS

- AGUIAR, C. A. de et alii. *Por uma vida melhor: educação de Jovens e Adultos: segundo segmento do ensino fundamental*. Vol. 2, 1.ed. São Paulo: Global/ Ação Educativa, 2009. Col. Viver, Aprender.
- AMARAL, Amadeu. *O dialeto caipira: gramática, vocabulário*. 4.ed. São Paulo: HUCITEC; Brasília: INL, 1982.
- ASSIS, Wilson R. *Estudos de história de Goiás*. Goiânia: Editora Vieira, 2005.
- BARBO, Lenora de C. e SCHLEE, Andrey R. As estradas coloniais na Cartografia Setecentista da Capitania de Goiás. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE CARTOGRAFIA HISTÓRICA, 1., 2011, Paraty, RJ. *Anais do I Simpósio Brasileiro de Cartografia Histórica*, Paraty, 2011. Disponível em: [https://www.ufmg.br/rededemuseus/crch/simpósio/BARBO\\_LENORA\\_C\\_E\\_SCHLEE\\_AND\\_REY\\_R.pdf](https://www.ufmg.br/rededemuseus/crch/simpósio/BARBO_LENORA_C_E_SCHLEE_AND_REY_R.pdf). Acesso em jun. 21012.
- BERTRAN, Paulo. *Historia da terra e do homem no planalto central: eco-história do Distrito federal – do indígena ao colonizador*. Brasília, s/e, 2000. Disponível em: <http://www.paulobertran.com.br/bertran/index.php>. Acesso em setembro de 2011.
- \_\_\_\_\_. *Formação econômica de Goiás*. Goiânia: Oriente, 1978.
- BISOL, Leda. *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. 4.ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.
- BORGES, Dalmo Vinicius C. *Construções causativas no português do Centro-Oeste nos séculos XVIII-XIX e no português atual*. Brasília, 2008. 144f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília.
- BORGES, D. V. C. e SALLES, H. M. M. L. Complementação sentencial no português da província de Goiás no século XVIII. Fortaleza, SBPC, jul. 2005. Disponível em: [http://www.sbpcnet.org.br/livro/57ra/programas/senior/RESUMOS/resumo\\_2881.html](http://www.sbpcnet.org.br/livro/57ra/programas/senior/RESUMOS/resumo_2881.html)
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. A concordância verbal em português: um estudo de sua significação social. In: VOTRE, Sebastião e RONCARATI, Claudia (orgs.). *Anthony Julius Naro e a linguística no Brasil: uma homenagem acadêmica*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008.
- \_\_\_\_\_. *Do campo para a cidade: estudo sociolinguístico de migração e redes sociais*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.
- BRAGA, Helaine da C. e ALMEIDA, Maria Geralda de. *Tradição e modernidade em Goiás: uma breve reflexão sobre sua dimensão cultural*. Curitiba. II Colóquio Nacional do Neer, Nov. 2008. Disponível em: [http://www.geografia.ufpr.br/neer/NEER-2/autor\\_h.html](http://www.geografia.ufpr.br/neer/NEER-2/autor_h.html). Acesso em mar. 2011.
- BRASIL. Presidência da República. *Constituição da República Federativa do Brasil*, 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/>.

BRETAS, Genesco F. *História da instrução pública em Goiás*. Goiânia: CEGRAF/UFG, 1991.

CAMARA JR. J. *História da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1976.

CANEZIN, Maria T. e LOUREIRO, Walderês N. *A escola normal em Goiás*. Goiânia: UFG, 1994.

CARNEIRO, Eliana M. F. *Educação em Goiás de 1964 a 1978: a política que não e a do ensino*. Rio de Janeiro, 1984. 260f. Dissertação de Mestrado. Instituto de Estudos Avançados em Educação, Fundação Getúlio Vargas.

CHAIM, Marivone M. *Os aldeamentos indígenas na Capitania de Goiás: sua importância na política de povoamento (1749-1811)*. Goiânia: Oriente, 1974.

CHAUL, Nasr F. *Caminhos de Goiás: da construção da decadência aos limites da modernidade*. Goiânia: Editora da UFG, 2002.

\_\_\_\_\_. A identidade cultural do Goiano. *Ciência e Cultura*. São Paulo, v. 63, n. 3, July 2011 . Disponível em: <[http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0009-67252011000300016&lng=en&nrm=iso](http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252011000300016&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 23 Sept. 2011.

\_\_\_\_\_. *A construção de Goiânia e a transferência da capital*. Goiânia: Editora da UFG, 1999.

\_\_\_\_\_. Goiânia: A capital do sertão. *Revista UFG*. Ano XI, nº 6. Jun. 2009. p. 100-110.

CHAUL, N. F. e DA SILVA, Luis Sergio Duarte. *As cidades dos sonhos: desenvolvimento urbano em Goiás*. Goiânia: Editora da UFG, 2004.

CORALINA, Cora. *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais*. 18. ed. São Paulo: Global, 1985.

COUTINHO, I. L. *Pontos de gramática histórica*. 6. ed. revista e aumentada. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1974.

COUTO, Hildo H. do. Prolegômenos ao estudo do acento em português. *Polifonia*. V.12, n.2, p. 73-89, 2006. Cuibá, EduFMT.

CUNHA, Celso F. da. *Gramática da língua portuguesa*. 8.ed. Rio de Janeiro: FENAME, 1982.

\_\_\_\_\_. *Língua portuguesa e realidade brasileira*. 9.ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1986.

DA COSTA, Marcelo H. *Goiânia: mito ou modernidade? Um olhar publicitário sobre a identidade da cidade*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Artes Visuais, 2007.

DA SILVA, Vera L. Relevância das variáveis linguísticas. IN: MOLLICA, M. C. e BRAGA, M. L. (orgs.) *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003.

DESCHAMPS, Jean-Claude e MOLINER, Pascal. *A identidade em psicologia social: dos processos identitários às representações sociais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

DIÁRIO DA MANHÃ. Disponível em: <http://www.dm.com.br/>.

DUARTE, Maria Beatriz Balena e MEDEIROS, João Luiz (orgs.). *Mosaico de identidades*. Curitiba: Juruá, 2004.

ELIA, Silvio. *Fundamentos histórico-linguísticos do português do Brasil*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

ESTEVAM, Luís. *O tempo da transformação: estrutura e dinâmica da formação econômica de Goiás*. 2.ed. Goiânia, GO: Ed. Da UCG, 2004.

\_\_\_\_\_. Geração de emprego e a segunda marcha para o Oeste. 2005. Disponível em: <http://www2.ucg.br/flash/artigos/050928oeste.html>. Acesso em set. 2011.

FERNANDES, Eliene. *Nós e a gente: variação na cidade de João Pessoa*. 1996. 117f. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 1996.

GIVÓN, Talmy. *Functionalism and grammar*. Philadelphia: John Benjamins, 1995.

GRAEBIN, Gerusa de S. *A fala de Formosa/GO: a pronúncia das vogais médias pretônicas*. Brasília, 2008b. 243f. Dissertação de Mestrado em Linguística. Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade de Brasília.

\_\_\_\_\_. Transcrição das entrevistas cedida pela autora. 2008a.

GUY, Gregory R. Varbrul: análise avançada. In: MATTE, Neusa da S.(org.). *Cadernos de tradução*. Porto Alegre: UFRGS, 1998. Instituto de Letras. p. 27-49.

GUY, Gregory R. e ZILLES, Ana M. *Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise*. São Paulo: Parábola, 2007.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *População jovem no Brasil: a dimensão demográfica*. Disponível em: [http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/Populacao/populacao\\_jovem\\_brasil/comentario1.pdf](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/Populacao/populacao_jovem_brasil/comentario1.pdf). Acesso em 23/02/2012.

caopopulacao\_jovem\_brasil/comentario1.pdf. Acesso em 23/02/2012.

LABOV, W. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972. [*Padrões sociolinguísticos*. Trad. Marcos Bagno, M. Marta P. Scherre e Caroline Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008].

\_\_\_\_\_. *Principles of Linguistic Change: internal factors*. Oxford, Blackwell, 1994.

\_\_\_\_\_. *Principles of linguistic change: social factors*. Massachusetts: Blackwell publishers, 2001.

\_\_\_\_\_. *Principles of Linguistic Change: cognitive and cultural factors*. United Kingdom: Wiley-Blackwell, 2010.

LOPES, Célia Regina dos Santos. Nós e a gente no português falado culto do Brasil. *DELTA*[online]. 1998, vol.14, n.2, pp. 405-422.

\_\_\_\_\_. De gente para a gente: o século XIX como fase de transição. In: ALKMIM, Tânia M. (org.). *Para a história do português brasileiro*. Vol. III. Novos estudos. São Paulo: Humanitas -USP/FAPESP, 2002.

\_\_\_\_\_. *A inserção de a gente no quadro pronominal do português*. Madrid/Frankfurt: Iberoamericana/Vervuert, 2003. Col. Linguística Iberoamericana, vol. 18.

MASSINI-CACLIARI, Gladis. *Acento e ritmo*. São Paulo: Contexto, 1992.

MASSINI-CAGLIARI, Gladis. *Do poético ao linguístico no ritmo dos trovadores: três momentos da história do acento*. Araraquara: FCL, Laboratório Editorial, UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 1999.

MATTOS, S. E. R. *Sujeito coletivo singular em português: concordância e referencialidade*. Brasília, 2003. 105 f. Dissertação (Mestrado em Linguística), Instituto de Letras, Universidade de Brasília.

\_\_\_\_\_. Pluralização com sujeito de tipo coletivo singular. *Linguística*, Rio de Janeiro, vol. 6, n. 1, p. 73 - 85. Junho 2010.

MELO, Anderson B. de. *A política indigenista pombalina na capitania de Goyaz : o tempo de rendição (1772 - 1783)*. Universidade de Brasília, Departamento de História, 2008. Dissertação de Mestrado. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10482/1488>. Acesso em mar. 2011>.

MENDONÇA, A. K. *Nós e a gente em Vitória: análise sociolinguística da fala capixaba*. Vitória, 2010. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo.

MEYERHOFF, Miriam. *Introducing sociolinguistics*. 2<sup>nd</sup> ed. USA: Routledge/Taylor & Francis, 2011.

MUNIZ, L. *On the use of a gente in brazilian portuguese*. Independent study, Fall 2007 – G. R. Guy. Inédito.

NASCIMENTO, André M. Variação e mudança na expressão do dativo em comunidades rurais goianas e suas relações com o português brasileiro. *Domínios de lingu@gem*. Ano 3, n. 2, 2/2009. p. 36-74.

\_\_\_\_\_. A concordância de gênero no português escrito por índios karajá: novos dados para a compreensão das origens do português brasileiro em Goiás. I Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa (SIMELP). USP (Universidade de São Paulo), 01 a 05 de setembro de 2008. Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/dlcv/lport/pdf/slp34/02.pdf>.

NARO, Antony Julius. The social and structural dimensions of a syntactic change. *Language*, 57(1):63-98, 1981.

\_\_\_\_\_. Modelos quantitativos e tratamento estatístico. In: MOLLICA, M. C. (org.). *Introdução à sociolinguística variacionista*. Cadernos Didáticos. FL/UFRJ. p. 17-25, 1992.

NARO, Anthony J.; GORSKI, Edair; FERNANDES, Eulália. Change without change. In: *Language variation and change*, 11, 197-211. Cambridge U. Press, 1999.

NARO, Anthony J.; SCHERRE, Maria Marta Pereira. Aquisição de formas de prestígio: o papel do gênero em tempo real. In: MEIRA, V. (org.) *Português Brasileiro: estudos funcionalistas e sociolinguísticos*. Salvador: EDUNEB, 2009, p. 101 - 124.

\_\_\_\_\_. *Origens do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2007.

\_\_\_\_\_. Estabilidade e mudança linguística em tempo real: a concordância de número. In: PAIVA, Maria da C. de; DUARTE, Maria Eugenia L. (orgs.). *Mudança lingüística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2003.

OLIVEIRA, Marco de. *Phonological variation in Brazilian Portuguese*. Unpublished University of Pensilvania dissertation, 1983.

OMENA, Nelize P. de. As influências sociais na variação entre *nós* e *a gente* na função de sujeito. In: G. M. de O. e SILVA & M. M. P. SCHERRE (orgs.) *Padrões sociolingüísticos - análises de fenômenos variáveis do português falado no Rio de Janeiro*. 2.ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1998.

\_\_\_\_\_. A referência à primeira pessoa do plural: variação ou mudança?. In: PAIVA, Maria da C. de; DUARTE, Maria Eugenia L. (orgs.). *Mudança lingüística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2003.

PÁDUA, Hosamis R. de. *Linguística e história em Acaba Vida*. Goiânia: Ministério da Integração Nacional/UFG, 2002. Coleção Centro-Oeste de Estudos e Pesquisas.

PALACÍN, L. *O Século do Ouro em Goiás*. Goiânia: Editora da UCG, 1994.

\_\_\_\_\_. *Goiás 1722-1822: estrutura e conjuntura numa capitania de Minas*. Goiânia: Oriente, 1972.

PALACÍN, Luis e MORAES, Maria Augusta de S. *História de Goiás (1722-1972)*. 7.ed. revisada. Goiânia: Editora da UCG/Ed. Vieira, 2008.

PAULA, Luciano Melo de. *Goyania, a épica romântica da conquista de Goiás*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Goiás. Faculdade de Letras, 2007.

PETILLO, Alexandre. O que é ser goiano. *Diário da Manhã*. Goiânia, 05 mar. 2005.

PINTZUK, Susan. *Varbrul programs*, 1988. Inédito.

POLLACK, Michael. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

POLONIAL, Juscelino. *Ensaio sobre a história de Anápolis*. Anápolis, GO: Kelps, 2011.

PORTVIX. *Português Falado na Cidade de Vitória*. Disponível em: <http://ebookpp.com/po/portvix-pdf.html>. Acesso em mai. 2012.

QUEIROZ, Eduardo P. de. *A formação histórica da região do Distrito Federal e Entorno: dos municípios-gênese à presente configuração territorial*. Brasília, 2007. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Instituto de Ciências Humanas, Universidade de Brasília.



QUINTELA, Antón Corbacho. *As cartas de Goyaz*. SIGNÓTICA, v. 16, n. 1, p. 15-41, jan./jun. 2004.

QUINTELA, Antón; CASTRO, Luciana. Goyania = goiânia: de poema a topônimo. In: *Revista UFG*. Goiânia, Ano IX, nº 1, ago. 2007.

RAMOS, Hugo de Carvalho. *Obras completas*. São Paulo: Panorama, 1950.

REZENDE SANTOS, Tânia Ferreira. A mudança *Adjetivo/Nome > Nome/Adjetivo* e o conservadorismo da fala rural goiana. Belo Horizonte, 2008. 573 f. Tese (Doutoramento em Linguística) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais.

RODRIGUES, Aryon D. *Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Edições Loyola, 1994.

RUBIO, Cássio Florêncio. *Padrões de concordância verbal e de alternância pronominal no português brasileiro e europeu: estudo sociolinguístico comparativo*. São José do Rio Preto, 2012. 391 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista.

SANKOFF, David. Sociolinguistics and syntactic variation. *Linguistics: the Cambridge Survey*. IV Language: the socio-cultural context (F. Newmeyer, ed.), Cambridge: Cambridge University Press, 1988a. p. 140-161.

\_\_\_\_\_. Variable rules. In Ammon, U., Dittmar, N. & Mathheier, K.J. (Eds.), *Berlin Sociolinguistics: An International Handbook of the Science of Language and Society Vol. 2*. Walter de Gruyter, 1988b. p. 984-998.

SANKOFF, D., TAGLIAMONTE, Sali & SMITH, Eric. *Goldvarb X: A multivariate analysis application*. Toronto: Department of Linguistics; Ottawa: Department of Mathematics, 2005. Disponível em: <[http://individual.utoronto.ca/tagliamonte /Goldvarb/GV\\_index.htm#ref](http://individual.utoronto.ca/tagliamonte /Goldvarb/GV_index.htm#ref)>.

\_\_\_\_\_. *Goldvarb Lion: A multivariate analysis application*. Toronto: Department of Linguistics; Ottawa: Department of Mathematics, 2012. Disponível em: <[http://individual.utoronto.ca/tagliamonte /Goldvarb/GV\\_index.htm#ref](http://individual.utoronto.ca/tagliamonte /Goldvarb/GV_index.htm#ref)>.

SANTOS, Tânia F. R. e PÁDUA, H. R. de. “*r caipira*” e identidade lingüística em Goiás. Resumos do III Encontro da ABCECS - Associação Brasileira de Estudos Crioulos e Similares, 2004. Disponível em: [http://www.abecs.net/site/images/stories/arquivos/PDF/3\\_resumos.pdf](http://www.abecs.net/site/images/stories/arquivos/PDF/3_resumos.pdf).

SCHERRE, Maria Marta P. e NARO, Anthony J. Análise quantitativa e tópicos de interpretação do Varbrul. In: M. C. Mollica & M. L. Braga (orgs.) *Introdução à sociolinguística: O tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 147-178.

SCHERRE, M. M. P. e YACOVENCO, L. C. *A variação linguística e o papel dos fatores sociais: o gênero do falante em foco*. 2011. Revista da ABRALIN. Vol. Eletrônico. Disponível em: <http://www.abralin.org/revista/RVE1/v14.pdf>. Acesso em março de 2012.

SEPLAN. Secretaria de Estado de Gestão e Planejamento – Estado de Goiás. Disponível em: <<http://www.seplan.go.gov.br/>>. Acesso em mai. 2011.

SEPIN. Superintendência de Estatísticas, Pesquisa e Informações Socioeconômicas – Estado de Goiás. Disponível em: < <http://www.seplan.go.gov.br/sepin/>>. Acesso em mai. 2011.

SILVA, Nancy Ribeiro de A. e. *Tradição e renovação educacional em Goiás*. Goiânia: Oriente, 1975.

SILVA, Reijane Pinheiro da. Rodeio: um texto sobre Goiás. *Sociedade e Cultura*, v. 4, n. 2, jul./dez. 2001, p. 171-194. Universidade Federal de Goiás.

TAGLIAMONTE, Sali A. *Analysing sociolinguistic variation*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

TEIXEIRA, José D'Aparecida. *Estudos de dialetologia portuguesa: linguagem de Goiás*. São Paulo: Anchieta, 1944.

TELLES, José Mendonça. Ser goiano. UBE-GO. Disponível em: <http://www.ubebr.com.br/post/cronica/ser-goiano-jose-mendonca-telles>. Acesso em mai. 2011.

TEYSSIER, Paul. *História da língua portuguesa*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

TRAVIS, C. E & SILVEIRA, A. S. The role of frequency in first-person plural variation in Brazilian Portuguese: Nós vs. a gente. *Studies in Hispanic and Lusophone Linguistics*. New Mexico, v.2, n. 2, p. 347-376, fall 2009.

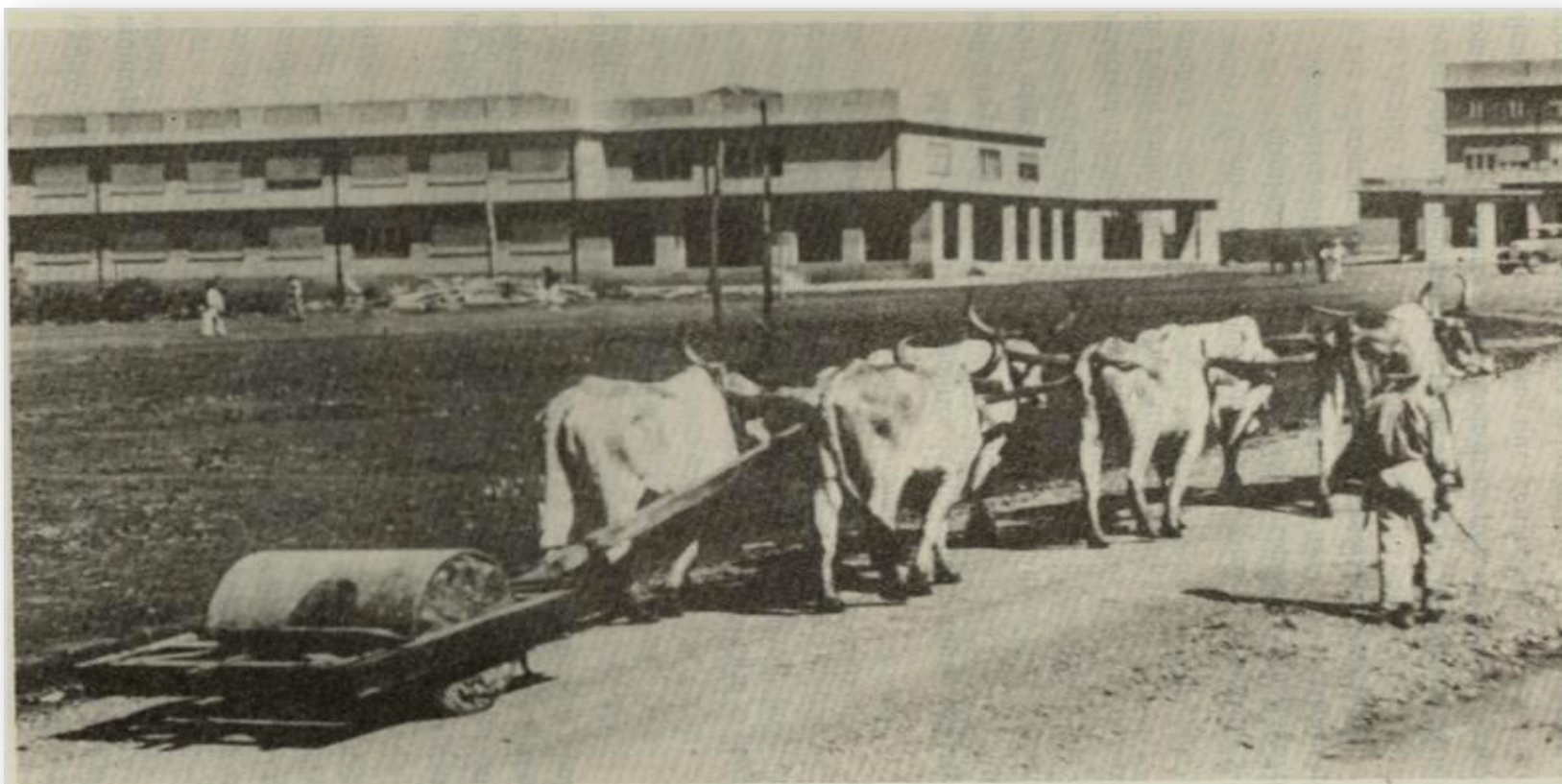
VIANNA, Juliana B. de Segadas. *Semelhanças e diferenças na implementação de a gente em variedades do português*. Rio de Janeiro, 2011. 234 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Letras e Artes, Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

WEINREICH, Weinreich; LABOV, William; HERZOG, Marvin. "Empirical Foundations for Theory of Language Change". In: LEHMANN, Paul; MALKIEL, Yakov. (eds.) *Directions for Historical Linguistics*. Austin: University of Texas Press, 1968. p. 95-188. [*Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Trad.: Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006.]

ZILLES, Ana M. S. The development of a new pronoun: the linguistic and social embedding of *a gente* in Brazilian Portuguese. *Language variation and change*, 17, 19-53. Cambridge U. Press, 2005.

ZILLES, A. M. S.; MAYA, L. Z.; SILVA, K. Q. (2000). A concordância verbal com a primeira pessoa do plural na fala de Panambi e Porto Alegre, RS. *Organon - Estudos da língua falada*. Porto Alegre, UFRGS - Instituto de Letras, 28/29(14):195-219.

## ANEXO A – Contextos da construção de Goiânia



Goiânia, Palácio do Governo, 1937. Fonte: Arquivo *O Popular*

Goiânia, Palácio do Governo (1937). Fantástica expressão da mesclagem do urbano com o rural que resume o conteúdo simbólico da nova capital. O concreto armado e a arquitetura moderna da época contrastavam com o meio de transporte rudimentar.

Fonte: CHAUL (2004, p. 227)



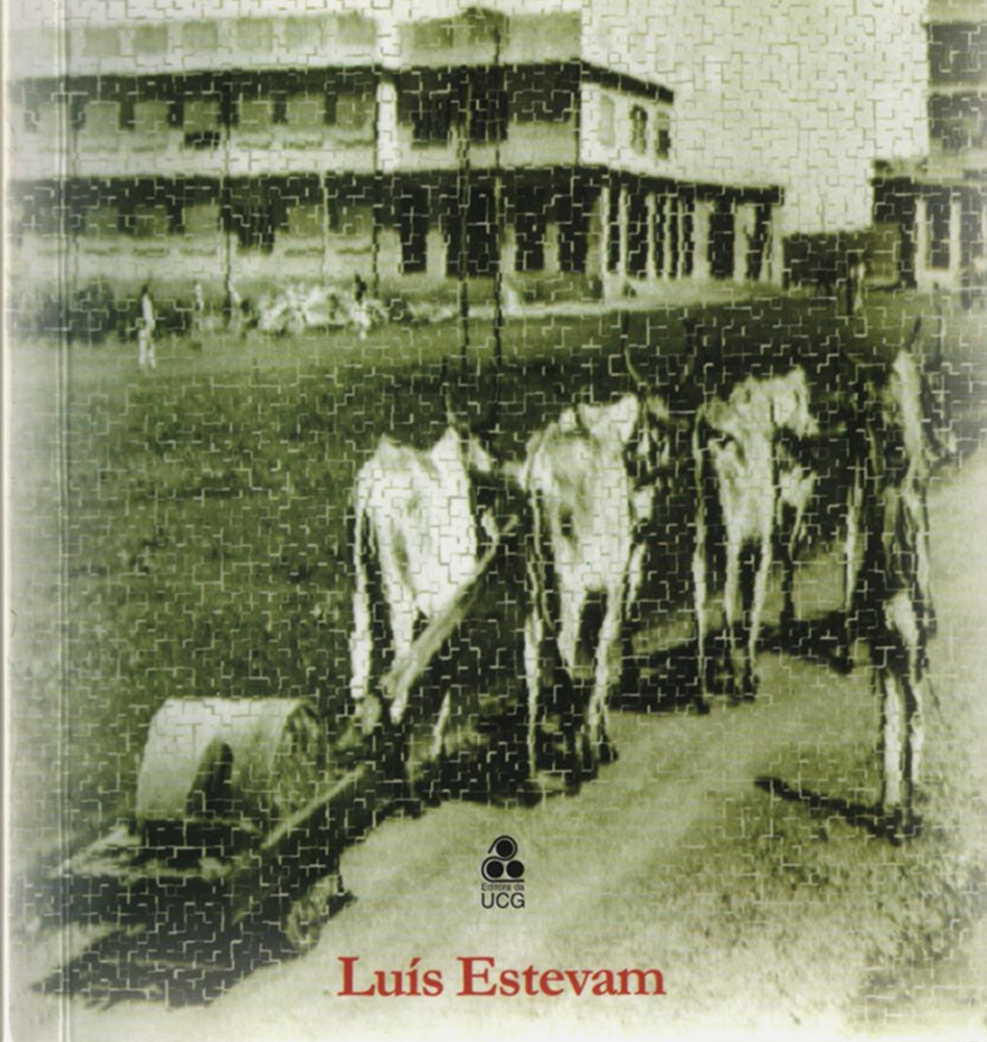
Goiânia, Mercado Municipal, 1936. Fonte: Arquivo *O Popular*



Goiânia - Acampamento de Operários, 1936. Fonte: Arquivo *O Popular*

# O TEMPO DA TRANSFORMAÇÃO

Estrutura e dinâmica da  
formação econômica de Goiás



Capa do livro de Luis Estevam com foto do início de Goiânia.

## ANEXO B – Crônica

### Ser Goiano

José Mendonça Telles. 10/02/2010.

Ser goiano é carregar uma tristeza telúrica num coração aberto de sorrisos. É ser dócil e falante, impetuoso e tímido. É dar uma galinha para não entrar na briga e um nelore para sair dela. É amar o passado, a história, as tradições, sem desprezar o moderno. É ter latifúndio e viver simplório, comer pequi, guariroba, galinhada e feijoada, e não estar nem aí para os pratos de fora.

Ser goiano é saber perder um pedaço de terras para Minas, mas não perder o direito de dizer também uai, este negócio, este trem, quando as palavras se atropelam no caminho da imaginação.

O goiano da gema vive na cidade com um carro-de-boi cantando na memória. Acredita na panela cheia, mesmo quando a refeição se resume em abobrinha e quiabo. Lê poemas de Cora Coralina e sente-se na eterna juventude.

Ser goiano é saber cantar música caipira e conversar com Beethoven, Chopin, Tchaikovsky e Carlos Gomes. É acreditar no sertão como um ser tão próximo, tão dentro da alma. É carregar um eterno monjolo no coração e ouvir um berrante tocando longe, bem perto do sentimento. Ser goiano é possuir um roçado e sentir-se um plantador de soja, tal o amor à terra que lhe acaricia os pés. É dar tapinha nas costas do amigo, mesmo quando esse amigo já lhe passou uma rasteira.

O goiano de pé-rachado não despreza uma pamonhada e teima em dizer ei, trem bão, ao ver a felicidade passar na janela, e exclama viche, quando se assusta com a presença dela.

Ser goiano é botar os pés uma botina ringideira e dirigir tratores pelas ruas da cidade. É beber caipirinha no tira-gosto da tarde, com a cerveja na eterna saideira. É fabricar rapadura, ter um passopreto nos olhos e um santo por devoção.

O goiano histórico sabe que o Araguaia não passa de um "corgo", tal a familiaridade com os rios. Vive em palacetes e se exila nos botecos da esquina. Chupa jabuticaba, come bolo de arroz e toma licor de jenipapo. É machista, mas deixa que a mulher tome conta da casa.

O bom goiano aceita a divisão do Estado, por entender que a alma goiana permanece eterna na saga do Tocantins.

Ser goiano é saber fundar cidades. É pisar no Universo sem tirar os pés deste chão parado. É cultivar a goianidade como herança maior. É ser justo, honesto, religioso e amante da liberdade.

Brasília em terras goianas é gesto de doação, é patriotismo. Simboliza poder. Mas o goiano não sai por aí contando vantagem.

Ser goiano é olhar para a lua e sonhar, pensar que é queijo e continuar sonhando, pois entre o queijo e o beijo, a solução goiana é uma rima.

Disponível em: <<http://www.ubebr.com.br/post/cronica/ser-goiano-jose-mendonca-telles>>. Acesso em: mai. 2011.



